

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Daiana Rodrigues da Silva

“Estilo motoboy”: um estudo da caracterização do profissional
motofretista por meio da linguagem.

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

SÃO PAULO
2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Daiana Rodrigues da Silva

“Estilo motoboy”: um estudo da caracterização do profissional
motofretista por meio da linguagem.

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre em Língua
Portuguesa pela Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, sob a orientação do
Prof. Dr. Dino Fioravante Preti.

SÃO PAULO
2010

Banca Examinadora

Aos profissionais do motofrete, o meu carinho e respeito à luta diária pela
sobrevivência na selva de pedra.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Sueli, pela garra com que lutou todos esses anos para proporcionar aos filhos e netos uma vida melhor e feliz.

Ao meu pai Donero, pelo carinho e gentileza que, apesar da distância, é sempre maior a cada encontro.

Ao amigo José Luiz Feijó Nunes, meu maior incentivador na continuidade dos estudos na área de Língua Portuguesa.

Ao professor Dino Preti, pela educação e paciência com esta orientanda “rebelde” e por me ensinar que ninguém cresce com elogios.

À minha irmã Adriana, por ter dado aquilo que tenho de mais precioso na minha vida, meus sobrinhos Bruna e Felipe.

Aos amigos da Escola Estadual João Ramalho, que foram cúmplices das minhas angústias e alegrias durante todo meu percurso no mestrado.

Aos integrantes do *site* Canal Motoboy, pelas contribuições na coleta de *corpus* e no histórico do projeto.

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta analisar a linguagem dos motoboys de São Paulo e a criação de vocábulos gírios que refletem a visão de mundo de uma categoria profissional que tem a sua imagem vinculada a um estereótipo de violência e irresponsabilidade.

Pretendemos também, à luz da teoria da Análise da Conversação, verificar como se estrutura a linguagem que caracteriza o grupo, quando da interação com outros motoboys.

Para tanto, teremos como corpus entrevistas e legendas de fotos publicadas no site Canal Motoboy, no qual 12 motoboys, munidos de celulares de última geração, registram os principais problemas de uma grande cidade como São Paulo.

O estudo, portanto, seguirá por dois caminhos: verificar a identificação dos integrantes do grupo social motoboys, a criação de um laço de solidariedade por meio da linguagem e, por outro lado, de como o uso destes vocábulos é, também, uma maneira de a sociedade confirmar a imagem negativa (estereotipada), estigmatizando a categoria profissional.

Palavras-chave: motoboys, gíria, estereótipo, linguagem e conversação.

ABSTRACT

This present work has as a proposal to analyze the language of the motoboys of São Paulo and the creation of a personalized slang that reflects a class of workers' world view that is connected to a stereotype of violence and irresponsible.

We also intend, by a Conversation Analysis theory, verify how the language that individualize the group structures, when integrated with other motoboys.

Then, we will have as corpus interviews and legends published photos in the site Canal Motoboy, in which 12 motoboys, armed of last generation cell phones, register the main problems of a great city as São Paulo.

The study, therefore, will follow in two ways: to verify the identification of the integrants of the social group motoboys, the creation of a bow of solidarity by means of the language and, on the other hand, how the use of these words is a way of the society to confirm the negative (stereotyped) image of the professional category.

Key words: couriers, slang, stereotyping, language and conversation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
A ideia	12
O grupo.....	12
O problema.....	12
A análise	13
1. CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	14
1.1 - Apresentação e seleção do corpus.....	15
1.2 - Breve histórico do Canal Motoboy.....	16
1.2.1 - A ideia e o idealizador	17
1.2.2 - O caminho das pedras	18
1.3 – Comunidade virtual: um filtro comunitário inteligente.....	21
1.3.1 – Internet, celular e comunidades virtuais	23
1.4 - Canal Motoboy: estrutura e funcionamento.....	25
1.5 - Contextualização: motoboy e os atores do trânsito.....	30
1.5.1 – Motoboys e o trânsito: perfil do profissional e números	31
1.5.2 - Características dos condutores de motocicletas	32
1.6 - Formação dos grupos sociais	35
1.6.1 - Formação do grupo social motoboys	36
1.7 – Estereótipo e estigma: imagem e rejeição	39
1.7.1. – Estigma e identidade social.....	40
1.7.2 - O estereótipo: motoboy e violência	43
2. CAPÍTULO II – PALAVRAS: MULTIPLICIDADE DE CONTEXTOS E SENTIDOS.....	48
2.1 – Gíria: um fenômeno sociolinguístico.....	49
2.1.1 – Sentido e efeito de sentido	53

2.2- As gírias no site Canal Motoboy: signo de grupo	56
2.2.1 - O <i>trampo</i>	60
2.2.2 – O <i>motoca</i>	62
2.2.3 – <i>Cachorro-louco: ser ou não ser</i>	64
2.2.4 – <i>Pássaro de ferro</i>	65
2.2.5 – O <i>corredor</i>	67
3. CAPÍTULO III – DECIFRANDO A PARTITURA INVISÍVEL.....	70
 3.1 Entrevista: microfone para as vozes sufocadas.....	71
3.1.1 Entrevistas no Site Canal Motoboy	73
 3.2 Estratégias conversacionais	78
 3.3 - A preservação da face.....	79
3.3.1 – A preservação da face nas entrevistas do site Canal Motoboy	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
GLOSSÁRIO.....	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	91
ANEXOS	95
Legendas pesquisadas	100
Matéria publicada no jornal O Estado de S. Paulo	108
Músicas publicadas no site Canal Motoboy	111
A poesia dos motoboys	112
Transcrições	113

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

<i>Figura 1- Página inicial do site</i>	16
<i>Figura 2 – Página “Motoboy Ambiental”</i>	19
<i>Figura 3 – Exposição Cartografias Dissidentes – Antoni Abad</i>	20
<i>Figura 4 - Sub canais do site</i>	25
<i>Figura 5 - Canal Dia-a-Dia</i>	26
<i>Figura 6 - Motoboy Ambiental</i>	26
<i>Figura 7 - Canal Palavras</i>	27
<i>Figura 8 – Dados da entrevista e foto do entrevistado</i>	28
<i>Figura 9 – Reunião de pauta do Canal Motoboy</i>	29
<i>Figura 10 - Características do Skinhead</i>	42
<i>Figura 11- Capa da revista Veja São Paulo</i>	44
<i>Figura 12 – Legenda das fotos: Primeiro e segundo trampo do dia</i>	60

INTRODUÇÃO

“O léxico reflete a condição dinâmica da língua.”

Dino Preti

A linguagem reflete a visão de mundo do falante. Essa assertiva nos leva a inferir que a língua sofre influências sociais e ideológicas. Dessa maneira, o falante reproduz, em temas e figuras, a visão nele revelada.

Nesse contexto, a gíria surge como um fenômeno social que mostra o universo de um grupo específico. Portanto, quem não faz parte do grupo fica alheio ao entendimento dessa linguagem e, por este motivo, pode enxergá-la negativamente, ao passo que aqueles inseridos nele utilizam esses vocábulos como meio de afirmação e reconhecimento com o grupo.

Os grupos sociais se formam de acordo com interesses e necessidades comuns. A linguagem é mais um elemento identificador desses grupos. Por este motivo, o vocabulário dos grupos restritos possui um caráter secreto, pois ele delimita os participantes por meio da linguagem. Em contrapartida, a língua como um organismo vivo ameaça a preservação dos vocábulos apenas nesses grupos.

A comunicação com diversos grupos sociais faz parte da rotina de interação a que somos expostos todos os dias. Representamos um papel social para cada grupo do qual fazemos parte, por exemplo, uma mulher é mãe, filha, esposa, funcionária de uma empresa, entre outros, ou seja, somos atores sociais e agimos de acordo com objetivos individuais e coletivos em cada situação de comunicação.

Fazer parte de um grupo social pressupõe ter em comum alguns interesses ou, como definiu Horton e Hunt, “a consciência de uma interação conjunta” (1983).

A ideia

Nesse contexto, surge o presente trabalho que propõe o estudo, do ponto de vista linguístico, da formação do grupo social motoboy¹, buscando analisar os fatores identificadores do grupo, como os vocábulos gírios, a consciência de um estereótipo negativo e consequente tentativa de defesa da face.

Para isso, elegemos como corpus o site *Cana Motoboy*, que tem como proposta mostrar, pelo olhar do profissional motofretista, a metrópole e as dificuldades que a categoria enfrenta diariamente na cidade de São Paulo.

O grupo

Fazendo um percurso histórico social, percebemos que o grupo motoboy nasceu da pressa de uma sociedade capitalista ávida por ótimos resultados e com pouco custo. Essa realidade é a porta de entrada para uma camada da população sem capacitação e estudo, que vê no motofrete a solução, pelo menos temporária, para o desemprego crescente das grandes cidades.

A generalização de conceitos marcou o vocábulo motoboy com um estereótipo ligado diretamente à irresponsabilidade, à violência e ao gosto por transgredir regras. Essa rejeição da categoria por parte dos demais atores sociais do trânsito faz com que os motoboys sejam corporativistas, em momentos específicos, por conta das pressões sociais vividas diariamente.

O problema

O estudo pretende responder as seguintes questões:

- As condições extremamente perigosas para a execução de seu trabalho contribuem para uma solidariedade especial?
- Seus códigos específicos, gestos, vestimenta, sinais e posturas são os indícios de uma identidade própria?

¹ Durante todo o trabalho, registraremos o vocábulo motoboy diferentemente da maneira dicionarizada (motobói), pois em todos os materiais pesquisados (jornais e revistas) a palavra foi grafada com “y”. Concluímos, assim, que esta grafia é a mais conhecida e, portanto, a mais adequada para o trabalho.

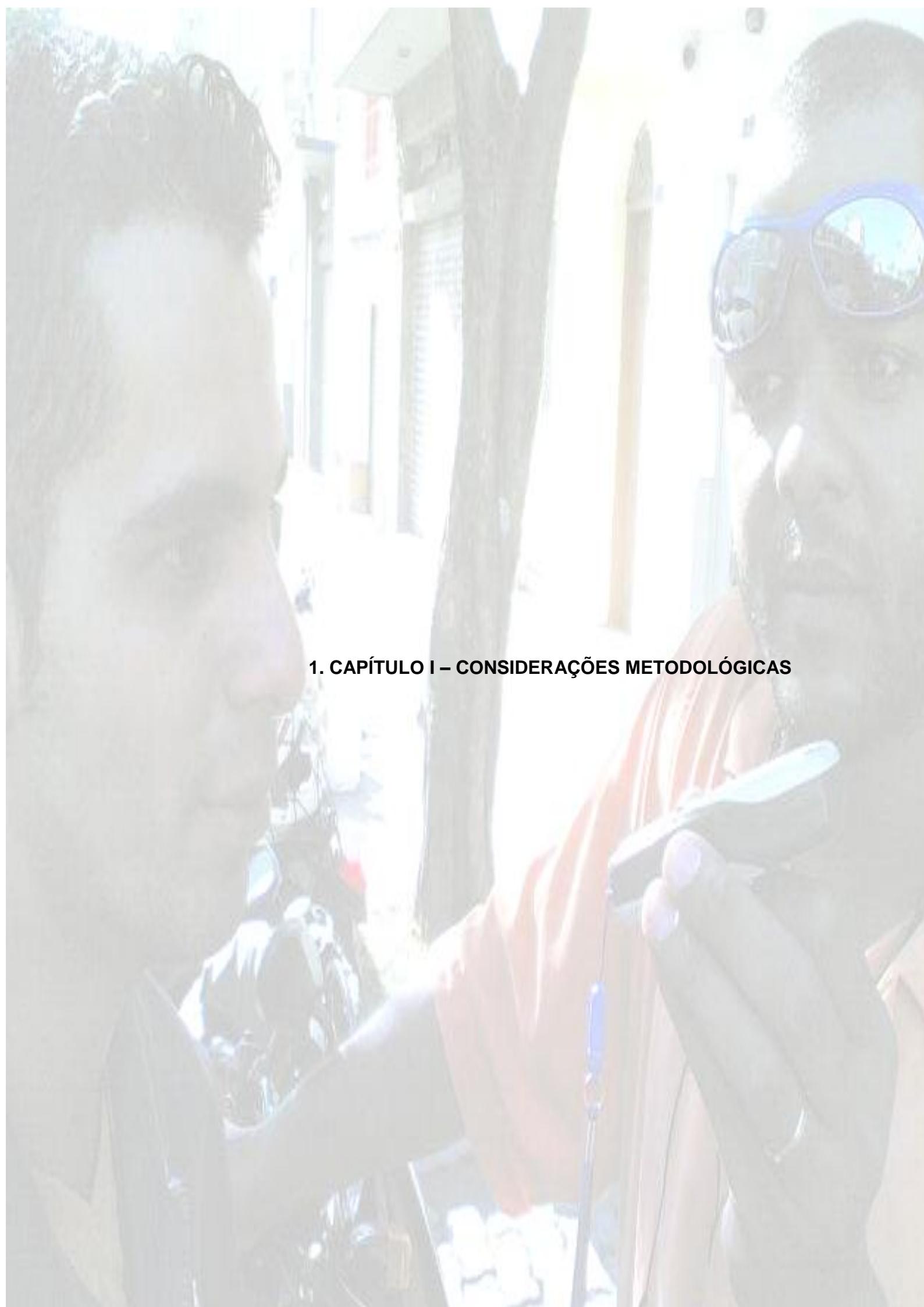
- A linguagem dos motoboys indica um código de caráter criptológico ou um uso de gírias e expressões próprias da periferia associada à linguagem de outras categorias (taxistas, motoristas de ônibus, entre outros) que usam o trânsito como local e modo de trabalho?

A análise

Verificaremos, por meio das legendas e entrevistas publicadas no *site*, se há uma consciência de grupo e do estigma sofrido pela categoria, além dos vocábulos gírios que compõem a linguagem.

Com isso, pretendemos analisar os fatores que linguisticamente compõem o chamado “estilo motoboy”, que também pode ser percebido nas roupas (jaquetas, capas de chuva), motos adesivadas, origem periférica e postura.

O objetivo é verificar se a linguagem utilizada é mais um elemento que caracteriza o grupo, bem como a defesa da face pelo uso de vocábulos gírios próprios dos motoboys de São Paulo. Além disso, destacaremos o estereótipo negativo criado a partir do vocábulo que designa o profissional do motofrete, o motoboy.



1. CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

1.1 - Apresentação e seleção do corpus

O corpus selecionado para esta pesquisa é constituído por 20 arquivos de áudio, retirados do site Canal Motoboy, os quais foram gravados no período de abril de 2007 a abril de 2008, além das fotos e legendas constantes nas páginas, onde são postados todos esses arquivos.

Esse conjunto de dados é composto por entrevistas feitas pelos motoboys integrantes do Canal, que fazem o papel de repórteres do cotidiano dessa categoria profissional. A maior parte dos registros são opiniões dos motoboys acerca de assuntos que afetam diretamente o seu trabalho, como a implantação de corredor exclusivo, o uso de colete de identificação, a obrigatoriedade do alvará para o profissional do motofrete, e, o tema mais polêmico, o projeto para a proibição do tráfego de motocicletas entre veículos, mais conhecido como “corredor”.

O projeto de Lei 2.650/03 de autoria do deputado Marcelo Guimarães Filho (PMDB-BA) determina que o motociclista deverá observar a distância lateral de 1,5 metro dos carros em circulação. Essa medida inviabiliza o hábito dos motociclistas de seguir pelos corredores formados entre carros no caso de congestionamentos. Porém, há estatísticas que concluem que a maioria dos acidentes com motociclistas acontece nos cruzamentos e não nos corredores. Estes números serão observados no decorrer do trabalho.

A escolha desse corpus é resultado de pesquisas feitas durante o tempo em que cursamos a disciplina “A gíria do Brasil”, coordenada pelo Professor Doutor Dino Preti. Nessa disciplina, tivemos a oportunidade de fazer um trabalho de pesquisa, buscando gírias ligadas a grupos sociais específicos. Pela falta de um tempo maior para o trabalho de campo, as pesquisas ficaram reduzidas a jornais, revistas e outras mídias, entre essas, a internet.

Em meio a essas buscas, encontramos o Canal Motoboy, idealizado pelo artista catalão, Antoni Abadi. Um site em que, desde maio de 2007, doze motoboys transformaram-se em cronistas da cidade de São Paulo. Eles utilizam celulares de última geração, fotografando, filmando e publicando em tempo real o outro lado da história, ou seja, as visões daqueles que também vivem todas as controvérsias do trânsito da cidade. A cidade deles é mais uma dessas cidades múltiplas, ocultas, que convivem junto com a maioria, mas que,

por outro lado, poucos conhecem ou querem conhecer.

A transmissão de dados on-line não permite nenhum tipo de edição, ou interferência de outros, que não sejam os próprios motoboys. Este material torna-se interessante por não sofrer intermediação, ou seja, as entrevistas são feitas de um motoboy para outro e são automaticamente disponibilizadas no site para consulta.

O Canal iniciou-se como um projeto artístico, visando à oportunidade de dar voz a grupos visivelmente estigmatizados, no caso os motoboys. No entanto, esse grupo social sempre gerou uma série de polêmicas e opiniões que levaram à formação de um estereótipo negativo dessa classe de profissionais.

Dessa maneira, o Canal tomou uma dimensão social de prestação de serviços e de luta contra essa imagem de violência e irresponsabilidade, mostrando que o motoboy é um profissional necessário, que dá mobilidade à cidade, e que é capaz de ter um olhar crítico sobre os problemas ligados à sua categoria e aos demais atores do trânsito.

1.2 - Breve histórico do Canal Motoboy



Figura 1- Página inicial do site

1.2.1 - A ideia e o idealizador

Antoni Abad iniciou seu trabalho artístico como escultor, porém quando esteve em Banff Centre, no Canadá, descobriu que poderia trabalhar as ideias utilizadas nas esculturas, transportando-as para o território do vídeo projetado. Foi lá que ele teve o primeiro acesso a esse tipo de tecnologia. Com isso, percebeu que chegando ao país tinha ferramentas de escultor e ao sair estava com fitas de vídeo e o primeiro endereço de e-mail.

Essas novas tecnologias produziram grandes mudanças na vida do artista. Ele trabalhou por quase dez anos em ideias de projeções no espaço e também com programas de informática, até que produziu um projeto com uma mosca virtual, que morava no computador dos usuários e escondia uma comunidade distribuída, onde não se podiam interceptar as comunicações desses internautas. Essa foi a primeira experiência artística de interação de comunidades/grupos por meio da internet, a que ele deu o nome de “Canal Z”.

O fazer artístico para Abad² vai além da “arte pela arte”, pois acredita que é possível modelar essas redes de internet, a rede de celulares, para que sejam úteis a outros coletivos, além do artístico.

O papel do artista no projeto “Coletivos transmitem de celulares” é encaminhar os fundos que estão destinados à arte e à cultura para outro território, mais social, no qual certos grupos possam auto representar-se. Exerce, então, uma função de facilitador, pois ensina esses grupos a usarem as ferramentas, modela o dispositivo, e, uma vez que eles já conhecem o funcionamento, ele pode partir para o próximo grupo e um novo projeto. Abad acredita que o mundo da arte se concretiza, quando termina esse patrocínio e os grupos organizam-se para continuar o projeto.

² Informações da entrevista com Antoni Abad para o Fórum Permanente, realizada por Vinícius Spricigo em 15 de maio de 2007.

1.2.2 - O caminho das pedras

No ano de 2002, em visita a São Paulo, o artista catalão Antoni Abad espantou-se com a quantidade de motoboys que circulavam na cidade e como esses profissionais eram estigmatizados, quando citados pelas mídias em geral. Ele começou a pesquisar sobre essa categoria profissional e uma maneira de reverter a imagem negativa, que esses trabalhadores tinham perante a sociedade.

Interessado nas mídias digitais associado à sua arte, Abad aliou a agilidade dos profissionais do motofrete à velocidade na troca de informações, já que nessa mesma época, foi lançado o primeiro celular com câmera. Isso fez com que o artista unisse a tecnologia de transmissão de dados por celulares à problemática social dos motoboys de São Paulo, dando a eles a oportunidade de construir um meio de comunicação, no qual esses profissionais dessem a sua visão das situações vivenciadas no dia-a-dia do trânsito, contrastando com aquelas divulgadas pelas mídias preponderantes.

Pelos motivos citados, o artista idealizou o projeto Canal Motoboy, que tinha como objetivo mostrar as cidades e suas mazelas por meio de um olhar novo, o do motoboy.

No entanto, não houve meios para custear o projeto, que só pode ser iniciado em 2007, em parceria com o Centro Cultural São Paulo e o Centro Cultural da Espanha/ AECL, além do apoio da espanhola SEACEX (Sociedade Estatal para a Ação Cultural Exterior).

Nesse intervalo de tempo, tendo como inspiração a ideia do projeto dos motoboys, o artista conseguiu desenvolver essa mesma temática com taxistas no México (2005), ciganos de Lleida e de Leon (2005), prostitutas em Madri (2005), e por último (2006) com pessoas de mobilidade reduzida em Barcelona³, os cadeirantes.

Em todos os trabalhos, o objetivo era que, por meio de celulares, esses grupos socialmente “excluídos” ou estigmatizados pudessem ter voz, demonstrando criticidade para debater problemas ligados à sua condição

³ Apesar de já terem sido finalizados, os canais, de cada um dos projetos, estão disponíveis pelo portal www.zexe.net.

dentro da sociedade.

Os cinco anos que separaram a ideia do Canal Motoboy e seu efetivo início proporcionaram ao artista um amadurecimento da temática “Grupos transmitem de celulares”. Diferentemente dos demais projetos, o *Canal Motoboy* estendeu-se além do tempo proposto por Abad, ficando assim sem o apoio financeiro das instituições citadas, as quais contribuíram apenas durante o prazo requerido pelo projeto. Hoje o Canal é mantido com recursos próprios dos motoboys e do artista.

A intenção dos coordenadores do Canal, Eliézer Muniz e Ronaldo Simão, é constituir uma associação para que possam buscar apoio de empresas privadas ligadas ao setor e do poder público de São Paulo para dar continuidade ao projeto e transformá-lo em uma prestação de serviço público, não só aos motoboys, mas a todos aqueles que circulam pela cidade.

A proposta pós-projeto foi a criação do “Motoboy Ambiental”, um link dentro do *Canal Motoboy* exclusivo para assuntos ligados ao meio ambiente. Os coordenadores justificam tal iniciativa, por conta de os motoboys andarem por toda a cidade e nela encontrarem uma série de irregularidades.

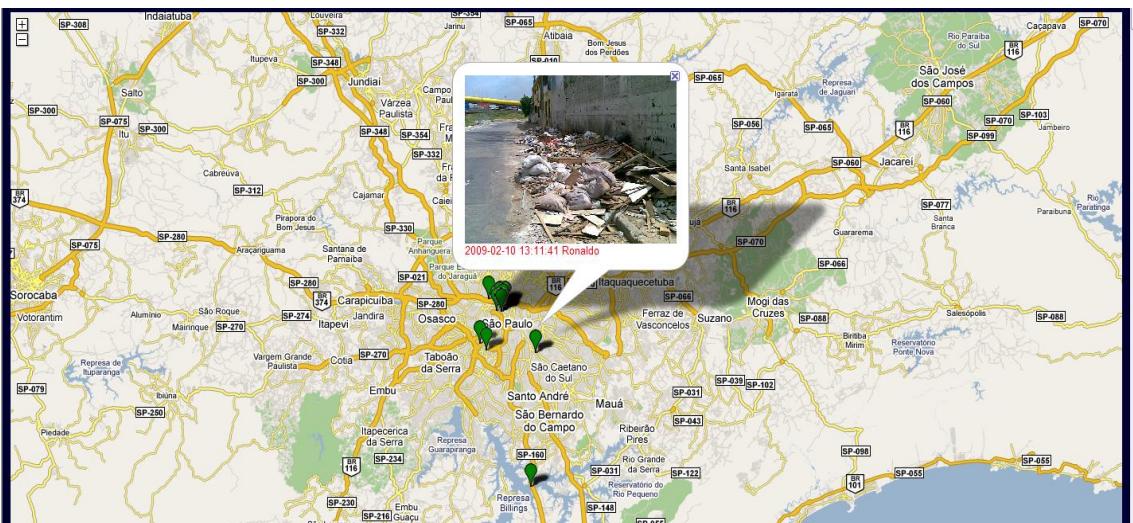


Figura 2 – Página “Motoboy Ambiental”

A ideia é tirar fotos dos locais onde há esgoto a céu aberto, lixo em locais indevidos, entre outros, como forma de denunciar e alertar as autoridades para os problemas da cidade. O uso do GPS permite aos motoboys indicar no mapa o local exato do problema apontado por ele, facilitando a identificação da região afetada pela autoridade competente.

Essa iniciativa já rendeu parcerias com instituições como o ISA (Instituto Sócio ambiental), que juntamente com o Canal, promoverá a conscientização para as questões ambientais, por meio da sensibilização da população.

É importante ressaltar que o Canal não perdeu seu principal foco, pois um dos principais temas levantados pelo “Motoboy Ambiental” é o destino do óleo do motor trocado pelos motoboys.

O Canal Motoboy, como os projetos anteriores postos em ação por Antoni Abad, não só ativa uma rede de resistência às representações midiáticas do motoboy, ou seja, não é uma mera suplantação de umas representações por outras (uma tarefa também sisífica ante a magnitude e alcance das representações hegemônicas do motoboy nos meios de comunicação). O Canal Motoboy atua crucialmente como uma arte de ser de outro modo governada, isto é, inaugurando uma dinâmica de elaboração coletiva da representação do grupo que incide diretamente sobre a matriz de produção da imagem e da consciência: a prática social e coletiva. (Cuenca. 2007, p. 20)

Esse grande banco de dados formado pelos “motorrepórteres” rendeu frutos além do site. Abad produziu dois documentários, os quais estão disponíveis no portal *Zexe.net*, utilizando as fotos, os vídeos e os áudios postados no Canal pelos motoboys do projeto.

Em uma exposição chamada *Cartografias Dissidentes*, promovida pelo Centro Cultural São Paulo e pela Sociedade para a Ação Cultural Exterior da Espanha, o artista exibiu o documentário “*Do outro lado da cidade*”, que revela a São Paulo habitada pelos motoboys. Uma cidade percebida do ponto de vista particular, distinta daquela vivenciada por outros paulistanos.



Figura 3 – Exposição *Cartografias Dissidentes* – Antoni Abad

O evento reuniu sete artistas e dois grupos de artistas ibero-americanos que, por meio de obras audiovisuais especialmente concebidas para a exposição, lançaram um olhar sobre as cidades de Havana, Caracas, Madri,

Barcelona, Buenos Aires, Cidade do México, Santiago, Bilbao e São Paulo.

As produções enfocaram lugares, paisagens, situações, grupos e percursos normalmente deixados de lado pelas cartografias oficiais, sugerindo novos mapeamentos e traçando outras relações entre os diferentes elementos que compõem essas metrópoles.

1.3 – Comunidade virtual: um filtro comunitário inteligente

A internet foi uma novidade tecnológica que revolucionou as relações interpessoais. Isto por que, com o advento do mundo virtual, nos conectamos com o mundo em fração de segundos. É a democracia da informação, que adentrou as nossas casas e alterou de maneira avassaladora o ambiente familiar, individualizando-o pessoalmente, e coletivizando-o virtualmente.

Nesse ambiente de acesso a tudo e a todos, não poderiam deixar de surgir problemas, principalmente com a quantidade de informações que o universo virtual possui. Era preciso filtrar, minimizar os resultados, de modo que fosse possível, ao final, tomar o conhecimento mais próximo daquilo que se procura. “Em suma, é no horizonte do excesso de informação que encontramos as comunidades virtuais, funcionando como verdadeiros filtros humanos inteligentes.” (Costa. 2003, p.60)

Baseado no conceito de Pierre Lévy⁴, Costa enfatiza que uma comunidade virtual é um filtro inteligente, pois, além de ajudar na questão do excesso de informações, também abre caminhos para o conhecimento de novas culturas, pois quando há interesses em comuns, porém com vivências diferentes, a comunidade caminha para a formação de uma inteligência coletiva, pautada na colaboração de muitos com muitos.

Além disso, as comunidades virtuais surgem não só como um selecionador de assuntos, mas principalmente como um agrupador de pessoas focadas num mesmo tema. Dessa maneira, surgem comunidades de diversos assuntos e com variados interesses. Podemos ter uma para os interessados em esporte, outra para aqueles que apreciam um gênero específico musical, ou

⁴ Lévy, Pierre. *Cyberdémocratie*. Paris: Odile Jacob, 2002.

também na área de saúde, entretenimento, entre outros.

Esses grandes grupos dão margem ao surgimento de subgrupos, ou seja, na área dos esportes, por exemplo, podemos ter subgrupos: de futebol, de basquete, de vôlei, de natação e etc. O ritmo de crescimento dessas comunidades acompanha a velocidade da internet, tornando impossível um mapeamento específico dessas *subculturas virtuais* (Cf. Costa, 2003):

O desenvolvimento das comunidades virtuais é provavelmente um dos maiores acontecimentos dos últimos anos, já que elas estimulam uma nova maneira de “fazer sociedade”, na expressão de Pierre Lévy, filósofo francês mais conhecido por seus livros sobre cibercultura emergente. (id. p.56)

Formada a comunidade, é preciso alimentá-la com informações pertinentes ao seu tema, bem como promover sua inserção no mundo virtual. Os responsáveis por esse trabalho são chamados de *agentes inteligentes* (Cf. Costa, 2003), pois administram a relação da comunidade com os usuários, além de tornar esse espaço cada vez mais útil à medida que o número de acessos e de colaborações aumenta.

Fazer parte de uma comunidade virtual não está ligado diretamente a uma participação efetiva, inscrição ou qualquer outro tipo de vinculação formal. O *internauta* pode se sentir parte da comunidade apenas por consultá-la em suas pesquisas, e nela encontrar as informações das quais necessitava. Por essa identificação é possível considerá-lo como parte integrante desse grande grupo virtual. “O próprio Rheingold nos dá a estatística que é válida até hoje: cerca de 16% de usuários num fórum ou chat contribuem com 80% do volume total de palavras, embora haja muitos à escuta, invisíveis, livres para participar ou não, que usam os recursos da coletividade como fonte variada de orientação.” (id. 2003, p. 63)

O desafio maior das comunidades virtuais não está no número de membros e participações, mas na sua manutenção, pois da mesma maneira que todo dia surge na internet uma série de comunidades novas, também outras tantas desaparecem. Isto porque, nem sempre os *agentes inteligentes* oferecem aquilo que os usuários necessitam, correndo o risco de disponibilizar aquilo que ninguém precisa, e se ninguém precisa, não existe motivo para manter *on-line*.

1.3.1 – Internet, celular e comunidades virtuais

O final do século XX foi marcado pelo esforço de tornar a internet um meio de comunicação que conectasse as pessoas ao mundo, ou seja, que elas pudessem ter acesso a conteúdos, que antes dessa tecnologia necessitariam de viagens, além de muitas leituras para serem absorvidos. Toda essa dedicação pode ser resumida em uma única palavra: globalização.

Tudo passa a ser globalizado: cultura, conteúdos, políticas, inclusive tecnologia sem-fio. Essa última, no início do século XXI, aliada à internet, provocou grandes transformações no que diz respeito à comunicação fora do ciberespaço, ou seja, as pessoas começam a se distanciar dos *desktops* e passam a acessar o universo virtual por meio de aparelhos de celular.

Nos *desktops*, a possibilidade de navegação é mais rica, possibilitando ao usuário participar de *chats*, fóruns, salas de bate-papo, grupos de notícias, entre outros, sem sair de casa, favorecendo uma comunicação não-presencial. “Em suma, a internet lhes possibilitou a invenção de novas formas de comunicação, sem grandes preocupações com a presença física ou com a situação geográfica dos interlocutores, sem precisar sequer dar importância, muitas vezes, ao gênero ou situação social daqueles com quem se conversava.” (id. 2003, p.74)

O uso dos aparelhos móveis, para a discussão em um fórum, por exemplo, não é possível com a mesma eficiência com que é feito nos *desktops*. “As restrições do tamanho da tela, da memória, da banda de transmissão e da navegação acabam quebrando em inumeráveis pedaços o curso linear de uma conversa. Os usuários só têm acesso a partes da discussão; o restante fica acessível apenas em seus PCs.” (id. 2003, p.75)

A limitação do acesso à internet, por meio do celular, trouxe uma preocupação geográfica deixada de lado por conta do acesso ilimitado promovido pelos *desktops*. Dessa maneira, as comunidades começam a ter uma preocupação com o presencial e essa tecnologia passa a ter uma função secundária, que é a de promover e organizar os encontros desses grupos virtuais em espaços físicos. Acerca desse assunto, Costa comenta:

Essas comunidades servem, literalmente, para muitas pessoas se acharem umas às outras e se conhecerem em grupo. Isso é vivenciado em raras ocasiões quando se trata de comunidades que evoluem na Internet. Mas aqui, entre os sem-fio, encontrar-se presencialmente parece ser o que há de mais interessante. (id. p.77)

A liberdade do uso da Internet em *desktops*, a praticidade do celular e a mobilidade dos motoboys foram os principais quesitos que deram origem ao *Canal Motoboy*. Um espaço virtual que dá voz aos profissionais do motofrete, criando uma comunidade que se une para mostrar o seu ponto de vista, acerca dos problemas ligados ao trânsito de São Paulo.

Além disso, o canal possui fóruns de discussão, os quais estão abertos à participação de qualquer pessoa que queira opinar sobre assuntos ligados à problemática desses profissionais e seu dia-a-dia na grande metrópole paulista.

1.4 - Canal Motoboy: estrutura e funcionamento

A inovação proposta pelo artista Antoni Abad colocou à disposição da sociedade, em especial dos atores do trânsito de São Paulo, um dispositivo de consulta a diversos assuntos relacionados à vida na metrópole e, principalmente, à vida dos motoboys.

O portal Zexe.net abriga todos os canais/projetos coordenados pelo artista catalão, inclusive o Canal Motoboy. Apesar de terminado o prazo dos projetos, o portal mantém à disposição para consulta todos os canais, mesmo aqueles que não prosseguiram com a inclusão de novas postagens, como, por exemplo, o “Canal Invisível”, das prostitutas de Madri.

O *Canal Motoboy* permanece vinculado ao portal Zexe.Net, mas começa a trilhar o seu próprio caminho, com a incorporação de novos temas de interesse público. Na primeira página, é possível escolher um dos sub canais do site: “canal*DIAaDIA”, “motoboy*AMBIENTAL”, “canal*PALAVRAS”, “emissores”, “meios” e “fórum”.



Figura 4 - Sub canais do site

No “Canal DIA-A-DIA”, os emissores postam fotos, vídeos e áudios de assuntos específicos do trânsito de São Paulo, como vias congestionadas, problemas com estacionamentos para motociclistas, acidentes e etc. Os tags (palavras-chaves que direcionam o usuário para a página do assunto selecionado) ficam acima das postagens, para facilitar uma pesquisa mais pontual, como por exemplo, “Acidente”, no qual aparecerão todas as postagens referentes a esse assunto desde o início do projeto.

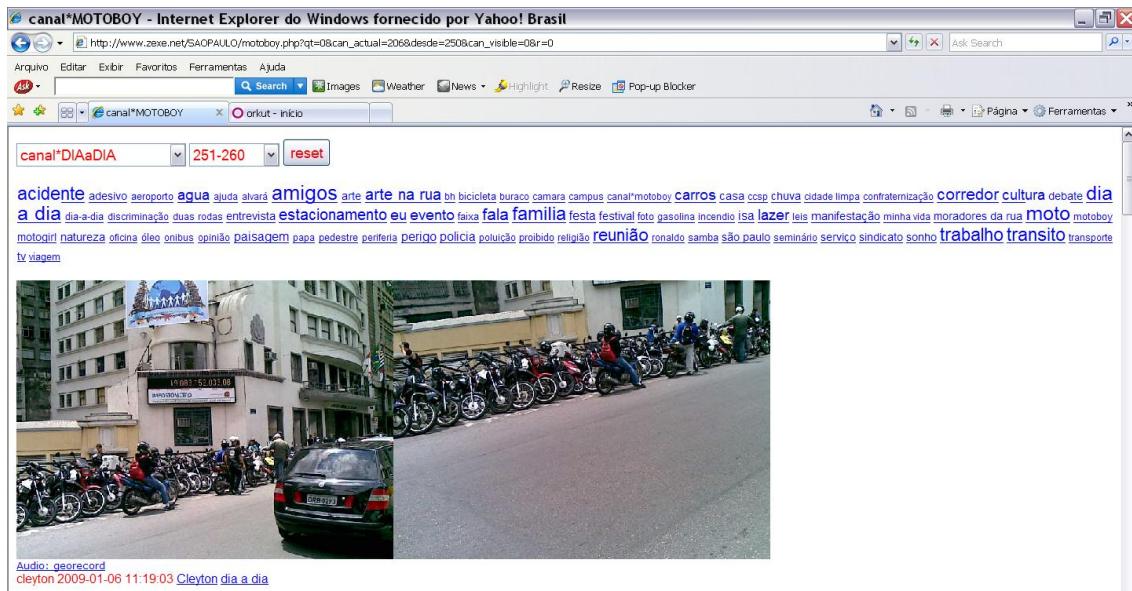


Figura 5 - Canal Dia-a-Dia

Os problemas da grande metrópole relacionados ao meio ambiente são postados no canal “Motoboy Ambiental” e possuem tags, como poluição, degradação, óleo, entulho, vazamento, entre outros.

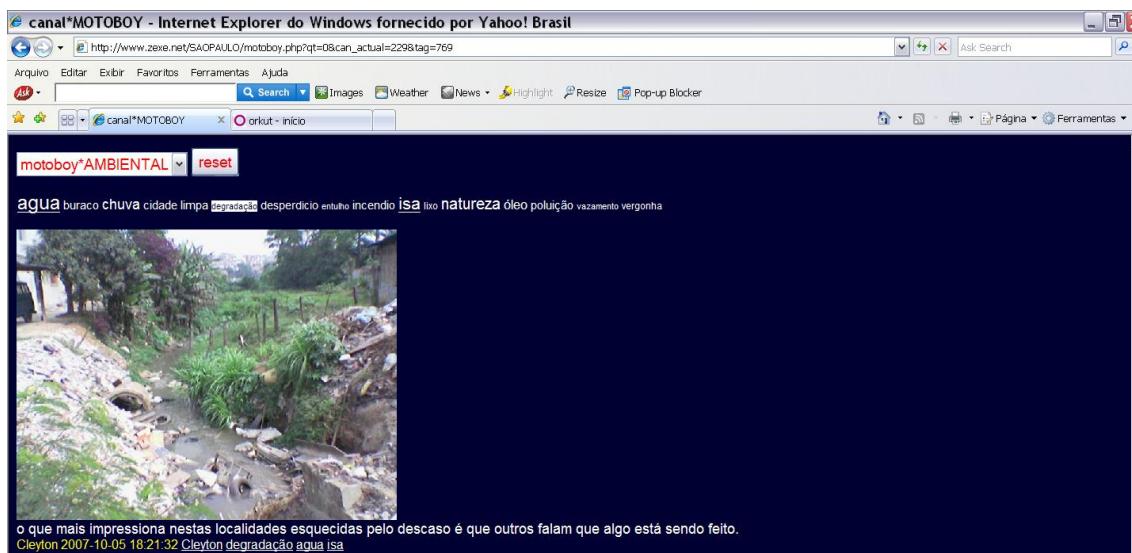


Figura 6 - Motoboy Ambiental

O “Canal Palavras” contempla todos os arquivos dos demais links, pois é um grande banco de dados dividido por palavras-chaves que acessam todos os assuntos tratados no site. Os *tags*, em vermelho, são aqueles tiveram um maior número de emissores postando. A popularidade dos *tags* é determinada pelo tamanho da palavra e cor, ou seja, as azuis são aquelas com menor incidência de postagem.

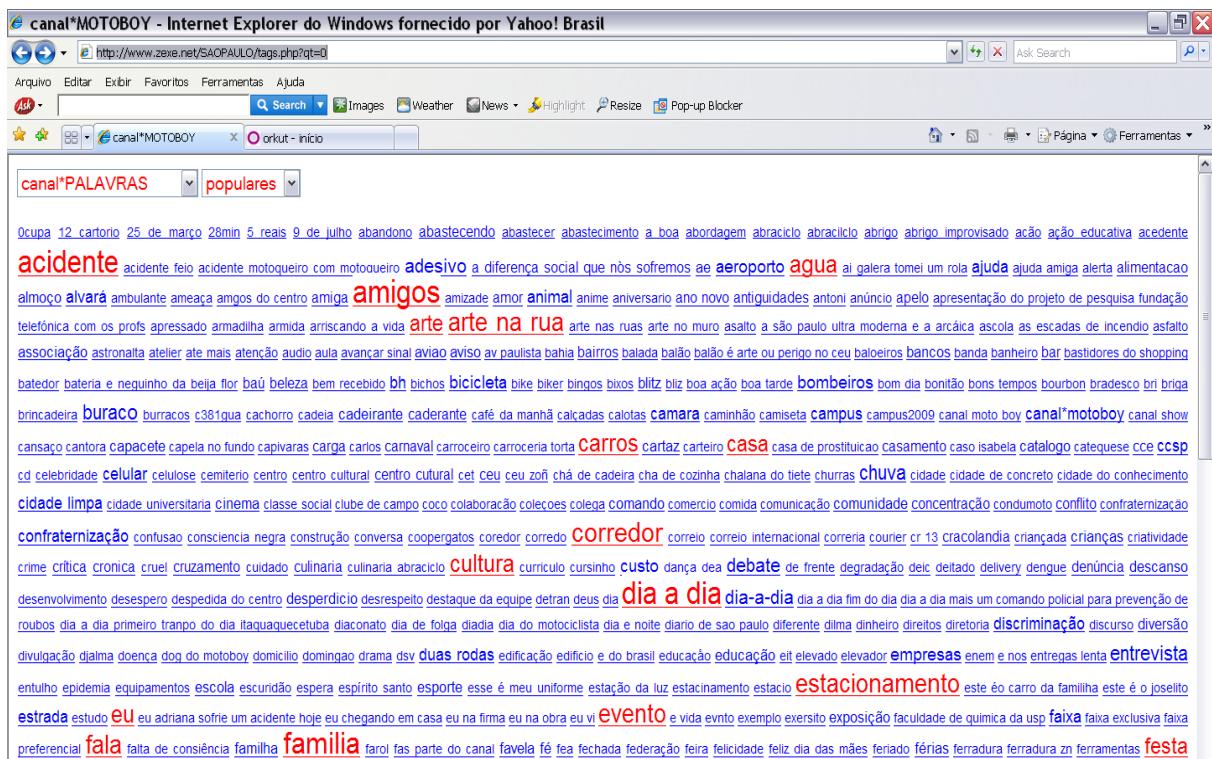


Figura 7 - Canal Palavras

Em um levantamento inicial, com base nos tags em vermelho, é possível saber os assuntos mais relevantes para os emissores do Canal Motoboy:

Palavras-chave	Quantidade de motoboys do projeto que postaram nesse tag.
Amigos	17 motoboys
Acidente	16 motoboys
Dia a dia	16 motoboys
Moto	16 motoboys
Reunião	16 motoboys
Família	15 motoboys
Trânsito	15 motoboys
Trabalho	14 motoboys
Corredor	13 motoboys
Arte na rua	12 motoboys
Estacionamento	12 motoboys
FALA	12 motoboys
Evento	11 motoboys
Lazer	11 motoboys

Paisagem	11 motoboys
Água	10 motoboys
Carros	10 motoboys
Cultura	10 motoboys
Eu	10 motoboys
Festa	09 motoboys
Isa	09 motoboys
Motoboy	09 motoboys
Arte	08 motoboys
Casa	08 motoboys
Perigo	08 motoboys

É possível perceber que a maioria dos assuntos postados está diretamente relacionada com o trabalho do motoboy, como *acidente*, *dia a dia*, *trânsito*, *trabalho*, *corredor*, *estacionamento*, entre outros. No entanto, o *tag amigo* é o mais popular, que se justifica pela intenção de mostrar o lado mais humano do profissional, assim como aparecem também as palavras-chave *família*, *lazer*, *festa* e etc.

Quando clicamos em uma das palavras-chave, abrimos uma página, na qual constará uma série de entrevistas dispostas em arquivos de áudio e vídeo. Hoje os arquivos de vídeo não são mais postados, pois o custo de tal recurso é muito alto, então os emissores trabalham com arquivos de áudio acompanhado da foto da pessoa entrevistada:



Figura 8 – Dados da entrevista e foto do entrevistado

No link “emissores”, estão disponíveis todas as reportagens, dentro dos temas previamente definidos nas reuniões semanais com os integrantes do projeto. Esses registros estão ordenados pelo nome ou apelido de cada emissor (motoboy).

Quanto ao link “meios”, os usuários têm acesso a todas as reportagens relacionadas ao trânsito e à categoria dos motofretistas. Por último o “fórum” propõe um espaço aberto aos profissionais da área ou a qualquer outra pessoa que queira discutir os temas propostos nesse link.



Figura 9 – Reunião de pauta do Canal Motoboy

1.5 - Contextualização: motoboy e os atores do trânsito.

A diversidade cultural na cidade não é feita só de conflito, nem só de consenso, mas de uma negociação o tempo todo. Esses grupos urbanos vão-se encontrando e definindo os espaços na cidade, e o espaço é resultado dessa negociação.

Baseado no conceito casa *versus* rua do antropólogo Roberto da Matta, José Guilherme Cantor Magnani, também antropólogo e coordenador do N.A.U. (Núcleo de Antropologia Urbana da USP), propõe uma relação de categorias ligadas à ocupação dos espaços urbanos, das quais duas serão destacadas, pois estão diretamente ligadas aos atores sociais, sua aproximação e distanciamento dentro das grandes cidades:

Diferentemente do que ocorre no *pedaço*, para onde o indivíduo se dirige em busca dos iguais, que compartilham os mesmos códigos, a *mancha* cede lugar para cruzamentos não previstos, para encontros até certo ponto inesperados, para combinatórias mais variadas. Numa determinada mancha sabe-se que tipo de pessoas ou serviços se vai encontrar, mas não quais, e é esta a expectativa que funciona como motivação para seus frequentadores (2002, p.12-13)

A cidade não só é cenário dessas práticas sociais, como é também o resultado dessa negociação no plano arquitetônico, urbanístico, dos padrões culturais e também do espaço físico.

Nesse sentido, os motoboys se constituem não como uma tribo urbana, mas um grupo que fez um uso da cidade, que por um lado é funcional, por conta de uma necessidade das grandes cidades, e por outro é transgressora, pelos maus hábitos criados a partir da sua prática profissional, que cresceu rapidamente e de maneira desordenada. Isso cria condições para eles marcarem a cidade com uma prática cultural.

Assim surge a figura do motoboy, que é o resultado da resposta a uma demanda da sociedade. A resposta que ele dá faz com que haja uma necessidade de reordenação do espaço. Então, todas as discussões sobre corredores, alvarás, legalização, entre outras, definidas ou não, são resultados de um acordo político que está marcando a sua posição na cidade. Dessa maneira, a discussão política se faz entre os atores sociais da cidade.

Em uma cidade tão cheia de padrões culturais, é preciso entender que os motoboys não estão à margem, que eles não são apenas os transgressores. Eles também impõem padrão, inventam moda, no sentido fechado da palavra, pois têm uma roupa especial, um padrão de comportamento, um sistema de negociação, um uso da cidade e da velocidade, diferente dos demais atores sociais.

Com isso, esse grupo social está construindo algo que merece ser objeto de análise, mas principalmente faz parte do modo de vida deles e responde a uma necessidade fundamental de uso, que tem o seu cotidiano e seu trabalho feito nas grandes cidades.

A vida deles é cheia e eles passam na rua, umas ruas ruidosas e repletas de veículos, onde permanecem infinitas horas de cada dia e parece que vivem ocupados. A rua é quase tão importante quanto a casa deles: amizades, comidas, acidentes, mortes, tudo acontece nas ruas. É como um espaço de vida coletiva em contínuo movimento em que ocorre um grande número de situações imprevisíveis e instantâneas, que constituem sua existência cotidiana.

Essa existência é feita de uma atividade permanente e que se torna hegemônica pela presença de alguns corpos que habitam e compartilham espaços públicos confusos e complexos, onde tudo é possível.

Dentro da perspectiva dos atores sociais do trânsito, a participação do motoboy, como mais um que enxerga e participa dos problemas da cidade, é importante e deve ser considerada, pois o espaço urbano não tem regras imutáveis ou uma posição universal. As cidades são, o tempo todo, um espaço de troca entre os atores sociais.

1.5.1 – Motoboys e o trânsito: perfil do profissional e números

O objetivo da cidade é construir um habitat humano mais saudável, desejável e possível. No entanto, há interesses que falam mais alto que as necessidades e o resultado pode ser devastador. Como é o caso dos números apresentados pela Companhia de Engenharia e Tráfego (CET) em estudo

acerca da evolução dos números de motociclistas na cidade de São Paulo, perfil dos condutores e acidentes⁵.

Segundo Paulo Mendes da Rocha, arquiteto e urbanista, os motoboys não são um fenômeno urbano, pois na cidade tudo é planejado, até o desastre. Ele associa esse planejamento mal sucedido a uma mentalidade colonialista típica das grandes cidades, nas quais se sacrifica um território ou pessoas em benefício do mantenedor, ou seja, a exploração da necessidade do trabalho para a manutenção de entidades maiores.⁶

Em resumo, o arquiteto diz que a situação do motoboy é uma questão de exploração, de interesses especulativos do lucro, que se aproveitam da ausência de vagas no mercado de trabalho para esgotar um nicho cada vez mais procurado por aqueles que não conseguem uma recolocação profissional. Esses profissionais, muitos deles pais de família, estão dispostos a enfrentar grandes cargas de trabalho para que ao final do mês possam tirar o mínimo para seu sustento.

1.5.2 - Características dos condutores de motocicletas

Segundo o relatório da CET, *Motocicletas – Evolução do número em circulação: Acidentes e vítimas (2000-2005)*, publicado em janeiro de 2008, dos condutores entrevistados, 71,4% foram classificados como motofretistas, isto é, utilizam a moto como instrumento de trabalho; apenas 28,6% foram classificados motociclistas, aqueles que utilizam a moto para outros fins.

Motofretistas = 71%	Motociclistas = 29%
(usa a moto como instrumento de trabalho)	Transporte – 26%; Lazer – 3%; Outros – 1%

Em relação ao sexo dos condutores, a grande maioria, em torno de 99% era do sexo masculino. Essa tendência se verifica tanto para os motofretistas, quanto para os motociclistas.

A maioria dos condutores tinha menos de 36 anos, conforme tabela a

⁵ Disponível em www.cetsp.com.br. *Motocicletas: evolução do número em circulação, acidentes e vítimas, 2000-2005*.

⁶ Confira depoimento no documentário “Motoboys – Vida Loca”, 2004.

seguir:

18 a 25 anos	26 a 36 anos	37 a 46 anos	47 anos ou +
29%	45%	17%	9%

O nível de escolaridade dos motociclistas é um pouco mais alto comparado aos motofretistas, visto que 85% dos motociclistas tinham pelo menos o 2º grau completo, contra 58% dos motofretistas.

	Até 1º Grau	2º Grau	Superior
Motofretistas	42%	55%	3%
Motociclistas	15%	63%	22%

Acerca do tempo de pilotagem, os motofretistas são mais experientes do que os motociclistas. Enquanto 45% dos motociclistas tinham no máximo 5 anos de pilotagem, apenas 27% dos motofretistas se encontram nessa faixa. Cerca de 70% de todos os condutores tinham no máximo 10 anos de pilotagem.

	Até 1 ano	2 a 5 anos	6 a 10 anos	11 a 15 anos	16 anos ou +
Motofretistas	2%	25%	39%	18%	15%
Motociclistas	15%	30%	25%	11%	19%

Os motofretistas, segundo a pesquisa, realizam, em média, onze viagens por dia. Além disso, um pouco mais da metade (54%) afirmou trabalhar com motofrete há no máximo cinco anos.

Menos de 1 ano	De 1 a 5 anos	De 6 a 10 anos	De 11 a 15 anos	16 anos ou +
1%	53%	29%	7%	10%

Apesar de ser alta e crescente a obediência dos condutores de motos ao uso de capacete e farol dianteiro aceso, atingindo 96% em 2007, ainda é baixa a participação no Curso de Direção Defensiva. Apenas 54% afirmou ter realizado o referido curso.

A CET conclui o estudo, indicando um crescimento da participação da motocicleta em todos os itens destacados no relatório, tais como volume em

circulação, volume de frota de motos, participação de motos no volume total de veículos, número de viagens, entre outros. A Companhia justifica os números:

Considerando o crescimento da frota de todos os tipos de veículos, uma malha viária em crescente processo de estagnação, os constantes congestionamentos, a necessidade de uma mobilidade maior, as motocicletas se mostraram uma alternativa atrativa em São Paulo: a moto não fica presa no trânsito, consome pouco combustível, tem custos de aquisição e manutenção reduzidos comparada a um automóvel, oferece muita flexibilidade e certo conforto ao usuário. É um meio de transporte relativamente rápido e barato, que acabou por virar profissão para muita gente: o uso de motoboy promoveu o aumento de produtividade das empresas. (CET. 2008, p.46)

Além das facilidades, a CET também aponta dois itens negativos e preocupantes em suas considerações finais: a poluição e a participação em acidentes.

No caso da poluição, o estudo concluiu que as motocicletas, motores dois tempos, também chamados de “motores sujos”, poluem mais que o automóvel.

POLUENTE	EMISSÃO MOTOS X AUTOMÓVEIS
Matéria Particular Fina	Motos = Mais de 10 vezes que o Auto
Gás Carbônico (Co ₂)	Motos = de 8 a 10 vezes mais que o Auto
Monóxido de Carbono (CO)	Motos = 40 vezes mais que o Auto

O relatório apontou que as motocicletas participam, em média, de 25% de todos os tipos de acidentes analisados (com vítimas, atropelamentos e fatais), apesar do volume de motos girar em torno de 10% do total de veículos (2005) em horários de pico. Como a exposição do condutor de motocicleta é maior que o do veículo, a gravidade do acidente segue a mesma proporcionalidade.

Os números revelaram que durante o período analisado (2000-2006), em média, um motociclista morreu por dia nas ruas de São Paulo.

1.6 - Formação dos grupos sociais

Vivemos em sociedade. Essa afirmativa demonstra que em quase todos os momentos estamos com outras pessoas, com as quais precisamos interagir ou simplesmente, por coincidência ou interesses comuns, estamos no mesmo lugar em um determinado momento. Um aglomerado de pessoas não significa que é um grupo social. Acerca deste assunto Horton e Hunt comentam:

A essência do grupo social não é a proximidade física, mas a consciência de interação conjunta. (...) Esta consciência de interação depende de muitos fatores e pode estar presente mesmo quando não há interação pessoal dos indivíduos. Assim, somos membros de um grupo nacional e pensamos como nacionais do país ainda que somente conheçamos uma fração diminuta dos que compõem a nossa nação. (1983, p.128-129)

A consciência individual nos faz, erroneamente, pensar que todas as nossas atitudes e opiniões estão ligadas apenas a nossa própria visão de mundo, sem interferência de terceiros, ou seja, sem observarmos que, o tempo todo, somos influenciados por fatores externos que contribuem para nossa formação.

Para que um indivíduo tenha a percepção de que faz parte de um determinado grupo, precisa ter a sensação de pertença que é confirmada pela identificação dos interesses comuns: classe social, idade, religião, gostos musicais, ideais políticos, linguagem, entre outros. Ele reconhece e é reconhecido, indício de que integra um *grupo pessoal*.

É importante ressaltar, que integramos diversos *grupos pessoais*, mas não temos o mesmo grau de proximidade com todos. A família, por exemplo, é um grupo com o qual temos uma afinidade maior, diferentemente do grupo da igreja e do trabalho.

A linguagem, em particular, é um importante elemento com o qual reconhecemos os *grupos pessoais*. “A aprendizagem linguística, que é a aprendizagem de um discurso, cria uma consciência verbal, que une cada indivíduo aos membros de seu grupo social. Por isso, a aprendizagem linguística está estreitamente vinculada à produção de uma identidade

ideológica, que é papel que o indivíduo exerce no interior de uma formação social." (Fiorin, 2007. p. 44)

No entanto, estamos diariamente expostos a interações com pessoas que não temos nenhuma proximidade ou identificação: os *grupos externos*. Em relação a estes "nossas expectativas variam: de alguns grupos externos esperamos hostilidade, de outros, uma concorrência mais ou menos hostil, e de outros, ainda, indiferença." (id. 1983. p. 131)

A ideia de fazer parte ou estar fora de um grupo afeta diretamente o comportamento do indivíduo, pois ao passo que conhece profundamente os membros de seus *grupos pessoais*, desconhece quase completamente os partícipes dos grupos externos, de modo que o reconhecimento deste segundo acontece por meio de estereótipos.

Dentro da temática de nosso trabalho, podemos entender que uma linguagem especial serve a um grupo social como elemento de autoafirmação, causando nos grupos externos duas possíveis reações: condenação, por se opor ao uso e curiosidade pelo aspecto de reação às normas vigentes.

1.6.1 - Formação do grupo social motoboys

"Eu contra meu irmão. Eu e meu irmão contra meu primo. Eu, meu irmão e meu primo contra o mundo."

Provérbio árabe

No início da década de noventa, a necessidade de agilizar pequenas entregas e serviços se contrapunha ao congestionamento crescente na cidade de São Paulo e o transporte público de má qualidade, que dificultavam o trabalho do office-boy. Por este motivo, as empresas passaram a contratar profissionais habilitados a pilotar motocicletas para fazer serviços externos, o que seria uma versão motorizada do office-boy, chamados, por essa origem, popularmente de motoboys.

Esses novos profissionais nascem juntamente com a nova proposta do universo comercial das grandes empresas, a prestação de serviços. O intuito da terceirização era, em princípio, a redução de custos aliada à isenção do

pagamento de encargos trabalhistas, visto que a empresa contratada seria a responsável por essa parte. As empresas terceirizadas passaram a absorver diversos profissionais no mercado, como telemarketing, ajudante geral, porteiros, seguranças e também motoboys.

As empresas de prestação de serviços, assim como as grandes empresas, também querem reduzir custos. É a lei do capitalismo. Para isso, empregam os profissionais por meio de contrato de prestação de serviços. Esse contrato isenta a empresa de pagar grande parte dos encargos trabalhistas, que seriam obrigatórios no caso do registro em carteira. O profissional deixa de ter uma série de direitos (FGTS, seguro desemprego, férias e etc.), dependendo somente do salário mensal. O crescente desemprego nas grandes metrópoles obriga esses profissionais a aceitarem esse tipo de subemprego, com muitos deveres e poucos direitos.

O motoboy nessa realidade é mais um trabalhador que vê na prestação de serviço uma maneira de fugir das crescentes estatísticas de desemprego. Sobre esse assunto a NAU (Núcleo de Antropologia Urbana da USP) publicou um artigo resultado de uma pesquisa acerca dos profissionais do motofrete e a escolha por uma profissão tão arriscada:

Inquietava-nos, portanto, saber por que a profissão era escolhida, dados os riscos envolvidos, e porque eles não se uniam enquanto categoria. As respostas às entrevistas eram parecidas: o desemprego era o motivo principal para a escolha da profissão, além da perspectiva de poder ficar longe de um escritório fixo, em um horário, com um chefe sempre atento ao menor erro. Certamente que a realidade mostrou o quanto era equivocada a imagem que faziam da profissão, mas a facilidade de se comprar uma motocicleta e de com ela arranjar trabalho motivou muitos a unirem o útil ao agradável. (Avlasevicius, Mutaf e Stiel, [s.d.], p.10)

É importante ressaltar que os motoboys constituem uma coletividade de 160.000 mensageiros presentes nas ruas da metrópole. Esses profissionais transportam tudo: documentos, pizzas, dinheiro, peças de reposição etc. e realizam também todo o tipo de operações em bancos e escritórios.

Deslocando-se sobre duas rodas, esse grupo presta serviços diáários que os cidadãos necessitam executar, sem os quais a cidade não poderia funcionar

normalmente. Não obstante, os motoboys quase sempre são motivo de crítica por grande parte dos cidadãos, sobretudo pelos milhares de taxistas e transportadores públicos e privados que diariamente se deslocam pela cidade.

A remuneração do seu trabalho tem relação direta com a quantidade de entregas: quanto mais velozes forem, maior será o número de serviços e, portanto, melhores serão suas remunerações.

A categoria dos motoboys foi regulamentada apenas no ano de 2003, e a questão da velocidade em nenhum momento é citada, conforme a Classificação Brasileira de Ocupações, registro nº 5191-10, do Ministério do Trabalho (2006):

Coletam e entregam documentos, valores, mercadorias e encomendas. Realizam serviços de pagamento e cobrança, roteirizam entregas e coletas. Localizam e conferem destinatários e endereços, emitem e coletam recibos do material transportado. Preenchem protocolos, conduzem e consertam veículos.⁷

Apesar disso, esses profissionais acreditam que seu trabalho só é necessário, por conta da agilidade no serviço prestado. Um recente estudo feito pela Prefeitura de São Paulo aponta uma média de 50 acidentes diários envolvendo esse grupo de profissionais, sendo que, diariamente, um deles também vem a falecer.

⁷ Disponível em <http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=5191-10>

1.7 – Estereótipo e estigma: imagem e rejeição

O mundo está repleto de imagens com as quais convivemos diariamente, sobre algumas delas temos profundo conhecimento e outras que, por uma série de fatores, conhecemos pelo olhar do outro. Essa lacuna, deixada pela ausência de informações, é preenchida pelos nossos valores e crenças, formando assim opiniões acerca de tudo o que nos rodeia:

Na maior parte dos casos nós não vemos em primeiro lugar, para então definir, nós definimos primeiro e então vemos. Na confusão brilhante, ruidosa do mundo exterior, pegamos o que nossa cultura já definiu para nós, e tendemos a perceber aquilo que captamos na forma estereotipada para nós por nossa cultura. (Lippman, 2008. p. 85)

Segundo Lippman, a explicação para definirmos antes de conhecermos é a economia de atenção, ou seja, se nos propusermos a conhecer tudo em detalhe, a exaustão nos vencerá. Dessa maneira, marcamos um traço característico e o restante preenchemos com as imagens estereotipadas que já possuímos por experiência.

A imagem formada nem sempre é depreciativa, pois há estereótipos negativos e positivos. O bombeiro, por exemplo, carrega uma imagem de heroísmo, aquele que faz o bem para a população, estereótipo positivo. No entanto, ao estereótipo do político é associada a ideia de corrupção, mentiras e escândalos, formando assim uma imagem negativa do grupo.

O estereótipo nunca é totalmente desvinculado da realidade, pois na criação da imagem há sempre um traço verdadeiro e que faz parte da pessoa ou grupo a que se relaciona. Porém, é uma imagem distorcida pautada pelo exagero e generalização das características de um membro para o grupo estereotipado. (Cf. Horton & Hunt, 1983. p. 133)

A manutenção da imagem estereotipada depende de alguns fatores:

- **Percepção seletiva:** confirmação de uma característica - “ele fez exatamente o que todos fazem”;

- **Interpretação seletiva:** ideia formada - “eles são violentos e inconsequentes”;
- **Exceção seletiva:** exceção à regra – “ele não age como os demais do mesmo grupo”. (Cf. id. p. 133)

Não há neutralidade na padronização dos estereótipos. Eles, além de nos proporcionarem uma economia de esforço, marcam a nossa posição social como um elemento de defesa da tradição, do pensamento e nos mantém seguros no lugar que ocupamos na sociedade:

Há uma imagem do mundo mais ou menos ordenada e consistente, a qual os nossos hábitos, nossos gostos, nossas capacidades, nossos confortos e nossas esperanças se ajustam. Elas podem não ser uma imagem completa do mundo, mas são uma imagem de um mundo possível ao qual nós nos adaptamos. Naquele mundo as pessoas e as coisas têm seus lugares bem conhecidos, e fazem certas coisas previsíveis. Sentimo-nos em casa ali. Somos membros. Conhecemos o caminho em volta. (id. p. 97)

Qualquer coisa que fuja desse “mundinho” idealizado é exceção à regra provada e todo restante fica desacreditado e esquecido. Assim, o estereótipo censura tudo aquilo que pode abalá-lo, pois se sustenta acriticamente. Dessa maneira, uma vez levantado um argumento que não possa ser justificado ou refutado, o estereótipo entra em processo de mudança e atualização.

“Certamente, para a maior parte, a forma como vemos as coisas é uma combinação do que há lá e o que esperamos encontrar.” (id. p. 112) A quebra de expectativas pode gerar um sentimento de rejeição, por não atender a imagem previamente formada, em contrapartida a confirmação de um estereótipo negativo terá igual resultado, a que chamamos de estigma.

1.7.1. – Estigma e identidade social

A palavra *estigma* foi criada pelos gregos para fazer referência aos sinais corporais feitos com cortes ou fogo em pessoas que tiveram seu *status moral*

abalado por algum mal e, portanto, deveriam ser evitadas. O sinal era uma maneira de reconhecer, por exemplo, um criminoso ou traidor.

Na Era Cristã, esse termo passou a ter dois sentidos: o primeiro religioso, como marca de graça divina; o segundo, de acordo com a ciência, significava distúrbio físico. Hoje, o termo é utilizado, em sentido mais amplo, para qualquer tipo de desgraça que traga alguma preocupação à sociedade. (Cf. Goffman, 1982. p.11)

Nesse sentido, o estigma passa ter uma relação entre estereótipo e atributos, porém nem todos os atributos negativos são colocados à prova, mas apenas aqueles que determinam um tipo de indivíduo. Aqueles que atenderem às expectativas imputadas pelo estereótipo estão na condição de *desacreditados* e os que não podem ser percebidos em um primeiro contato são os *desacreditáveis*.

Goffman ainda menciona a existência de três tipos de estigmas:

- Deformidade física;
- As culpas de caráter individual e comportamento político radical;
- Tribais, de raça, nação e religião.

Em todos eles encontramos a mesma característica sociológica, ou seja, se o indivíduo possui um traço de uma das imagens categorizadas, ficará evidenciado negativamente, e os demais atributos, inclusive os positivos, serão ignorados:

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes, sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construímos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. (id. p. 15)

O padrão de julgamento surge com as expectativas que temos em relação ao outro e que aqueles que se encontram em uma certa categoria devem cumprir a norma por ela estabelecida. Assim, aos que se julgam *normais* cabe a confirmação e rejeição e ao estigmatizado a concordar que ele ficou abaixo do que realmente deveria ser.

O estigmatizado, consciente de sua posição inferior, pode tentar uma mudança da interpretação de sua identidade social, dedicando um grande esforço em atividades incomuns a pessoas com seus atributos. Com isso, ele tenta sobrepor aspectos positivos aos negativos padronizados pela *identidade social virtual* e corroborados pela *identidade social real*:

A questão que se coloca não é a da manipulação da tensão gerada durante os contatos sociais e, sim, da manipulação de informação sobre seu defeito. Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir; e, em cada caso, para quem, como, quando e onde. (Goffman, 1982. p. 51)

A manipulação da imagem não depende apenas da vontade da própria pessoa, pois a partir do momento em que estamos em contato com o outro, apenas nossa imagem já passa uma *informação social*. Esta informação é alimentada por signos que podem formar um *símbolo de status* ou um *símbolo de estigma*. (Cf. id. p. 53)

Os signos servem para complementar a imagem que temos acerca de um indivíduo ou grupo. A roupa branca de um médico, por exemplo, é um *símbolo de status* e confirma a sua posição de prestígio na sociedade. Em contrapartida, a cabeça raspada de um jovem, por exemplo, pode ser um *símbolo estigma* e poderia ser associado ao grupo *skinhead*⁸, que tem um



Figura 10 - Características do Skinhead

⁸ A cultura skinheads da década de 60 ficou famosa por promover confrontos nos estádios de futebol (confronto entre as torcidas dos times rivais, conhecido na Inglaterra como hooliganismo) e por alguns

estereótipo associado ao racismo, violência e nazismo.

Da mesma maneira que os símbolos identificam e confirmam um estereótipo, podem induzir ao erro. Isto porque um signo, como a cabeça raspada, por exemplo, não exprime que aquele indivíduo seja um *skinhead*, assim como a roupa branca pode não significar que aquela pessoa seja médico ou da área da saúde:

A questão da visibilidade, então, deve ser diferenciada de alguns outros pontos: a ‘possibilidade de conhecimento’ de um atributo, sua ‘intrusibilidade’ e seu ‘foco de percepção’. Isso ainda deixa de lado a afirmativa tácita de que, de alguma forma, o público em geral está comprometido com aquilo que ele observa. (id. p. 61)

1.7.2 - O estereótipo: motoboy e violência

Doc: ce acha que essa profissão de motociclista tá meia::: os caras
tão querendo excluir ela do de São Paulo?

L1: éh lógico... o cara tem o motoqueiro como maloqueiro e ladrão...

Os motoboys são reconhecidos mais como uma categoria social e menos profissional, isto porque há muito a ser resolvido na regularização profissional do motofrete. Essa situação é vista pela sociedade como uma verdadeira desordem da categoria em que qualquer um pode ser motoboy, reduzindo todos os profissionais do setor a um estereótipo ligado à irresponsabilidade no trânsito e à violência:

Quando os motoboys são taxados de 'folgados',
'desrespeitosos', 'loucos', 'donos da razão' etc. pelos

skins demonstrarem animosidade para com os paquistaneses e asiáticos. Mesmo tendo apatia por essas duas culturas, os skins dessa época eram contra os grupos neonazistas e não aceitavam o racismo contra negros, já que muitos desses skins eram descendentes de negros. A “segunda geração” de skinheads surgiu no final da década de 1970, essa mesclou a cultura do “espírito de 69” à cultura punk, mas na década de 1980, a cultura skinhead sofreu grandes mudanças, a principal delas foi a fragmentação da cultura em diversos submovimentos, pois nesse período, com a infiltração da política dentro da cultura skin, integrantes do movimento passaram a promover o racismo contra negros, a xenofobia, a homofobia e a cultivar as ideologias neonazistas. Por esse motivo, hoje temos skinheads de todos os estilos, há os skinheads que curtem a vida sem manifestar preconceito para com seu semelhante e os que demonstram uma animosidade extrema para com aqueles que se diferem de alguma forma, como a cor da pele. (Disponível em: <http://www.brasilescola.com/sociologia/skinheads.htm>)

demais atores do trânsito, tal fala sinaliza o fato de que os conflitos existentes na sociedade não são administrados de forma democrática, mas encarados como um problema do 'outro', este 'outro' sendo uma categoria criada *ad hoc* para receber imediatamente todo tipo de adjetivos depreciativos, encaixando-os assim em desejos de achar um 'bode expiatório' que alivie a sensação de desamparo frente ao imponderável e incontrolável problema de se viver em grandes e superlotadas cidades. (Stiel Neto, Mutaf e Avlasevicius. [s.d.] p. 16)

A tendência dos motoristas generalizarem as ações negativas, em detrimento das contribuições positivas que a categoria do motofrete trouxe à dinâmica da sociedade, não enfraquece a condição do grupo, mas fortalece justamente pela imagem, ou estereótipo, que lhe é atribuída.

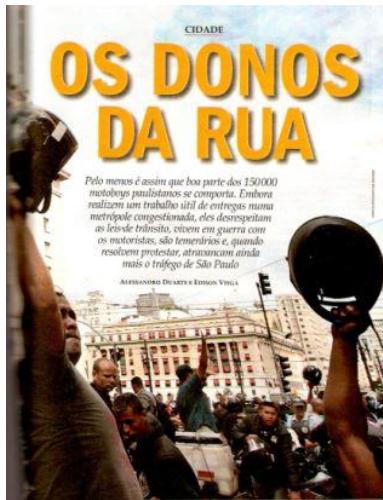
O estereótipo do motoboy foi sendo alimentado, em todos esses anos, por uma série de informações que depreciavam o *status* do profissional. O caso do "Maníaco do Parque", por exemplo, em meados dos anos noventa, foi nacionalmente divulgado pela mídia como o motoboy que estuprava e assassinava meninas. Em algumas reportagens o nome do assassino era substituído ao longo da narrativa pelo vocábulo relacionado à profissão.

As mídias colaboram diariamente para a manutenção do estereótipo negativo associado ao motoboy. A exemplo disto, a revista *Veja São Paulo* publicou, em 30 de janeiro de 2008, a matéria intitulada "Os donos da rua", acerca do protesto realizado no dia 18 deste mesmo mês, no qual os motoboys solicitavam à Prefeitura de São Paulo a criação de uma comissão para regulamentar o motofrete.

A capa da revista trazia uma imagem do filme "O motoqueiro fantasma" e o título "Como acabar com essa guerra urbana". Algumas frases desta matéria ilustram de maneira significativa como a imagem desfavorável do profissional é corroborada durante todo o discurso:



Figura 11- Capa da revista *Veja São Paulo*



1- Pelo menos é assim que boa parte dos 150 000 motoboy paulistanos se comporta. Embora realizem um trabalho útil de entregas numa metrópole congestionada, eles **desrespeitam** as leis de trânsito, **vivem em guerra** com os motoristas, são **temerários** e, quando resolvem protestar, **atravancam** ainda mais o tráfego de São Paulo.

(...)

2- Os motoboy, **sempre em grupo**, prometem fazer mais barulho e, para defender os interesses de uma **minoria**, atrapalhar todos os paulistanos.

(...)

3- Numa metrópole com tráfego caótico como São Paulo, os motoboy tornaram-se uma espécie de **mal necessário**.

(...)

4 - O grande número de acidentes é explicável. Na ânsia de realizar suas tarefas o mais rápido possível, o motoboy **coloca a sua vida e a de outros em risco**. Afinal, a maioria ganha por produção. Para driblarem o trânsito, **cometem toda sorte de infrações**.

Percebemos, nos exemplos citados, que o motoboy está marcado por referenciais de periculosidade, que o coloca, praticamente, em uma condição marginalizada. As expressões “desrespeitam”, “vivem em guerra”, “temerários”, “atravancam”, “sempre em grupo”, “minoria”, “mal necessário”, “coloca a sua vida e a de outros em risco” e “cometem toda a sorte de infrações” alimentam as expectativas normativas da sociedade, que confirma, por meio da opinião generalizada, o estereótipo e consequentemente o estigma a que ele estará exposto:

Assim deixamos de considerá-lo uma criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem – e constitui uma discrepância entre a identidade social real e a virtual. (Goffman, 1982. p. 12)

O portal G1 e a Folhaonline também publicaram matérias, no dia 18 de janeiro de 2008, sobre este mesmo protesto e com as seguintes manchetes:

Protesto de motoboys e falha no metrô **complicam** a vida do paulistano. (G1)

Motoboys seguem para o centro de SP; protesto **atrapalha** o trânsito. (Folhaonline)

A utilização dos verbos “complicar” e “atrapalhar”, mesmo tendo como núcleo do sujeito a palavra “protesto”, enfatizam o incômodo que os motoboys causam aos demais atores do trânsito. Afinal, parafraseando a revista *Veja*, eles foram defender interesses de uma minoria e atrapalharam a maioria dos paulistanos.

O vocábulo ficou tão negativamente marcado, que o sindicato da categoria formalizou a designação da profissão como motofretista ou profissional do motofrete. Os próprios profissionais desta área se dizem ofendidos, quando são chamados de motoboy.

Jacob Pinheiro Goldeberg⁹, no documentário *Motoboys – Vida Loca*, enxerga o motoboy como um ícone paulistano, ou seja, como uma figura de transição, e não como um elemento estratificado da cidade. O motoboy, segundo o psicólogo, está acontecendo.

Dessa maneira, esse profissional ainda não tem a nitidez sociológica e psicológica de sua participação na cidade. Daí a impressão de categoria desorganizada e desunida.

Goldeberg, ainda, afirma que o motoboy passou e está passando por fases de afirmação, sendo elas:

- **Explorativa:** em que é usado e tido como um objeto de consumo sem nenhuma personalidade;
- **Selvagem:** em que se afirma rebelde, agressivo, irritadiço, brigando pela sobrevivência, mas com certas características tribais da grande metrópole – a solidariedade, o orgulho e a linguagem;
 - **Solidariedade:** união necessária em momentos específicos, como um acidente, por exemplo;
 - **Orgulho:** característica das tribos pela ideia de pertença, ou seja, ele não é mais um solitário;
 - **Linguagem comum:** roupas e vocabulário, perdendo a característica individual e ganhando a do grupo.
- **Amadurecimento:** etapa em que ele começa a se preocupar com a própria vida, como se a vida dele não tivesse valor, atitude típica de adolescente;

Por ser um elemento da cidade em processo de formação, a confusão de

⁹ Confira depoimento no documentário *Motoboys – Vida Loca*, direção de Caíto Ortiz, 2004.

sentimentos não se dá só pelos profissionais motofretistas, mas também pelos demais atores do trânsito. Isto porque ele é uma figura desprezada e invejada, visto como herói e bandido, vizinho à transgressão, enfim uma confusão de sentidos, sendo para o mal, no momento do trânsito e da disputa do espaço, e para o bem, na hora em que presta um serviço com agilidade.

Segundo o psicólogo, o motoboy, como um elemento mais novo no cenário da cidade, poderia ser um vínculo afetivo entre os atores do trânsito, mas ao contrário carrega um estigma de perturbação que vai além de todos os aspectos positivos de trazidos pela prestação de serviços do motofrete.

2. CAPÍTULO II – PALAVRAS: MULTIPLICIDADE DE CONTEXTOS E

2.1 – Gíria: um fenômeno sociolinguístico

A sociolinguística tem como campo de estudo a linguagem associada à sociologia, ou seja, entender a influência da sociedade nas manifestações da língua. Desse modo, ela visa compreender os inúmeros fatores sociais a que a diversidade linguística está relacionada.

De acordo com o estudo, o falante possui diversos dialetos sociais e faz uso deles, conforme a situação de comunicação. Isso significa que ele pode utilizar desde uma variante culta até o outro extremo, a informal. Essa escolha dependerá das variedades geográficas e socioculturais que ele deve considerar no momento da interação. Assim não há linguagem melhor ou pior, e sim a mais adequada em uma determinada situação.

A gíria, neste contexto, é um fenômeno linguístico associado, principalmente, à linguagem urbana (variação geográfica) e tem como objetivo primeiro marcar uma posição da sociedade (variação sociocultural). Além disso, seu uso pode ser o mais conveniente, dependendo da situação de comunicação em que o falante estiver inserido.

Os membros de um grupo social, como já comentamos anteriormente, estão ligados por um sentimento de pertença. Este pertencimento pode ser confirmado de diversas maneiras, inclusive pela linguagem. Isto não se reduz a falar e ser compreendido, mas a um sistema de comunicação exclusivo que tem um poder de expressão diferenciado, aproximando aqueles que o reconhece e afastando quem não o comprehende. A gíria surge como elemento identificador de grupos sociais, geralmente, menos favorecidos ou, de alguma maneira, contestadores.

Além disso, o vocabulário diferenciado pode ser um elemento, a mais, em uma situação de comunicação. Muitas vezes, o seu uso é necessário, pois tem um maior prestígio naquele grupo social:

O uso, ou seja, a escolha da maneira de usar a língua depende das situações de comunicação em que o usuário se envolve. A situação de comunicação varia na medida em que o indivíduo participa dos vários grupos sociais, aos quais pertence, pois o homem moderno atua em muitos grupos além dos de parentesco, como grupo de estudo, trabalho, lazer e etc. (Stella, 2003. p. 32)

O caráter criptológico é uma das características do vocábulo gírio, que restringe o uso aos partícipes daquele grupo específico. Porém, sua condição de linguagem secreta é diariamente ameaçada por diversos fatores: a convivência de seus membros com outros grupos; o uso exaustivo e sua consequente absorção na *linguagem comum*; a força do tempo que inutiliza muitas dessas expressões, que se tornam arcaísmos gírios e as *mídias* que diariamente utilizam esses vocábulos, divulgando-os para a grande massa.

No caso da *mídia* impressa, tem sido cada vez mais comum nos depararmos com vocábulos antes restritos a grupos sociais muitas vezes estigmatizados pela sociedade. Porém, na escrita, as mudanças são mais lentas e quando acontecem é porque já foram consolidadas pela oralidade há muito tempo. Por este motivo, os critérios de aceitabilidade são muito mais restritos e a possibilidade de uma quebra de expectativa também é muito maior.

O “erro” acontece quando há uma quebra de expectativa, detectando assim a escolha de uma variante inadequada para determinada situação de comunicação.

Nesse caso, a divulgação da gíria tem duas possíveis justificativas: uma provável aceitação pelo meio de comunicação ou a intenção de marcá-la como linguagem do grupo em questão. A exemplo disto, o site UOL, em uma reportagem sobre um protesto de motoboys no centro da cidade de São Paulo, publicou a fala de alguns destes profissionais:

‘Político não vai **tomar rabeira** aqui não. Aqui não é palanque político’, anunciou Gerson Alemão, diretor do Sindimotosp. (18.01.2008)

A expressão “tomar rabeira” é típica do universo dos motofretistas. A escolha de fazer o registro fiel da fala do motoboy, demonstra que o veículo de comunicação tem a intenção, por meio da reportagem, de aproximar o leitor da realidade. Assim como demonstrar que aquela era a linguagem de maior prestígio dentro do grupo:

Mais contido, Milton Oliveira tomou o microfone. Orador evangélico, ele acalmava os manifestantes mais afoitos: "Rapaziada, não é para **empinar** ou **acelerar** para **dar pipoco**.

A polícia vai autuar, **firmeza?**" Apesar do alerta, vários foram multados.

A reportagem observa que o falante é um orador evangélico e ele utiliza a mesma linguagem do grupo social em questão, os motoboys. Dessa maneira, podemos entender que, em vários momentos, adaptamos nossa linguagem à situação de comunicação a que estamos expostos.

É importante ressaltar, que o falante da reportagem dirigia-se a um público que compreendia os vocábulos gírios por ele proferido, mas no site a notícia está disponibilizada para diversos públicos e nem todos entendem tal linguagem. Dessa maneira, para alguns leitores, a quebra de expectativa pode acontecer pelo desconhecimento da linguagem ou por entenderem que ela infringe os padrões linguísticos, uma reação de condenação e preconceito.

A gíria, portanto, sai do grupo fechado e começa a percorrer outros campos linguísticos, como é o caso da música *O Beat da Beata*, da cantora Ana Carolina:

Na boate **bate estaca**
Preconceito não tem vez
Vale tudo é tudo certo porque a razão é do freguês

Tem um boato ali **rolando**
Num instante que se espalha
Gente séria **segurando a onda** de nego que **avacalha**

O uso dos vocábulos “bate estaca” (música eletrônica), “rolando”, “segurando a onda” e “avacalha” utilizados nos versos de uma música de MPB, estilo musical que possui um público mais elitizado, mostra como esse tipo de linguagem incorporou-se a diversos usos e grupos sociais, de modo que sua utilização é esperada por aqueles consomem esse produto cultural.

A grande presença de vocábulos gírios de grupos restritos, na linguagem urbana, propagandas e músicas, nos leva a pensar que existe uma convivência entre eles e a grande comunidade, daí a sua propagação para os demais grupos. (Cf. Preti, 1989. p. 163)

As mudanças nos critérios de aceitabilidade estão diretamente ligados a períodos de instabilidades na sociedade, ambiente propenso a mudanças. Assim como a rejeição a mudanças e manutenção da tradição reflete períodos de estabilidade na sociedade.

Mesmo em períodos estáveis, a tradição não tem controle total sobre a oralidade, ou seja, a língua falada por seu caráter dinâmico está mais suscetível à aceitação do que é novo, pois a interação é o mais importante. Portanto, o uso de gírias e vocábulos obscenos são, muitas vezes, esperados pelo ouvinte/leitor, e não há quebra de expectativas.

Ainda no campo musical, percebemos que algumas manifestações artísticas, apesar de estarem disponíveis a qualquer pessoa, têm como foco e público principal as camadas menos favorecidas da sociedade. É o caso do RAP (iniciais originárias do inglês *Rhythm And Poetry* - Ritmo e Poesia), um estilo musical de origem popular que trata, em suas letras de temas, como as injustiças sociais, violência e ainda o dia-a-dia da periferia das grandes cidades:

Quando vejo a **playboyzada** faço eles **pagarem um pau**
Eu **queimo a segundinha** e subo a **motoca no grau**
As **minas caem de queixo** e os boys **ficam babando**
Ai **jogo** a terceira e a placa eu vou raspando
Se eu **levo uma fechada** de mulher eu **mudo o esquema**
Se é homem eu olho feio, cada um com seus problemas
Pois eu sou motoqueiro na rua desrespeitado
O meu **trampo** tem horário, tenho que andar **embolado**
Eu queria **andar na manhã** e trabalhar com segurança
Enquanto gente se mata é o patrão que enche a **pança**

A música *Rap dos Motoboys*, do rapper Marcelo Veronez, também conhecido como Poeta dos Motoboys, mostra o cotidiano dos profissionais do motofrete. Na letra, podemos observar o uso elevado de vocábulos gírios em comparação à música da cantora Ana Carolina.

Na estrofe em referência, tanto a temática quanto as gírias utilizadas (em negrito) fazem parte do universo do grupo social motoboys, consequentemente seu entendimento está restrito aos integrantes ou aqueles que convivem com este grupo social, evidenciando, nesse caso, o seu caráter criptológico.

O uso da gíria, além da questão do entendimento e força de sua expressividade, é mais um recurso linguístico que o falante pode fazer uso no momento em que perceber que essa linguagem possui uma melhor aceitação no grupo social em que está inserido.

2.1.1 – Sentido e efeito de sentido

L1: meu nome é Ricardo e faz quatro anos que eu to nessa **vida louca**...

Neste tópico analisaremos os efeitos de sentido que uma palavra ou expressão pode ter, quando empregada em contextos diferentes. Assim como a impressão que este uso causa em seus interlocutores.

Segundo Guiraud, para cada nome temos diversos sentidos, estando todos unidos a um contexto que especifica o significado, ou seja, que não permite dar ao significante um outro entendimento senão aquele expresso pela situação de comunicação. (Cf. 1963. p. 30)

Nessa perspectiva, podemos compreender que, aliado a um contexto, o vocábulo gírio amplia os significados sem, necessariamente, alterar os significantes:

As palavras evocam, por outro lado, a imagem daqueles que a empregam ordinariamente e aquela das situações nas quais elas estão implicadas.

Há valores sociais que derivam do grupo econômico, profissional, regional etc.; outros que se ligam à natureza da comunicação, às intenções e à situação dos sujeitos falantes, ao tom e ao gênero. (id. p. 34)

A expressão “vida louca”, por exemplo, percorre diversos sentidos, de acordo com a contextualização em que está posta:

Vida louca vida
Vida breve
Já que eu não posso te levar
Quero que você me leve
Vida louca vida
Vida imensa
Ninguém vai nos perdoar
Nosso crime não compensa

Na música do cantor Cazuza, a expressão possui um *sema* de falta de compreensão, ausência de sentido da vida, por sua brevidade e por não termos o controle sobre ela. No entanto, em outro caso, ela toma um sentido completamente diferente:

Eu durmo pronto pra guerra,
 E eu não era assim, eu tenho ódio,
 E sei que é mau pra mim,
 Fazer o que se é assim,
Vida loka cabulosa,
 O cheiro é de pólvora,
 E eu prefiro rosas.
 (...)
 Aos 45 do segundo arrependido,
 Salvo e perdoado,
 É DIMAS o bandido,

 É loko o bagulho,
 Arrepia na hora,
 Ó
 DIMAS primeiro **VIDA LOKA** da historia,

A expressão “vida loka”, na música do grupo de Rap Racionais MC’s, ganha um sentido de vida na periferia, com dificuldades que podem levar a caminhos perigosos. Além disso, sofre uma deformação no significante pela supressão da letra “u” e a troca do “c” pelo “k”.

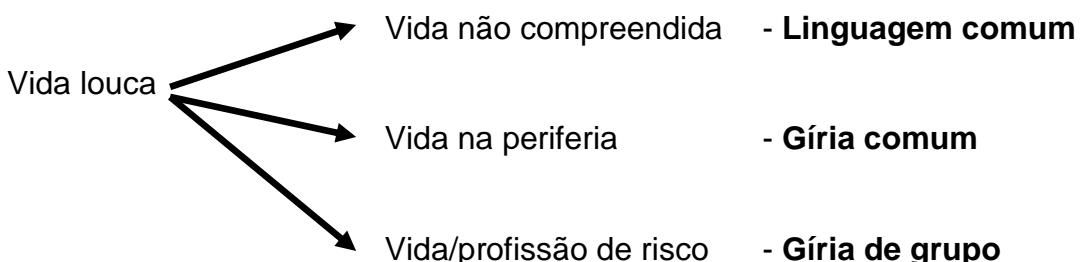
Num outro contexto, podemos associar essa expressão a um terceiro sentido, mais fechado e específico de um grupo:

Doc: quanto tempo ce tá na rua e qual seu nome?

L1: meu nome é Ricardo e faz quatro anos que eu to nessa **vida louca...**

Para os motoboys, “vida louca” é uma alusão à profissão de risco dos motofretistas ligada às condições precárias de trabalho como, remuneração baixa, risco de acidentes e estigma da sociedade. Esse mesmo sentido é confirmado também pelo título do documentário de Caíto Ortiz, *Motoboys, vida loca*, que conta como é a rotina dos motoboys na cidade de São Paulo.

Podemos esquematizar o percurso semântico da expressão “vida louca” da seguinte maneira:



Nesse caso, podemos perceber que um sentido não está em detrimento de outro, mas que há três sentidos para a mesma expressão. A diferença entre eles é o grau de disseminação e reflexo de cada um na sociedade.

“Vê-se o papel que representam ‘as mudanças de sentido’ neste duplo processo, às vezes sob a forma de uma transferência semântica ou estilística, em nível de criação individual e de um deslizamento em nível de disseminação coletiva.” (Guiraud, 1963. p. 41)

No primeiro exemplo, a música de Cazuza traz ao vocabulário uma compreensão filosófica, na busca do sentido da vida. Já no rap dos Racionais Mc's o que vemos é a vida desordenada da periferia, sem recursos para sobreviver, deixando as pessoas confusas na escolha entre o caminho do bem e do mal. Por último, a fala do motoboy evidencia o descontentamento e a indignação quanto aos riscos e à precariedade de trabalho a que estes profissionais estão expostos todos os dias.

Com relação ao entendimento dessas expressões pela sociedade, “vida louca” como uma gíria do grupo motoboys, passa a ideia de irresponsabilidade, de agir sem pensar nas consequências, algo que realmente beira à loucura. Isto porque ela reflete, no entendimento geral, as atitudes de um grupo social que possui um estereótipo negativo aliado à falta de responsabilidade e à inconsequência:

O preconceito e o estigma caminham paralelamente ao percurso da expressão gíria, talvez por ser essa a alternativa do uso popular que reflete a indignação, a contestação e, algumas vezes, atitudes pouco convencionais de um grupo, diante de situações político-sociais contra a sociedade dominante. (Stella, 2003. p. 41)

2.2- As gírias no site Canal Motoboy: *signo de grupo*

L1: Ah **maluco**... **ficou a pampa** né::: aí ficou melhor pra nós já
andar....né **mano**

O léxico representa tanto o ambiente físico quanto o social dos falantes, simbolizando a herança sociocultural de uma comunidade. Esse processo vocabular evidencia a tensão social e todas as experiências ao longo da formação do falante.

Além disso, é o componente da língua que mais facilmente representa as mudanças e variações linguísticas, visto que, por ter como função nomear e designar fatos, processos, objetos, pessoas, etc., mostra necessariamente as transformações sociais, daí ser uma classe de palavras aberta (está sempre agregando novos itens lexicais).

Nesse sentido, a gíria surge como um recurso expressivo que dá novos significados a significantes já existentes na língua. Ela agrupa os valores e a crença do grupo que a utiliza, refletindo a visão de mundo por eles adquirida:

Observa-se que, conferindo significado novo às palavras, somente alterando o sentido, a gíria consegue dar um dinamismo à linguagem, quando retira do léxico comum o vocábulo, mudando o seu sentido original. Com a troca de sentido, percebe-se que o vocábulo gírio é um parasita da linguagem comum. (Stella, 2003. p.49)

A criação de vocábulos gírios acontece, principalmente, em ambientes de conflitos constantes, em que um grupo deturpa os significados como meio de identificação, agressão ou defesa perante a sociedade. “A partir do momento em que essa linguagem especial serve ao grupo como elemento de autoafirmação, de verdadeira realização pessoal, de marca original, ela se transforma em *signo de grupo*.” (Preti, 1984. p.2)

No caso do *corpus* em análise, as gírias utilizadas pelos motoboys responsáveis pelo Canal e aquelas identificadas nas entrevistas refletem o universo vivenciado por estes profissionais. O uso no *site* facilita o processo de interação não só com os entrevistados, mas também com o público que acessa a página, formado principalmente por motoboys.

Para entendermos como se configura o signo de grupo, que essa linguagem gíria comunica, ilustraremos a questão com uma das entrevistas colhidas no site. O assunto em pauta era a proibição da circulação de motocicletas pelo chamado “corredor” e as possíveis melhorias para a categoria:

Entrevista 13

Doc: quanto tempo ce tá na rua e qual seu nome?

L1: meu nome é Ricardo e faz quatro anos que eu to nessa vida louca...

Doc: ((barulho))... que ce acha dessa nova lei que nós não podemos mais de andar no corredor?

L1: ((barulho))...isso pra mim não existe...() de as motos (são feita pra) andar no corredor....certo? senão não adianta o nosso trampo...

Doc: éh::: o que você acha que deveria para melhorar a nossa classe?... de motoboys o que precisaria de ()...

L1: ah mano... pra nós tem que ter um convênio certo?...um::: seguro de vida... um::: sindicato pra nós pra nós correr junto... com junto.... a gente... que a gente corre sempre sozinho... (pausa)... ((barulho))... aí minha opinião é essa e () em duas rodas aí... fique com Deus aí e um bom trabalho pra todo mundo...

Na linha 1, o documentador, que também é motoboy, utiliza a expressão gíria “tá na rua” (trabalhar como motoboy) para questionar o entrevistado acerca do seu tempo de trabalho como motofretista. Com isso, o entrevistador se coloca como parte integrante do grupo social e utiliza a sua linguagem, que é reconhecida e decodificada pelo entrevistado.

O entrevistado, então, percebe que pode utilizar tal linguagem e no decorrer do diálogo aparecem as gírias “vida louca” (profissão perigosa), “trampo” (trabalho), “mano”, “correr junto” (união) e “duas rodas” (motocicleta).

“A utilização da gíria carrega a sugestão de que o falante e o ouvinte fazem parte de uma ‘irmandade’ especial, mas a utilização de coloquialismos enfatiza apenas a informalidade e a familiaridade de uma situação social

genérica." (Wentworth e Flexner, 1967. p. 03)

Os exemplos citados servem para ilustrar aquilo que chamamos de signo de grupo, pois pertencem ao léxico comum; expressam com vivacidade a realidade dos motoboys; fazem parte da linguagem codificada do grupo:

(...) como signo de grupo, essa gíria favorece a identificação social do falante, permite-lhe interagir com segurança com falantes do mesmo grupo e lhe traz, na conversação, a confortável sensação de segurança e superioridade por usar uma linguagem original, diferente da maioria. É uma sensação semelhante àquela dos que falam numa língua estrangeira perto de pessoas que não entendem essa língua. (Preti, 2004. p. 91)

Além da identificação dos seus integrantes, a gíria, como signo de um grupo fechado, deve expressar, por meio de ironia, agressividade ou humor, símbolos que sigam à visão de mundo desses falantes. No caso dos motoboys, o trabalho, o trânsito e os conflitos condutor x motociclista foram os referenciais de maior frequência tanto nas entrevistas, quanto nas legendas postadas no site.

Apesar da gíria de grupo ser uma linguagem que possui um caráter secreto, sua divulgação pelas grandes mídias e principalmente na internet ameaça a criptologia destes vocábulos. Neste sentido, ela passa a ser reconhecida como signo de grupo, mais pelo sentido fechado, ou seja, os referenciais, do que pelo desconhecimento daqueles que não fazem parte grupo. A tabela a seguir ilustra os vocábulos criados a partir dos referenciais profissionais e pessoais dos motofretistas:

Referenciais	Gíria
Velocidade	A milhão Abrir o gás Colando o ponteiro Tocando fundo Chamar no grau
Trabalho	Trampo Trampo-roça Tá na rua Correria Roça Vida louca Na atividade Soltando da rua Trabalho filé

	Vida loca
Motoboy	Cachorro-louco Piolho de asfalto Cai-cai Pé-de-breque Motoca Burro de carga Homem bomba Garupa Esporádico Não é Sílvio Santos, mas vive do baú.
Acessórios e motocicleta	Aranha Trava Moto-roça Cabrito Duas rodas Moto-dog Protetor de cotovelo CR Garupa Estilo motoboy
Empresas terceirizadas	Boca de porco
Conduta no trânsito	Altas manobras Andar embolado Jogar segunda/terceira Subir a motoca no grau Costurar Frisar o chão Manobra atrasalada Na atividade Tirar fina Torcer o cabo na segurança Voa liso
Problemas vivenciados no trânsito	Canetada Fechada Tomar um rola Tomar capote Ficar no veneno
Condutores / Fiscalização	Bração Marronzinho Domingueiro Carrocinha amarela Os cavalos de aço da Rocam
Espaço	Corredor

2.2.1 - O *trampo*¹⁰

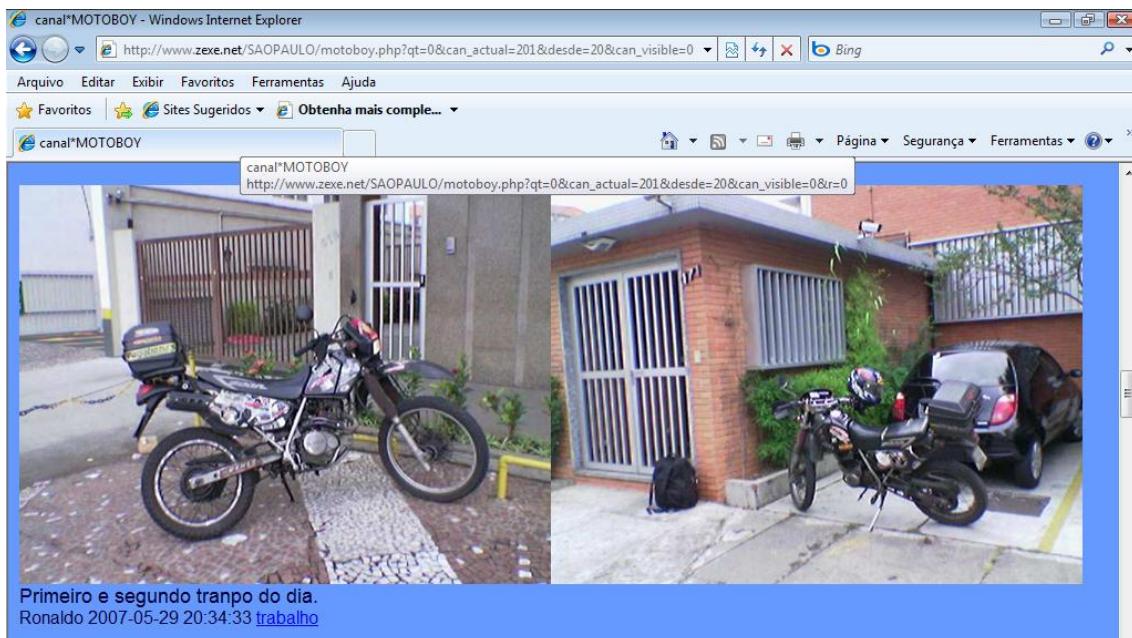


Figura 12 – Legenda das fotos: Primeiro e segundo trampo do dia

A crescente demanda de serviços rápidos, nas grande metrópoles, fez da expressão “tempo é dinheiro” um lema de guerra, na qual de um lado estão o motoboys e suas milhares de entregas “urgentes” e os demais atores do trânsito que veem seu espaço sendo tomado por profissionais motociclistas que fazem da rua o seu escritório e da velocidade o seu cartão visita. No entanto, ganhar por entrega agrega ao trabalho deste profissional a necessidade de quantidade em detrimento da qualidade, inclusive qualidade de vida.

Nesse contexto, o vocábulo gírio “trampo” acumula significados além daquele registrado (como gíria) pelo dicionário *Houaiss* como serviço/trabalho¹¹:

1- *Galera dando um trampo*

(Neka 2007-04-21 17:09:32 luta)

2- *Nossa hoje foi loucura varios trampos*

(2007-05-10 15:35:22 serviços)

¹⁰ Canal Motoboy – legenda consultada em 02/08/2009.

¹¹ Tram.po s.m. B. gír. Trabalho, serviço.

3- *Primeiro e segundo trampo¹² do dia.*

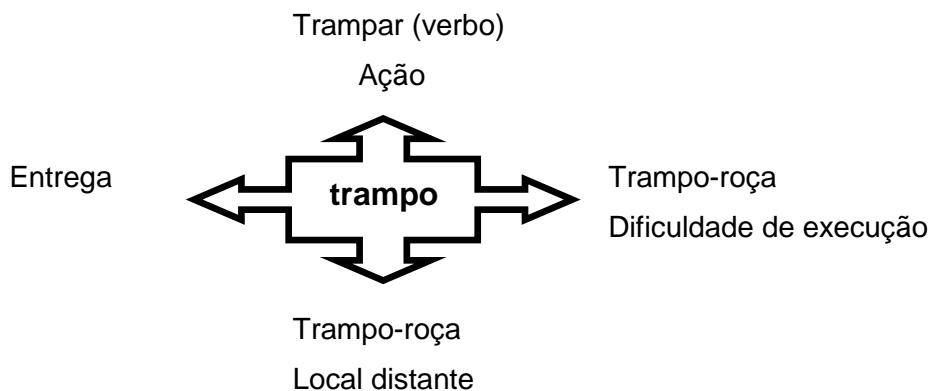
(Ronaldo 2007-05-29 20:34:33 trabalho)

4- *Mais um daqueles trampo qui roça.*

(Ronaldo 2007-06-13 05:32:37 dia a dia)

No exemplo 1, “dar um trampo” significa ação, o trabalho em andamento. Já nos exemplos 2 e 3, o vocábulo expressa a quantidade de entregas, o número de locais a serem visitados. Agregado ao vocábulo em questão, o substantivo adjetivado “roça” traduz a ideia de um trabalho difícil de ser executado ou distante.

Assim, o significante “trampo”, na linguagem do grupo, pode ter diversos significados:



Podemos encontrar o vocábulo “trampo” em outras manifestações linguísticas grupos ou classes sociais, porém, é importante ressaltar, o uso na linguagem dos motoboys amplia o seu significado e o associa à rotina de trabalho destes profissionais:

A gíria é utilizada para demonstrar aos outros (e para que nos lembremos) nossa formação biográfica, mental e psicológica; para mostrar o nosso social, econômico, geográfico, nacional, racial, religioso, educacional,

¹² A grafia da gíria “trampo” foi mantida da mesma maneira postada no site. Em algumas legendas o vocábulo foi registrado com “m” e em outras com “n”.

ocupacional e interesses de grupo, associações e patriotismos. (Wentworth e Flexner, 1967. p. 11)

2.2.2 – O motoca

A designação motoboy, dada à quantidade destes profissionais nas grandes cidades, acabou generalizando todo o usuário de motocicletas. Não é estranho vermos nos noticiários imagens de acidentes no trânsito, em que um motociclista está envolvido, e a imprensa comunicar como mais uma desgraça envolvendo este profissional. Assim, contrariamente ao divulgado pelas mídias preponderantes, o usuário de motocicleta pode ser dividido em quatro categorias:

- **motociclista:** aquele que utiliza a motocicleta como meio de transporte;
- **motociclista profissional / motofretista / profissional do motofrete:** o motoboy, que utiliza a moto como instrumento de sua profissão, principalmente entrega de documentos;
- **motoqueiro:** tem a motocicleta, geralmente estilizada, como um *hobby*, que a usa no final de semana ou nos horários de folga, como diversão.
- **moto taxista:** mais comum em cidades do interior, transporta pessoas de um lugar para outro, em substituição ao transporte público.

A própria oficialização do nome permite três nomenclaturas, evidenciando a busca incessante por dissociar o vocábulo motoboy, tão estigmatizado pela sociedade, do profissional que utiliza a motocicleta na sua profissão, ou, na expressão gíria “Aquele que não é o Sílvio Santos, mas vive do baú”.

A vulgarização do nome traz à luz o preconceito que esta categoria sofre por força do imaginário social, fragmentando os próprios membros do grupo social em pequenos subgrupos. A gíria, neste caso, reflete essa quebra sofrida

dentro do grupo:

Conceito negativo	Conceito neutro / positivo
<ul style="list-style-type: none">- Cachorro louco- Burro de carga- Homem bomba- Motoboy- Piolho de asfalto- Cai-cai- Pé-de-breque	<ul style="list-style-type: none">- Motoca<ul style="list-style-type: none">• Registrado• Esporádico

Podemos observar que mesmo os vocábulos, “cachorro-louco”, “burro de carga”, “homem bomba” e “motoboy”, criados dentro do grupo refletem o estereótipo negativo formado pela sociedade e conceituam negativamente o profissional:

As próprias estruturas sociais que determinaram o distanciamento dos mal viventes são reproduzidas na anti-sociedade dos banidos: à rigidez das instituições corresponde a rigidez com que se acha estruturado o grupo que se colocou fora destas mesmas instituições. (Ferrero, 1972. p.23)

Da mesma maneira, a luta pela reversão dos valores imputados está contida no termo “motoca” subdividido em “registrado” e “esporádico”.

O “motoca registrado” é aquele que tem carteira assinada, possui moto própria ou utiliza a da empresa, ganha um salário fixo e tem uma situação mais estável, visto por muitos como um ideal a ser alcançado.

Já o “motoca esporádico”, o que talvez constitua a maioria, trabalha em empresas terceirizadas, ganha por entrega efetuada, não possui nenhuma garantia trabalhista. Tais empresas vivem em constante conflito com os sindicatos da categoria, pois são constantemente acusadas de violarem direitos e abandonarem seus funcionários em caso de acidente.

2.2.3 – Cachorro-louco: ser ou não ser

Durante todo o processo de pesquisa, registramos apenas uma ocorrência do vocábulo “cachorro-louco”. Apesar de sua propagação nos mais diversos meios de comunicação, dentro do grupo é um termo que associa muitos aspectos negativos, e por isso evitado. Nas entrevistas, “motoca” e “motoboy” são únicas referências à categoria. A música do rapper Marcelo Veronez a expressão nos dá esta ideia de transgressão de regras:

Se passa um motoqueiro acelerando um pouco
jogo uma para baixo e viro um **cachorro louco**
senhores motoristas olhem no retrovisor
pode vir um motoboy a 110 no corredor
se agora vale ponto eu não quero nem saber
vão tomar a minha carta meu cic e meu rg

Virar “cachorro-louco”, neste caso, é acelerar a motocicleta sem dar importância às possíveis consequências como tomar uma multa, ganhar pontos na carteira por excesso de velocidade, entre outros.

No entanto, no documentário *Motoboys, vida loca*, do diretor Caíto Ortiz, ser um “cachorro-louco” para o motoboy mais jovem traz um status positivo, exatamente pela ideia contestadora do vocábulo. Em uma das entrevistas, um motoboy que fazia entregas para uma pizzaria comentou que ser “cachorro-louco” chamava atenção das meninas e elas passavam a admirá-lo.

Nesse sentido, o vocábulo continua com o mesmo significado, porém é interpretado de duas maneiras diferentes: um símbolo de status social no grupo com o qual ele se relaciona ou uma ideia de profissional ruim, inconsequente e transgressor.

Registraramos também o aparecimento do vocábulo como uma expressão que identifica o profissional, como na reportagem do jornal O Estado de S.Paulo, publicada em 28 de janeiro de 2008:

Hoje menos, mas, na década de 80, quem não tivesse um CR, um jaco (jaqueta) California Racing, não era **cachorro louco**.
(...)

Amor de Motoboy foi feito pelas amigas Thais e Flavia, inspiradas por um amigo e pelo irmão **cachorro louco** de Flávia. A música ganhou um concurso de música funk do curso de teatro que freqüentam.

Nesse sentido, o vocábulo se torna um sinônimo de motoboy, perdendo a agressividade e o símbolo de status, verificado nos exemplos anteriores. De tal modo, que podemos entender que a gíria é um significante que agrupa diversos significados, com usos diferenciados.

2.2.4 – Pássaro de ferro

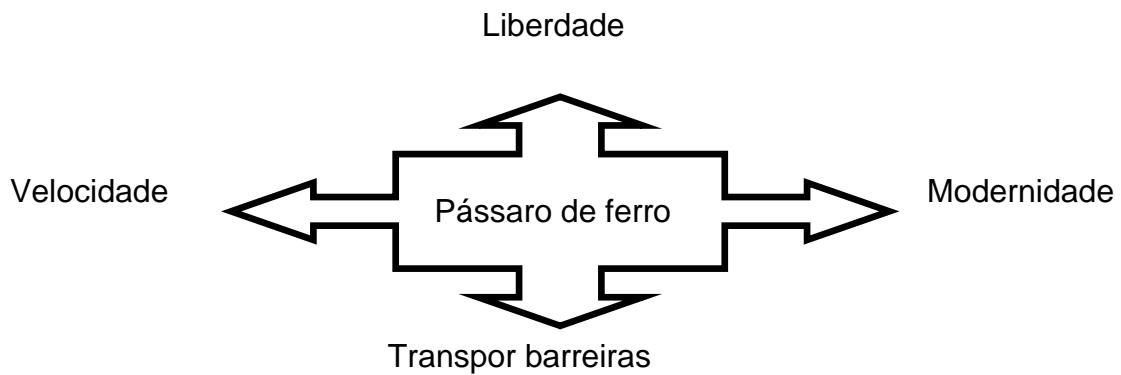
“Pássaro de ferro voando pela cidade

alguns fazem por que gostam, outros por necessidade”

Marcelo Veronez – Poeta dos motoboys

A significativa participação dos motoboys no espaço do trânsito de São Paulo aconteceu na mesma velocidade em que sua prestação de serviços se tornou um elemento indispensável para acompanhar o ritmo frenético da cidade de São Paulo.

O grau de expressividade que a gíria “pássaro de ferro” carrega nos permite caminhar por alguns significados que permeiam o universo deste profissional:



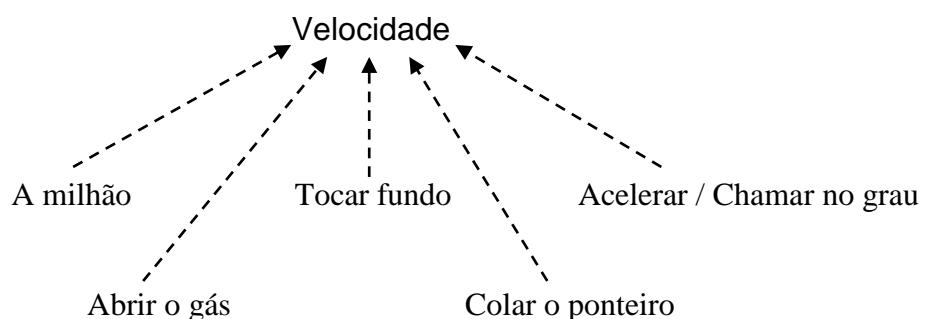
A quantidade de significantes para um mesmo significado evidencia a condição expressiva do vocábulo gírio, que pode dizer muito em poucas palavras, além do valor deste, quando do seu uso no grupo específico. Logo, “pássaro de ferro” nos transmite a ideia de liberdade, velocidade, modernidade e transposição de barreiras. Neste último, simbolizando o trânsito de São Paulo.

No fragor do trânsito, a visão de um motoboy apressado passando a centímetros do carro pode assustar e indignar quem encara com zelo o espaço que lhe é devido na cidade:

Entrevista 12

L1: palhaçada total irmão...que pô comé/ que a gente vai andar... se a gente tem que parar atrás do carro?... então o serviço de motoqueiro vai ser em vão... as firmas não vai pedir mais porque o::: serviço de motoboy é o mais rápido que tem meu...

O importante aqui é o funcionamento de uma teia de serviços, invisíveis na cidade, que são realizados por uma classe de trabalhadores cuja materialidade é ignorada por quase todos. Assim, a rapidez figura de diversas maneiras neste grupo social:



Contrariamente às gírias citadas anteriormente, o percurso semântico das expressões “a milhão”, “abrir o gás”, “tocar fundo”, “colar o ponteiro” e “acelerar” caminham para um único sentido, a velocidade. Com isso criaram-se diversos significantes para um significado.

Para os motoboys, a existência da sua profissão só se justifica pela agilidade na prestação do serviço de entrega. Por este motivo, a criação de

uma lei que proíba o motoboy de circular entre os carros inviabilizaria a execução do seu trabalho:

Entrevista 11

Doc: já ficou sabendo aí da lei nova aí que a prefeitura quer proibir tal...qual sua opinião?

L1: na minha opinião....eu acho que::: se caso eles proibirem...muitos motoboys vai ficar desempregados...e outra... éh::: muitos pagam o motoboy porque ele é mais rápido e é mais prático...agora se impedir o motoboy de pegar o corredor... mais vantagem a pessoa ir de carro... entendeu?.... é onde praticamente o Brasil para...porque pra o o motoboy que que movimenta São Paulo... essa é a minha opinião...

“Como final de um complexo sistema de produção, os motoboys são obrigados a cumprirem prazos extremamente apertados. Sua eficiência em cruzar a cidade em poucas horas, fez deles os profissionais ideais na hora de entregar algo imediato sejam documentos, valores ou objetos.” (Avlasevicius, Mutaf e Stiel, [s.d.], p.13)

2.2.5 – O corredor

L1: ((barulho))...isso pra mim não existe...() de as motos (são feita pra) andar no corredor...certo? senão não adianta o nosso trampo...

A dificuldade de se enxergar as leis como coisa pública e o espaço como bem comum faz trânsito da cidade uma eterna disputa de território. No entanto, a interação entre diferentes atores pode revelar formas interessantes de posicionamento em relação ao espaço público citadino:

A rua deixa então de ser um espaço de sociabilidade e passa a ser uma ‘área de ninguém’ que deve ser evitada. Mais que evitada, a rua é um espaço que leva de um local a outro e tudo o que atrapalha este trajeto é objeto de irritação e agressividade. (Avlasevicius, Mutaf e Stiel, [s.d.], p.13)

A linguagem, neste contexto, passa a refletir esses problemas vivenciados pelos motoboys, inclusive, quando referem-se aos condutores de veículos:

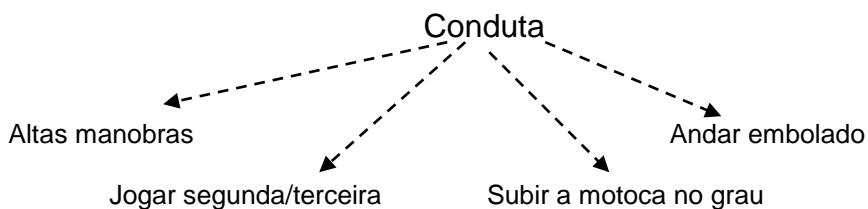
VOCÊ DIZ QUE ACELERA EU TE CHAMO DE **BRAÇÃO**
(...)
DOMINGUEIRO JOGA EM CIMA,EU ESCAPO NO QUEBRÃO
(...)
UMA VEZ NA RADIAL UM **VACILÃO** ABRIU A PORTA
ME SOBROU UM BRAÇO QUEBRADO E UMA PAR DE
BENGALA

Os vocábulos “bração” e “vacilão” utilizados, em princípio, para os condutores que não olham no retrovisor antes de mudar de faixa, acabaram por estender para os próprios profissionais do motofrete:

Na verdade muitos motoboys alegam que tal solidariedade não existe. Eles salientam que se estiverem atrasados e algum motoboy for “bração”, ou seja, se atrapalhar na passagem, eles não hesitam em “passar por cima”. A concorrência dos últimos anos parece que teve efeitos negativos na imagem da categoria em relação a ela mesma. (id. p. 18)

Aquele que só utiliza o veículo aos finais de semana é chamado por eles de “domingueiro”, visto que pela ausência de prática no volante, o condutor costuma cometer erros que atrapalham a vida do motoboy. Muitos destes erros acabam provocando acidentes, que de maneira lúdica é simbolizado na expressão “Tomar um rola”.

Além de serem atrapalhados por terceiros, é importante ressaltar, que há casos em que o próprio motoboy é responsável pelas consequências desastrosas de sua conduta no trânsito:



Os atos inconsequentes simbolizados pelas gírias acima não é unanimidade na categoria. Eles geralmente estão ligados à atitude dos recém chegados na profissão. Ou seja: a moto tem, para alguns, um apelo de liberdade, de ousadia e de contestação que muito fala da opção destes indivíduos em relação à profissão:

Alemão relatou: ‘Quando percebi que alguém poderia pagar para eu fazer o que sempre fiz e gostei, que era andar de moto, nem acreditei!’ Outros motoboys entrevistados nos falaram do status que a moto dava no bairro em que eles moram e deduzimos também que o ganho diferenciado do motoboy – bem acima da média dos salários dos bairros de classe baixa da cidade – além do imaginário de perigo envolvido profissão, fornecem uma certa ‘aura’ ao motociclista profissional, aura que os faz conscientes de sua importância no desprezo que demonstram pelo motorista comum, alvo de praticamente todos os motoboys entrevistados quando questionados sobre que categoria mais atrapalhava o trânsito. (id. p. 14)

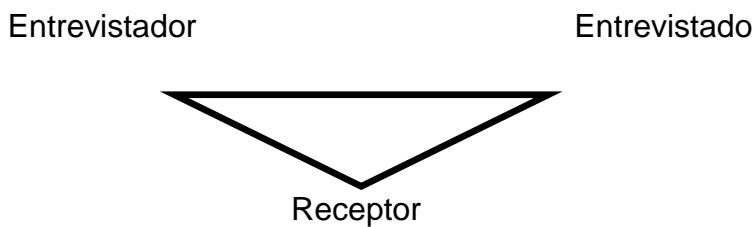
O resultado da má conduta no trânsito, por parte dos motoboys, também é registrado pelo grupo nos vocábulos gírios “baita multa” e “canetada”. Essas sanções geralmente são aplicadas pelo excesso de velocidade ou alguma irregularidade com a motocicleta (documentação, por exemplo) e são feitas pelos chamados “marronzinhos”.

3. CAPÍTULO III – DECIFRANDO A PARTITURA INVISÍVEL

2011

3.1 Entrevista: microfone para as vozes sufocadas

A busca da credibilidade na informação faz do gênero entrevista um recurso midiático organizado, que apesar do seu caráter dialógico, da troca linguageira entre dois parceiros, tem a finalidade de produzir uma informação a uma terceira entidade, o receptor.



Esse dispositivo triangular concretiza-se pelo contrato midiático em que o entrevistador deve fazer falar o seu entrevistado, que por sua vez tem algo de importância geral a dizer e será ouvido pelo receptor que espera, dentro daquele contexto, algo revelador.

Dessa maneira, diferente do bate-papo e da conversa, a entrevista “exige uma diferenciação de status, de tal modo que um dos parceiros seja legitimado no papel de ‘questionador’ e o outro num papel de ‘questionado-com-razões-para-ser-questionado’. A alternância de fala se acha então regulada e controlada pela instância entrevistadora segundo suas finalidades.” (Charaudeau, 2006. p. 214)

Segundo Medina, este gênero é uma técnica de interação social que permite a democratização da informação, com a pluralização de vozes, inclusive daquelas caladas pelas mídias preponderantes. Ela consente a ambos (entrevistador e entrevistado) o poder de se expressar e revelar o seu conhecimento de mundo e assim atender às expectativas da audiência. (Cf. 1990. p. 8)

A escolha da fonte de informação está associada à própria pauta definida pela instituição midiática. Porém, o autoritarismo dessas instituições de limitou severamente a seleção das vozes que devem ser ouvidas na reportagem. As opiniões acabam restritas aos grupos de poder, sejam eles econômicos, culturais ou políticos:

Outras possíveis fontes são descartadas ou porque não servem (não se explica o motivo), ou porque ‘a casa’ (entidade mítica que significa a empresa) não aceita esses nomes (malditos), ou porque, por desconhecimento total, uma sugestão inovadora por parte do repórter pega de surpresa o produtor cultural que está à frente do processo de decisão. (id. 1990. p. 35)

Altman diz que a entrevista é a essência do jornalismo e transforma o cidadão comum em líder, dono da palavra, professor (Cf. 1995, p. 1). Um dos principais requisitos da entrevista é a autenticidade, ou seja, que as declarações atribuídas ao entrevistado possam ser provadas:

Problema de credibilidade igualmente na medida em que as entrevistas de testemunho (e em alguns casos também as de expertise) destinadas a autenticar os fatos são mais pretextos do que provas: a fragmentação da entrevista (brevidade no tempo e interrupção das respostas por comentários), a acumulação de testemunhas de opinião (entrevista de rua) mais ou menos selecionadas em função do interesse das respostas, produzem um efeito de ‘entrevistas-álibis’ da informação. (id. 2006. p.217)

Em contrapartida, a questão do tempo da fala também pode ser um problema no momento da edição. Entrevistas demasiadamente longas tendem a ter um interesse menor por parte do público. Isso faz com que, ao final, permaneça apenas aquilo que é proveitoso para audiência.

A verdade absoluta não é atingida porque ela não existe. Tudo está relativizado e fragmentado e só a posição respeitosa diante do fato conduzirá à conquista da maior porção de veracidade possível.

3.1.1 Entrevistas no Site Canal Motoboy

Doc: se você pudesse mandar um recado pro Kassab.... o que você falaria pra ele?

L1: ((risos))... o que eu falaria pra ele doidão?... ah::: mano... arruma as ruas aí pra nós mano... dá uma melhorada aí né mano () no corredor....

A proposta do artista plástico Antoni Abad, em princípio, foi de captar entrevistas em áudio e vídeo como as reportagens de TV. No entanto, o custo para enviar estes arquivos, por meio da tecnologia 3G, estava além das possibilidades do projeto. Por este motivo, o recurso foi utilizado apenas nas primeiras entrevistas, posteriormente o grupo decidiu que os arquivos seriam gravados apenas em áudio e transmitidos online para o site do projeto.

Em reuniões periódicas, o grupo de motoboys, participantes do Canal, decide qual será a pauta para as reportagens da semana. Com o assunto definido, os motorrepórteres procuram registrar por meio de fotos acompanhadas do arquivo de áudio as opiniões dos profissionais motofretistas.

A maior parte dos assuntos permeia a rotina da profissão:

- proibição da circulação de motos no chamado “corredor”;
- colete de identificação;
- regularização da profissão;
- melhorias para a categoria;
- corredor exclusivo;
- acidentes e etc.

A entrevista dura em média um minuto e meio, por conta do contrato firmado entre os representantes do projeto e a empresa de telefonia celular. O arquivo é enviado ao site, juntamente com a foto do entrevistado. É importante ressaltar, que não há nenhum tipo de edição, visto que a ideia do projeto é permitir a exposição de opinião na íntegra, além de o celular não disponibilizar de tal recurso.

As fontes de informação para os participantes do projeto são todos aqueles que fazem parte do universo da categoria: os motoristas, os sindicalistas, os estudantes da área e principalmente os motoboys.

Dar voz ao profissional motofretista é o foco principal do projeto, que visa a colocar em evidência e mostrar o olhar crítico de grupos sociais

estigmatizados pela sociedade.

O site acaba se tornando um púlpito virtual que os motoboys fazem uso para desabafar, reivindicar e reclamar por melhores condições de trabalhos que vão desde aumento salarial, até um simples pedido de respeito pela profissão por parte dos demais motoristas:

Dificuldade / Reivindicação	Trecho da entrevista
Salário	<p><u>entrevista 12</u></p> <p>L1: um salário melhor né irmão... os caras respeitar mais e tal... um convênio médico... Todas as firmas deveriam ter isso aí... ()</p>
Respeito	<p><u>entrevista 1</u></p> <p>L1: todas possíveis...(pausa)...poluição na cara...além de aguentar muito desaforo dos outros...carro fechando nós todo o dia...toda hora...</p> <p><u>entrevista 16</u></p> <p>L1: a dificuldade é o seguinte mano...os os polícia fica embaçando tá ligado?... os carros não respeita nós... não tem faixa de motoboy pra nós parar mano... de pra guardar a moto... () tem que tirar a moto correndo senão ce já leva uma multa...e::: muitas coisas mais... entendeu?...</p> <p><u>entrevista 17</u></p> <p>L1: Bom... a dificuldade é aquela mesma de sempre né... parece que é crônica né... ce tá na rua os carros tá te fechando... eles não dão seta... não olham... depois que eles mudam de faixa aí eles vão ver o que eles fizeram... dão seta e olham pra trás... aí já não tem jeito né... aí não tem como brecar e ce pega bate... aí o errado é quem? sempre os motoqueiros né... aí desse jeito tá embaçado né... fora as multas que você toma à toa né...</p> <p><u>entrevista 18</u></p> <p>L1: ah::: acho que o governo deveria éh::: oh... tanto os motoristas como o governo respeitar mais ao a profissão do motoqueiro que é uma profissão que a maioria dos pais de família usam pra poder sustentar sua família...</p>
Sindicato	<u>entrevista 13</u>

	<p>L1: ah mano... pra nós tem que ter um convênio certo?...um::: seguro de vida... um::: sindicato pra nós pra nós correr junto... com junto.... a gente... que a gente corre sempre sozinho... (pausa)... ((barulho))... aí minha opinião é essa e () em duas rodas aí... fique com Deus aí e um bom trabalho pra todo mundo.</p> <p style="text-align: center;"><u>entrevista 15</u></p> <p>L1: ah eu::: a princípio assim... a minha ideia de início éh::: ter um sindicato...só né... sindicalizar toda a categoria né... montar um sindicato só... um base forte né... e::: unificar né... e a categoria ser reconhecida como uma profissão qualquer né...éh::: porque é uma profissão como qualquer outra... como professor... policial e::: tem que unificar a categoria aí e montar um sindicato só... éh isso aí que eu acho da categoria..</p>
Regularização da categoria	<p style="text-align: center;"><u>entrevista 11</u></p> <p>L1: bom...na minha opinião teria que ter mais empresas responsáveis...certo?...éh</p> <p style="text-align: center;"><u>entrevista 20</u></p> <p>L1: meu nome é Renan... tenho dois anos de rua aí... éh::: acho que o que devia melhorar aí pra nossa vida... nosso trabalho... seria acabar com essas firmas terceirizadas né... a famosa boca de porco... que::: aí a gente já podia já tá trabalhando direto pro cliente.... que::: aumentaria nossa remuneração...</p>
Via exclusiva	<p style="text-align: center;"><u>entrevista 3</u></p> <p>Doc: ce acha que invés do prefeito proibir o motoqueiro de andar no corredor... ce acha que ele fazendo um um corredor igual da Sumaré em outras avenidas ia resolver o problema?</p> <p>L1: lógico...aí já ia ficar bem melhor () ... mais rápido pros motoqueiros...</p>
Periculosidade	<p style="text-align: center;"><u>entrevista 2</u></p> <p>Doc: ce acha que agora esse prefeito tá querendo proibir os motoqueiros de andar no corredor....tal quer.... que que ce acha que ele quer com essa lei aí?</p> <p>L1: vai matar uma par de motoqueiro....de moto....pode ser::: a melhor moto do mundo... o carro brecou....moto não breca pá....</p>

	<p>não tem freio pra parar... não é tão rápido que nem carro né...</p> <p><u>entrevista 10</u></p> <p>L1: acho que::: mais segurança... e também e conscientizar os os motoristas que o o (risco) que gente corre também...pra eles não ficar... xingando também... acho que é isso ...</p>
Preconceito	<p>entrevista 2</p> <p>Doc: ce acha que essa profissão de motociclista tá meia::: os caras tão querendo excluir ela do de São Paulo?</p> <p>L1: éh lógico... o cara tem o motoqueiro como maloqueiro e ladrão...</p> <p><u>entrevista 8</u></p> <p>L1: já tão... começaram a cobrar...e o que acontece... acho que só quem ganha... é as empresas que tá ganhando... através disso...entendeu?... e::: a discriminação que a gente tem... eu acho que.... falou que a criminalidade a maioria é feito por motoqueiro... o pessoal confunde muito... qualquer um pode ter uma moto... entendeu?... eu tenho família... é desse serviço que eu crio... tenho dois filhos que eu crio... eles estudam... eu pago meus ((gravação interrompida))</p> <p><u>entrevista 19</u></p> <p>L1: meu nome é Diego... trabalho cinco an/ na cinco anos na rua... e éh o seguinte... além de uma uma remuneração melhor... uma atualização de salário... a gente tem que ser mais respeitado nas nas ruas... porque além de de imprudente... nós somos tachados como marginais... entre aspas...</p>
Corredor	<p><u>entrevista 4</u></p> <p>L1: éh...o intuito do Kassab primeiramente é arrecadar multa... porque se fosse pra ele priorizar a segurança do motoboy... com certeza ele faria mais vias de corredor como o que tem na Sumaré... mas não vai prejudicar só a gente motoboy... vai prejudicar a indústria né... na venda de moto... porque São Paulo vende muita moto... as concessionárias.... as lojas que vendem peças... e o trânsito vai piorar... porque a moto ocupa o espaço de um carro... então não vai resolver nada... vai piorar pra todo mundo... então isso é ridículo... essa lei... tem que pensar num conjunto... que vai estar atrapalhando todo mundo na sociedade..</p>

	<p style="text-align: center;"><u>entrevista 7</u></p> <p>Doc: que que ce acha da proibiçao do::: motoqueiro andar no corredor?</p> <p>L1: isso é ridículo... é melhor e tirar as motos da rua então...</p>
Estacionamento	<p style="text-align: center;"><u>entrevista 5</u></p> <p>L1: aê:::meu nome é Fábio...trabalho há quatro anos na rua e já tive minha moto roubada... porque é muita negligência do pe... do próprio pessoal da polícia aí... às vezes tá perto... não tá olhando direito... a gente não tem um lugar legal pra parar nas empresas... as empresas deixam de criar um espaço pra gente poder por a moto... que ... meu é muito complicado... e acontece de a gente acabar sendo roubado... trabalhando... às vezes pagando moto... várias coisas... e o pessoal não tem:: um respeito pela gente que é um profissional... atrás da moto... tem um profissional ali... querendo ou [não...]</p> <p>Doc: ...que tem família...</p> <p style="text-align: center;"><u>entrevista 6</u></p> <p>L1: ah::: pra melhor a categoria... tinha que ter mais... ((pausa)) colocar mais corredor de moto... igual da avenida Sumaré... facilitar::: onde estaciona moto... às vezes a gente estaciona de um lado e vai lá pro outro lado... ((pausa))</p>

3.2 Estratégias conversacionais

A comunicação oral é a maneira pela qual interagimos de modo mais natural, ou seja, de modo mais distenso, salvo as elocuções formais, nas quais há uma preocupação maior com o uso da língua.

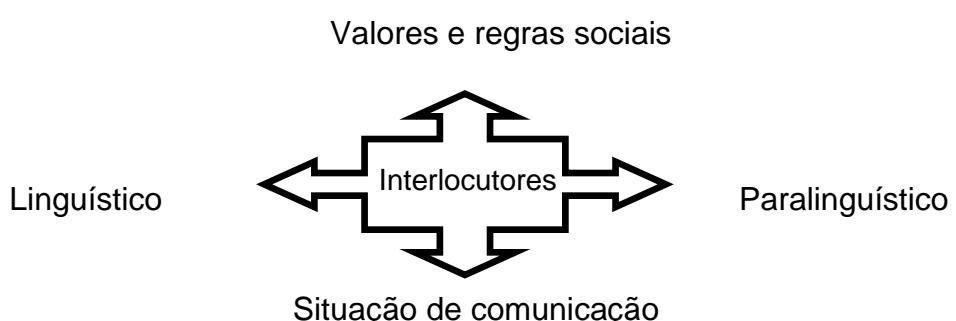
Comunicar pressupõe falar e ser entendido. Dessa maneira, o falante não pode fazer uso da linguagem como um instrumento de defesa, ataque ou apenas de informação, porém sempre será com intenção de atender um objetivo predeterminado.

Nesse contexto, a Análise da Conversação surge como o estudo dos fatores que regem as escolhas linguísticas e paralinguísticas dos falantes nas situações de comunicação e os efeitos de sentidos que estas causam em seus interlocutores ou audiência.

A AC propõe, nesse sentido entender como a linguagem se estrutura a fim de favorecer o processo de comunicação. A importância se justifica por ser a linguagem a prática mais comum entre os seres humanos, por desempenhar papel privilegiado na construção de identidades sociais e interpessoais e por exigir coordenação de ações além da habilidade linguística dos falantes.

O princípio da conversação é a interação de dois ou mais falantes que, durante um período de tempo, têm a atenção centrada na troca de conhecimentos comuns. Além dos elementos verbais, a conversa será ainda complementada por gestos, entonação, postura, que equilibram e enfatizam o bom andamento do ato interacional.

Isso significa que há uma série de entendimentos prévios que devem ser considerados, quando da análise conversacional, como o status social dos falantes, o grau de intimidade, o conhecimento do assunto, o mesmo vocabulário, o contexto, entre outros:



Desta forma, fica patente a relevância do aparato contextual no ato comunicativo. Isto significa que os integrantes do ato conversacional, longe de se colocarem de forma apenas receptiva, posicionam-se de maneira ativa, procurando cada um os meios de criar, com sua atuação, determinados efeitos e sentidos. Isto se deve ao fato de não ser a língua um mero veículo transmissor de informações, mas um instrumento que confere àquele que dela se apropria a possibilidade de atuar sobre outro, com finalidades específicas. (Almeida, 2003. p. 112)

As relações dos interlocutores na conversação podem ter o caráter simétrico ou assimétrico. A simetria acontece quando o *status* social dos falantes está no mesmo nível, ou seja, o grau de importância é mesmo. Em contrapartida, a assimetria revela uma participação de maior de um dos falantes, aquele que irá iniciar e organizar os turnos da fala, como por exemplo, no gênero entrevista, em que o entrevistador tem, em princípio, o domínio da conversação.

No entanto, uma conversação assimétrica pode ter como falante de maior importância o entrevistado. Isto será definido de acordo com papel social que ele representa na sociedade. Nesse sentido, o entrevistador passa a ter um papel secundário na situação de comunicação.

Nas entrevistas do site Canal Motoboy, podemos entender que ocorrem relações de simetria, visto que tanto entrevistador quanto o entrevistado possuem o mesmo status social, motoboy. Isto coloca os dois participantes em condições de igualdade no ato conversacional, tornando o diálogo mais distenso e natural.

3.3 - A preservação da face

A face, segundo Goffman (2007), é um valor social positivo que uma pessoa reclama para si. No entanto, esse valor social depende de uma confirmação por parte dos outros, o que o torna instável, pois seu caráter pode ser alterado no curso da interação linguística

Dessa maneira, a face é um conceito construído pelo indivíduo de acordo com sua vivência e uma vez estabelecida a imagem, a pessoa assume o compromisso de mantê-la, visto que os outros vão esperar uma atuação

condizente com a expectativa criada.

Sobre a interação face a face e a influência dessa no momento da interação, Goffman define, “em linhas gerais, como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata.”(op.cit., p.23)

Orecchioni, em referência aos conceitos de Brown e Levinson, divide a noção de face em positiva e negativa. A face negativa é aquela que se coloca externamente ao “eu”, ou seja, informações que estão fora do controle de quem a toma para si. Já a face positiva são as imagens construídas para si pelos interlocutores e que eles tentam impor na interação. (Cf. 1996. p. 78)

Assim no momento da interação há quatro atos da fala que ameaçam a face:

- Atos que ameaçam a face negativa do emissor;
- Atos que ameaçam a face positiva do emissor;
- Atos que ameaçam a face negativa do receptor;
- Atos que ameaçam a face positiva do receptor.

A face é assim um conceito ligado às emoções pessoais. Estar em face deixa a pessoa segura e confiante. Estar fora de face ou na face errada gera sentimentos de vergonha inferioridade, humilhação e culpa.

Qualquer que seja a motivação, o compromisso do indivíduo nunca será apenas proteger a própria face. Na relação social espera-se que o participante tenha consideração com os outros, ou seja, que empenhe esforços para salvar e proteger também a face alheia e se assim ocorre, passará a ser considerado insensível.

Da mesma forma como aquele que não se incomoda ou não expressa publicamente sofrimento pela perda da própria face é chamado de cínico ou descarado. Faz parte da interação social aceitar a linha exibida pelo outro participante, ainda que na prática nem se acredite que seja verdadeira.

3.3.1 – A preservação da face nas entrevistas do site Canal Motoboy

Durante todo o processo de pesquisa, percebemos que os motoboys têm a noção exata do estereótipo negativo que permeia a profissão. Alguns veem no site a possibilidade de mostrar o outro lado da história e tentar reverter o conceito depreciativo associado à categoria:

Entrevista 1

Doc: em vez de...de... ajudar eles só querem complicar....

L1: só complicar....motoqueiro é uma raça
(desgraçada)...só quer complicar nós...

Entrevista 2

Doc: ce acha que essa profissão de motociclista tá meia::: os caras tão querendo excluir ela do de São Paulo?

L1: éh lógico... o cara tem o motoqueiro como maloqueiro e ladrão...

Entrevista 8

Doc: fo fora que eles querem cobrar o pedágio agora...

L1: já tão... começaram a cobrar...e o que acontece... acho que só quem ganha... é as empresas que tá ganhando... através disso...entendeu?... e::: a discriminação que a gente tem... eu acho que.... falou que a criminalidade a maioria é feito por motoqueiro...

Na maior parte das entrevistas coletadas no *site*, os motoboys manifestam a consciência de que o motoboy é uma classe marginalizada, rodeada por estereótipos de violência e inconsequênciа. Não é à toa que muitos deles comentam o fato de os motoristas fecharem o vidro, quando um motoboy para ao lado do carro.

Dar voz a esta classe estigmatizada é como mostrar que existe uma

segunda versão para a mesma história, a versão do motoboy. Assim eles têm a oportunidade de argumentar a seu favor e a favor dos “seus” no que diz respeito à agressividade e ao excesso de imprudência cometida por estes profissionais:

Entrevista 5

Doc: Como você chama e quanto tempo você trabalha na rua?

L1: aê....meu nome é Fábio...trabalho há quatro anos na rua e já tive minha moto roubada... porque é muita negligência do pe... do próprio pessoal da polícia aí... às vezes tá perto... não tá olhando direito... a gente não tem um lugar legal pra parar nas empresas... as empresas deixam de criar um espaço pra gente poder parar a moto... que ... meu é muito complicado... e acontece de a gente acabar sendo roubado... trabalhando... às vezes pagando moto... várias coisas... e o pessoal não tem:: um respeito pela gente que é um profissional... atrás da moto... tem um profissional ali... querendo ou

não...

Doc:

...que tem família...

L1: ...tem família tem tudo... e o pessoal trabalha no dia-a-dia aí... sol... chuva... o pessoal tem que... o pessoal tem que vê que a gente precisa de um lugar legal nas empresas pra parar... muitas empresas usam... quase cem por cento das empresas usam motoboy dia-a-dia... querendo ou não... e não tem espaço pra parar... é o que acontece...

Os motoboys enfatizam a questão de a profissão ser como qualquer outra, que possui bons e maus profissionais. Além disso, colocam a família como justificativa para aceitação deste tipo de subemprego sem qualquer tipo de garantia trabalhista. É possível verificar a alusão à família em outros registros:

Entrevista 18

Doc: e::: você tem alguma dica pra melhoria da categoria?

L1: ah::: acho que o governo deveria éh::: oh... tanto os motoristas como o governo respeitar mais ao a profissão do motoqueiro que é uma profissão que a maioria dos pais de família usam pra poder sustentar sua família... e::: é um absurdo que desde... mil novecentos e

noventa e cinco... o salário do motoqueiro na rua do esporádico éh cinco e cinquenta ... cinco reais.... a gasolina só aumenta aumenta aumenta... não dá pra nós fazer nada com isso...

Dessa maneira, é possível compreender que o motoboy tenta, o tempo todo, utilizar esse meio de comunicação alternativo (Canal Motoboy) para tentar reverter a imagem negativa da categoria. Colocam a necessidade como principal motivo para a escolha da profissão.

A família constitui uma base sólida no imaginário social, que liga a marginalidade a um processo de desestruturação familiar. Assim, ter filhos para sustentar é um apelo emotivo para aqueles que mostram uma face positiva do motofretista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estereótipo negativo associado ao motoboy foi um dos primeiros indícios que vimos como abertura para um campo de pesquisa que vai além das palavras. Estamos falando do “estilo motoboy”.

Esse estilo está marcado na sociedade como uma transgressão a regras, invasão do espaço público, antes ocupado apenas pelos veículos fechados. Um fenômeno planejado pelas grandes cidades, afinal ele nasceu da demanda de trabalho posta pelas empresas capitalistas.

O motoboy, nesse contexto, invadiu nossos olhares, e mesmo que a gente não queira, ele está ali, “buzinando”, “costurando” e “voando” pelos corredores afora. Para muitos, a categoria é “um mal necessário”, para eles a necessidade é a justificativa de todo o mal.

A ilusão da solidariedade foi desmistificada no decorrer deste trabalho. Podemos perceber que há um corporativismo muito forte entre eles. No momento de um acidente a maior parte dos motoboys para e verifica se o colega está bem e quem realmente foi o culpado pela situação. Daí a ideia de que eles têm a intenção de agredir o condutor do veículo envolvido, independentemente de quem é a culpa.

Assim, o corporativismo é marca registrada desse grupo social, porém essa união acontece, principalmente, pela exclusão dos demais grupos, os quais têm uma imagem quase “bandida” do profissional, sendo um estereótipo alimentado diariamente nas reportagens publicadas pelas grandes mídias, como verificamos nas reportagens constantes do primeiro capítulo.

No que diz respeito à linguagem, verificamos que há um vocabulário gírio que reflete a visão de mundo desse profissional, que serve como meio de afirmação no grupo e consequente exclusão daqueles que não compreendem tais termos.

No entanto, a disponibilização de todo este repertório linguístico, no site Canal Motoboy, em comunidades de relacionamento como Orkut, Twitter, entre outros, ameaça esta condição de linguagem secreta. Fazer parte de uma comunidade virtual não significa, necessariamente, que os conteúdos serão acessados apenas por aqueles que possuem interesses comuns.

Além disso, a própria profissão, pela sua dinamicidade, faz com que os motoboys se relacionem com diversos grupos sociais, o que justifica também a quantidade de gírias encontradas nas entrevistas e nas legendas que não são específicas deste grupo, e por este motivo não foram analisadas neste trabalho, mas podem ser identificadas como um vocabulário típico da periferia de São Paulo.

Quanto às entrevistas, é latente a tentativa de preservar a face positiva do grupo e desmitificar os conceitos negativos que permeiam o imaginário da sociedade. A alusão à família e ao risco da profissão apelam para questões sentimentais, a fim de comover o terceiro participante da entrevista, a audiência.

Os motoboys entrevistados revelaram que a categoria tem total consciência da imagem do profissional perante a sociedade. Assim como sabem da existência daqueles que realmente são agressivos no trânsito e por isso alimentam esta imagem. A tentativa, portanto, é deixar claro que “ele”, individualmente não faz parte desta parcela do grupo que é mal vista pelos demais atores do trânsito. Daí a conclusão de que a categoria não é unida e sim corporativista.

É importante ressaltar, a ousadia do site Canal Motoboy, não apenas pela coragem de dar destaque a uma categoria estigmatizada pela sociedade, mas também pela formação de um banco de dados linguístico e social que pode ser aproveitado em diversas áreas de pesquisa e que neste trabalho foi essencial para processo concretização do corpus.

Não seria possível olhar linguisticamente o corpus coletado no site, sem

conhecer, entender e enxergar socialmente a formação desta categoria profissional. O Canal deu voz ao motoboy, mostrando o outro lado da história em que não há mocinho nem bandido, mas pessoas que tentam sobreviver deste trabalho tão arriscado.

Enfrentar um trânsito caótico, ganhar por produção, correr contra o tempo, sem nenhum respaldo legal, pode ser para alguns uma opção, mas para muitos é a falta dela.

GLOSSÁRIO

Gíria de grupo – motoboys

- **A milhão:** em alta velocidade
- **Abrir o gás:** acelerar
- **Aloprado:** serviço arriscado
- **Altas manobras:** gíria dos “skatistas”, referente a movimentos arriscados feitos com a motocicleta.
- **Andar embolado:** ter uma série de afazeres para realizar em pouco tempo
- **Aranha:** acessório feito de cordas elásticas que serve para prender objetos no banco da motocicleta
- **Azedou o pé do frango:** expressão para dizer que deu algo errado, ou que algo de ruim vai acontecer.
- **Boca de porco:** empresas terceirizadas de serviços de motoboy
- **Bração:** condutor de veículo que dirige mal
- **Burro de carga:** motoboy que carrega um peso muito superior ao permitido no baú.
- **Cabrita:** moto adulterada
- **Cabriteiro:** aquele que monta motocicletas com peças de origem irregular.
- **Cachorro-louco:** motoboy inconsequente
- **Cai-cai:** motoboy inexperiente
- **Comprar chão ou comprar terreno:** cair da moto
- **Canetada:** multa
- **Chamar no grau:** acelerar
- **Colando o ponteiro:** pilotar em alta velocidade
- **Corredor:** espaço entre os carros que o motoboy utiliza como pista
- **Correria:** muito trabalho
- **Carrocinha amarela:** veículo do Detran utilizado na apreensão de motocicletas
- **Costurar:** passar por entre os carros

- **CR:** jaqueta da marca Califórnia Racing
- **Domingueiro:** condutor de veículo que só dirige nos finais de semana
- **Duas rodas:** motocicleta
- **Esporádico:** motoboy que trabalha sem registro em empresas terceirizadas
- **Estilo motoboy:** vestimentas e linguagem própria desse grupo social
- **Fechada:** manobra de carro ou moto que atrapalha o trânsito
- **Frisar o chão:** trabalhar como motoboy
- **Garupa:** o passageiro do motociclista
- **Homem bomba:** motoboy que carrega botijão de gás
- **Jogar segunda/terceira:** mudar de marcha
- **Manobra atrasalada:** manobra que atrapalha outro motoboy
- **Marronzinho:** guarda da CET
- **Motoca:** o motociclista
- **Moto-dog:** motocicleta adaptada para venda de lanches
- **Moto-roça:** motocicleta em péssimo estado de conservação
- **Na atividade:** trabalhando
- **Não é Silvio Santos, mas vive do baú:** referente ao profissional do motofrete
- **Os cavalos de aço da Rocam:** Rotas Ostensivas com Apoio de Motocicletas
- **Pé-de-breque:** motoboy inexperiente
- **Pioio (piolho) de asfalto:** motociclista que utiliza moto para lazer
- **Protetor de cotovelo:** capacete carregado no braço pelos motociclistas
- **Roça:** referente a trabalho distante ou qualidade da motocicleta
- **Sem terra:** alguém que nunca comprou chão
- **Soltando da rua:** deixar de trabalhar como motoboy
- **Subir a motoca no grau:** levantar a moto e pilotar sobre uma roda
- **Tá na rua:** trabalhar como motoboy
- **Tirar fina:** passar no corredor muito próximo aos carros
- **Tocando fundo:** acelerar
- **Tomar capote:** cair da moto

- **Tomar um rola:** cair da motocicleta
- **Torcer o cabo na segurança:** pilotar moto com segurança
- **Trabalho filé:** poucas entregas por dia
- **Trampo roça:** trabalho distante
- **Trampo:** trabalho
- **Trava:** corrente de metal para prender o capacete na roda da motocicleta
- **Veneno:** ter um grande aborrecimento
- **Vida loca:** vida corrida, agitada ou até vida bandida.
- **Voar liso:** pilotar com tranquilidade

Gíria comum

- **Balada:** passeios noturnos
- **Bombando:** evento de sucesso
- **Brejas:** cerveja
- **Caranga loka:** carro bonito
- **Causar:** tumultuar
- **Chapa:** amigo
- **Chicote estala:** severidade
- **Churras:** churrasco
- **Dando um som:** promover uma festa
- **De quebra:** por consequência
- **Doidão:** amigo/colega
- **É nósis:** somente nós
- **Embaçado:** complicado
- **Estar de boa:** estar em uma situação tranquila
- **Falou:** despedida, o mesmo que “Até logo”
- **Fazer uma boquinha:** comer
- **Fervo:** agitação
- **Ficou a pampa:** ficou muito bom
- **Força total:** fazer alguma coisa com dedicação
- **Futiba:** futebol

- **Galera:** grupo de pessoas
- **Goma:** casa
- **Irmão:** amigo / colega
- **Maloqueiro:** bandido
- **Maluco:** colega
- **Mandaram bem:** fizeram um bom trabalho
- **Mano:** amigo/colega
- **Mili anos:** há muito tempo atrás
- **Minas:** mulheres
- **Mudar o esquema:** mudar a conduta
- **Muito louco:** bonito, interessante.
- **Muvúca:** aglomerado de pessoas
- **Na boca:** lugar específico para comprar alguma coisa
- **Nóia:** pessoa inconsequente
- **O piro:** verbo pirar substantivado
- **Pagar um pau:** admirar
- **Pegando rabeira:** segurar na parte traseira de um veículo em movimento, especialmente caminhões.
- **Pendurar as chuteiras:** parar de trabalhar, aposentar.
- **Pescoçando:** olhando
- **Playba:** aquele que tem dinheiro
- **Pra caramba:** muito
- **Recarregar as baterias:** descansar
- **Sangue ruim:** bandido
- **Sangue-bom:** pessoa de bem
- **Sente o drama:** atentar-se a algo ou alguém específico
- **Tá ligado:** prestar atenção
- **Tirar rachas:** corrida ilegal de automóveis ou motocicletas em ruas
- **Tirar um barato:** se divertir ou brincar com outra pessoa
- **Truta:** amigo
- **Vacilão:** pessoa que comete alguma bobagem
- **Zica tá solta:** ter uma sucessão de problemas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Jahilda Lourenço de. *A manifestação das pressões sociais na linguagem: um estudo do diálogo construído em ‘Quando as máquinas param’*, de Plínio Marcos. São Paulo, 2003. 226 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ALTMAN, Fábio (org.). *A Arte da Entrevista: uma antologia de 1832 aos nossos dias*. São Paulo: Scritta, 1995.

AVLASEVICIUS, Silvia; MUTAF, João; STIEL, Augusto Neto. *Pelo espelho retrovisor: motoboys em trânsito*. Disponível em: <<http://n-a-u.org/motoboys1.html>> Acesso em: 19 maio 2008.

CASCIANI, Clément. Histoire de l'argot. In: LA RUE, Jean. *Dictionnaire d'argot*. Paris: Flammarion, 1948.

CASTRO, Amílcar Ferreira de. – A gíria dos estudantes de Coimbra. *Biblos*, Coimbra: Faculdade de Letras, n. 7, p. 15-41, 1947.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Trad. Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Rogério da. *A Cultura Digital*. 2^a ed. São Paulo: Publifolha. Coleção Folha Explica, 2003.

CUENCA, Alberto López. O motoboy e a economia política do afeto. In: ABAD, Antoni. *canal*Motoboy*. São Paulo: Centro Cultural da Espanha em São Paulo – Agência Espanhola de Cooperação Internacional, 2007, p. 09-30.

ECO, Humberto. *Estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica*. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007

FERRERO, Ernesto. *I gerghi della mala dal '400 a oggi*. Verona: Mondadori, 1972.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8^a ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2007.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 14^a ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4^a ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GUIRAUD, Pierre. *L'argot*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.

HORTON, Paul B.; HUNT, Chester L. *Sociologia*. Trad. Auriphebo Berrance Simões. São Paulo: Makron Books, 1980.

JARETA, Gabriel. Na boca do povo. *Língua Portuguesa*, São Paulo: Segmento, n.25, p.18-20, dez. 2007.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 2006.

_____. *Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas posições e funções*. [s.n.t.].

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Disponível em: <http://www.n-a-u.org/DEPERTOEDEDENTRO.html>. Acesso em: 19 maio 2008.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. 2^a ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1990.

PRETI, Dino. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 65-113.

_____. Expectativa e aceitabilidade social das formas linguísticas: subsídios para uma conceituação de “erro” linguístico In: *Estudos linguísticos XXIII*, 1994, São Paulo. *Anais de seminários do GEL*. São Paulo: [s.n.], 1994, p. 1184-1190.

_____. Norma e variedades lexicais urbanas. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989, p.157-168.

_____. A gíria: um signo de agressão e defesa na sociedade. In: *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984. p.1-9.

SACKS, Harvey, SCHEGLOFF, Emmanuel, JEFFERSON, Gail. A simples systematics for the organization of turn-takingfor conversation. *Language* 50, p.696-735.

STELLA, Léa Poiano. “Tá tudo dominado”: a gíria das prisões. São Paulo, 2003. 148 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

WENTWORTH, Harold & FLEXNER, Stuart Berg. *Dictionary of American Slang*. Trad. Michelangelo Di Vito. New York: Thomas Y. Crowel Company, 1967.

Documentário

MOTOBOYS, vida loca. Direção: Caíto Ortiz. Produção executiva: Adriano Civita e Francesco Civita. São Paulo: Pródigo e Mega Estudios, 2004. 1 DVD (54 min.). Português.

Jornais e revistas

DUARTE, Alessandro & VEIGA, Edson. Os donos da rua. *Revista Veja São Paulo*. São Paulo, 30 jan. 2008.

MANIR, Mônica. *Mudando de faixa. O Estado de S.Paulo*. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,mudando-de-faixa,115782,0.htm>. Acesso em 27 jan. 2008.

MOTOBOYS seguem para o centro de SP; protesto atrapalha o trânsito. *Folha Online*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u364804.shtml>. Acesso em: 18 jan. 2008.

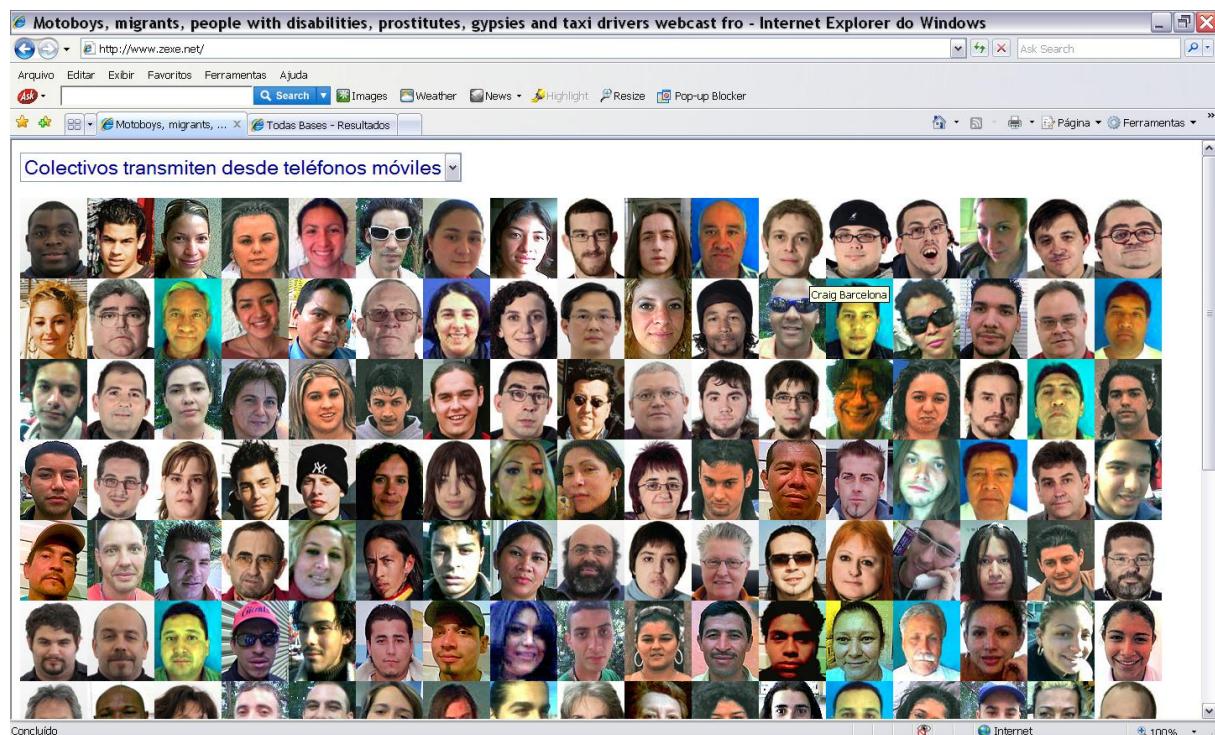
PROTESTO de motoboys e falha no metrô complicam vida do paulistano. *Portal G1*. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL265376-5605,00-PROTESTO+DE+MOTOBOYS+E+FALHA+NO+METRO+COMPLICAM+VIDA+DO+PAULISTANO.html>. Acesso em: 18 jan. 2008.

CD ROM

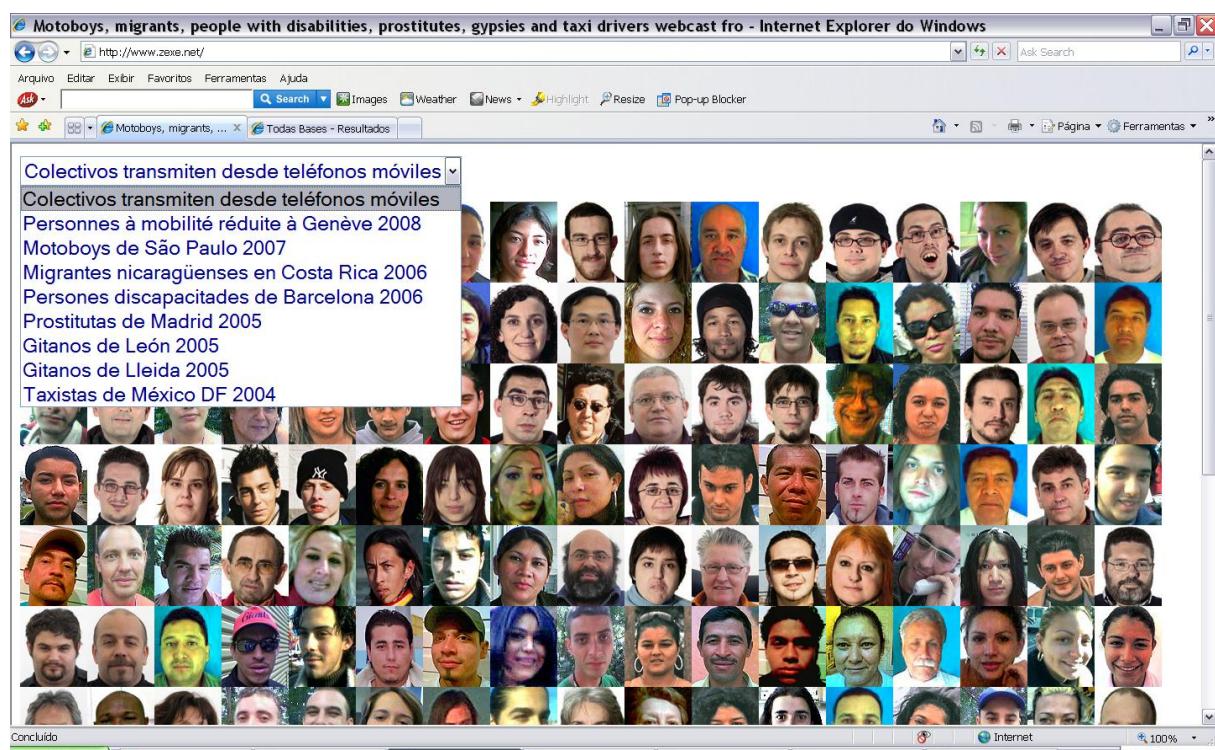
- Arquivos de áudio das entrevistas pesquisadas;
- Documentários produzidos por Antoni Abad:
 - Do outro lado da cidade;
 - Meu nome é Ronaldo

ANEXOS

Página Inicial do projeto ZEXE.NET do artista Antoni Abad.



Seleção dos grupos sociais participantes do projeto “Coletivos transmitem de celulares”



Página Inicial do Canal Motoboy

canal*MOTOBODY - Internet Explorer do Windows fornecido por Yahoo! Brasil

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

http://www.zexe.net/SAOPAULO/intro.php?qt=<

A página da Web anterior talvez exija o seguinte complemento: 'QuickTime' de 'Apple Inc.'. Clique aqui para permitir a execução...

canal*MOTOBODY

canal*MOTOBODY

canal*DIaAaDIA

motoboy*AMBIENTAL

canal*PALAVRAS

emissores

meios

fórum

?

www.zexe.net



MOTOBOYS TRANSMITEM DE CELULARES

12 Motoboys percorrem espaços públicos e privados da cidade de São Paulo. Munidos de celulares com câmera integrada, fotografam, filmam e publicam em tempo real na Internet suas experiências, transformando-se em cronistas de sua própria realidade. Descrevem mediante palavras chave as imagens que publicam e colaboram assim para a criação de uma base de dados multimídia que seja capaz de gerar conhecimento coletivo. Em reuniões periódicas analisam os conteúdos publicados e coordenam a formação de grupos de emissores dedicados a cada tema aprovado pelo coletivo. Um projeto de comunicação audiovisual celular realizado para a comunidade de Profissionais Motociclistas de São Paulo em 2007



ESPAÇO PÚBLICO DIGITAL

As últimas gerações de telefonia celular permitem a publicação imediata na Internet de conteúdos multimídia a partir de telefones celulares com câmera integrada. Este contexto possibilita a criação itinerante e remota de canais audiovisuais na Internet, prescindindo dos sofisticados e custosos equipamentos de gravação e emissão, como os tradicionalmente usados em televisão. Os receptores destas emissões têm a possibilidade de pesquisar nos conteúdos e de publicar seus comentários nos fóruns, convertendo-se em usuários ativos do dispositivo de comunicação. Situado na confluência das redes Internet e celulares, o projeto canal*MOTOBODY propõe um espaço público digital, onde emissores e usuários experimentam um uso social das redes telemáticas. Uma experiência colaborativa que fomenta a auto-representação de coletivos e comunidades que sofrem com os estereótipos projetados pelos meios de comunicação preponderantes.



motoboys Ronaldo Simão da Costa, Francisco Djalma Souza, Alexandre de Moraes Lima, Edison Cordeiro da Silva, Tadeu Luiz dos Santos Scabio, Renato Roque de Loreto Junior, Cleiton Pedro Perroni, Luiz Fernando Biccioni, Adriana Maria de Oliveira, Anderson do Prado Gil, Tadeu Ferreira dos Anjos, Alexandre Aparecido Olimpio dos Santos, Andreia Sadocco Giannini, barcino, Mirtão, Origen, Fernando, **sem a participação de** Regina Silveira, Inês Raphaelian, Ana Tomé, Marta Rincón, Alex Pilis, Lucas Bambozzi, Karla Brunet, Roc Parés, Juan Antonio Montiel, Sergi Botella e Gerald Kogler o canal*MOTOBODY não teria o gás merecido / equipe CCSF Henrique Siqueira, Monica Calderon, Douglas Freitas, João Mussolini documentario Gloria Marti documentalista Pilar Cruz ciências sociais Augusto Stiel Neto curador adjunto Eliezer Muniz coordenação Ronaldo Simão da Costa programação Eugenio Tisselli projeto Antoni Abad 2007

canal*MOTOBODY



Canal Palavras com tags que levam a assuntos específicos, de acordo com a palavra-chave selecionada.

Ao selecionar o tag “Fala”, aparece uma série de gravações em áudio e vídeo de pequenas entrevistas com motoboys de São Paulo.

canal*MOTOBOT - Inter

31-40
41-50
51-60
61-70
71-80
81-90
91-100

canal*DIAaDIA

101-110
111-120
121-130
131-140
141-150
151-160
161-170
171-180
181-190
191-200
201-210
211-220
221-230
231-240
241-250
251-260
261-270
271-280
281-290
291-300
301-310
311-320
321-330

Audio: mms
Beijo 2007-05-07 18:17:06 Beijo fala

Entrevista com o Sandro.
Deton 2007-05-07 18:01:05 Deton fala

ger do Windows fornecido por Yahoo! Brasil

boy.php?qt=0&can_actual=206&can_desde=280&can_visible=0&r=0

Search Images Weather News Highlight Resize Pop-up Blocker

as Bases - Busca Si... Página Ferramentas

reset

a amigos arte arte na rua bicicleta buraco camara campus canal*motoboy carros casa csp chuva cidade limpa confraternização corredor cultura debate dia estacionamento eu evento faixa fala família festa festival foto gasolina incendio isa lazer leis manifestação minha vida moradores da rua moto motoboy gem papa pedestre periferia perigo poluição proibido religião reunião ronaldo samba são paulo seminário serviço sindicato sonho trabalho transito transporte

O tag “Fala” leva ao “Canal Dia a Dia”, que trata de assuntos específicos da categoria.

canal*MOTOBOT - Internet Explorer do Windows fornecido por Yahoo! Brasil

http://www.zexe.net/SAOPAULO/motoboy.php?qt=0&can_actual=206&can_desde=200&can_visible=0&r=0

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Ask Search Images Weather News Highlight Resize Pop-up Blocker

canal*MOTOBOT Todas Bases - Resultados

canal*DIAaDIA 281-290 reset

acidente adesivo aeroporto agua ajuda alvara amigos arte arte na rua bh bicicleta buraco camara campus canal*motoboy carros casa csp chuva cidade limpa confraternização corredor cultura debate dia a dia dia-a-dia discriminação duas rodas entrevista estacionamento eu evento faixa fae familia festa festival foto gasolina incendio isa lazer leis manifestação minha vida moradores da rua moto motoboy motogirl natureza oficina oleo onibus opinião paisagem papa pedestre periferia perigo polícia poluição proibido religião reuniao ronaldo samba são paulo seminário serviço sindicato sonho trabalho transito transporte tv viagem



Ronaldo entrevistando um motoboy.
Viralata 2007-05-07 17:24:28 Viralata fala



Audio:
Ronaldo 2007-05-07 15:39:39 Ronaldo fala



Audio: Clip_son
Opinião de Murilo motoboy
Tadeu 2007-05-05 14:19:26 Tadeu fala

canal*DIAaDIA 281-290



Da esquerda para direita: Antoni Abad, idealizador do projeto Canal Motoboy, Eliezer e Alexandre, motoboys participantes do projeto.



Reunião realizada em 04 de outubro de 2008, para apresentação do novo aparelho com GPS e continuidade do Canal Motoboy.



À esquerda a artista Glória Martí, co-produtora dos documentários de Antoni Abad.

Legendas pesquisadas

Altas manobras

- Enquanto o motoboy se mata de trabalhar, a burguesia faz altas manobras no transito ameassando os pedestres.
(Neka 2007-10-06 00:52:48 transito)¹³

Azedou o pé do frango

- Mais um carro sendo guinchado, "azedo o pé do frango".
(Renato 2007-05-16 19:12:14 dsv)

Baita multa

- Se fosse uma moto levaria uma baita multa, mas como é uma bicicleta, pode fechar a calçada a vontade.
(Neka 2007-06-14 20:19:39 custo desrespeito)

Balada

- Balada d0 motob0y.
(Neka 2007-06-23 12:04:16 radio música)

Bóia

- Dia do Trabalho. Hora da bóia
(Neka 2007-05-01 21:29:09 vista)

Bombando

- Lucas bombando na festa do Mov.
(Neka 2007-11-16 01:29:49 bh amigos)

Brejas

- No clube depois do futebol,com muita breja e churras.
(Renato 2008-02-19 11:53:01 domingao)

Burro de carga

- burro de carga , preste atenção entre o ônibus e o motoqueiro ; pode!!!
(2007-05-16 08:25:51 transito moto)

Cabriteiro

- motoboy de São paulo conhecido como júnior cabriterio.
(2007-05-11 10:09:38 motoboy)

¹³ Referência das legendas no site Canal*Motoboy

Canetada

- De como o poder público lesa a Categoria. Não há vagas, só canetada.
(Neka 2007-11-22 15:51:52 custo prejuizo policia estacionamento)

Caranga loka

- Olha q caranga loka.
(Renato 2007-06-04 19:28:29 carro)

Causar

- veja o asfalto todo pronto pra causar, certo?
(2007-05-22 09:27:06 dia a dia)

Chapa

- Este é mais um chapa que ajuda agente eos motoristas valeu.
(Ronaldo 2007-07-03 13:30:22 dia a dia)
- esposa e filhinha do Luiz e meu chapa Dédeh
(Neka 2007-05-13 06:09:58 familia ccsp reunião exposição)

Chicote estrala

- ferradura fica na Casa verde alta onde **chicote estrala...**
bahiano 2008-11-16 12:43:25 Bahiano ferradura

Churras

- Rapaziada fazeando um churras no clube.
(Renato 2008-02-17 22:37:04 domingo)

Correria

- Para aguenta a correria do dia a dia temos que nos alimentar bem
(2007-04-23 14:27:41 refeição)
- Em sp só correria
(Ronaldo 2007-11-26 13:41:31 dia a dia aqua)
- Segunda feira, mas um dia de correria.
(Beiço 2007-08-06 12:16:35 dia a dia)

Dando um som

- Esse e o Gerson meu truta dando um som na festa na casa dele
(2007-06-25 13:57:50 festa)

De quebra

- banda de jazz saúda o centro cultural; pelo seu aniversário e de quebra para o canal motoboy; OBRIGADO.
(Ronaldo 2007-05-12 19:13:02 dia a dia)

Divertido a beça

- Eu e Bianca nos divertido a beça.
(Neka 2007-12-03 23:55:45 familia lazer)

É nósis

- Reunião. Nossos links estão já bastante a vontade, mandando bem, vlew¹⁴ galera, canal*MOTOBOY eh nósis...
(Neka 2007-05-01 00:07:21 ccsp)
- Hoje tivemos a visita do Cleyton canal*MOTOBOY, é nósis, Força Total!
(Neka 2007-11-23 13:31:25 amigo casa)
- Cleytão arrasou, éh nósis.
(Neka 2007-12-10 21:58:48 tv entrevista)
- Agora eh nósis, descansar em familia pq ano que vem tem mais... Feliz Natal a todos.
(Neka 2007-12-24 20:37:58 familia lazer igrejas)
- Eh nósis de Harley Davidson
(Neka 2007-12-21 21:51:32 motos oficina)

Estilo motoboy

- Luis, estilo motoboy, e Andrea.
(Neka 2007-12-10 21:58:48 tv moda entrevista)

Fazer uma boquinha

- Olivia Brenga e Adams Carvalho que moram comigo fazendo uma boquinha após um dia daqueles
(Neka 2007-04-23 03:02:28 casa)

Força total

- Hoje tivemos a visita do Cleyton canal*MOTOBOY, é nósis, Força Total!
(Neka 2007-11-23 13:31:25 amigo casa)

Galera

- Reunião. Nossos links estão já bastante a vontade, mandando bem, vlew galera, canal*MOTOBOY eh nósis...
(Neka 2007-05-01 00:07:21 ccsp)
- Dia da Abertura, colaboradores do Projeto Keila e Augusto e ao lado galera do

¹⁴ As legendas foram transcritas exatamente como estavam no site.

DETTON
(Neka 2007-05-13 06:09:57 ccsp reunião exposição)

- **Galera** dando um **trampo**
(Neka 2007-04-21 17:09:32 luta)
- A **galera** ta interessada.
(Renato 2007-06-02 16:57:29 reunião)
- **Galera** que trabalhou nas zonas de votação aguardando a contagem dos votos.
(Neka 2007-08-17 18:07:21 sindicato)
- **Vlew galera** mais uma entrevista.
(Neka 2007-12-10 21:58:48 motoboys amigos)

Garupa

- Circular com **garupa** no centro de São Paulo é abordagem na certa
(2007-11-22 12:29:11 abordagem)

Já era

- Ia vai ele todo bonitão com seu **protetor de cutovel** e o da cabeça; **já era** .
(2007-05-15 15:59:14 bonitão)

Mandaram bem

- [Antes - Depois] **Valew** equipe de montagem, **mandaram bem**...
(Neka 2007-05-11 21:43:23 ccsp)

Mandando ver

- ClãLeste **mandando ver** no Céu Veredas
(Neka 2007-10-28 15:57:16 epidemia evento periferia)

Marronzinho

- Ninguém na rua hoje, exceto o motoboy e o cara da CET (**marronzinho**)
Figuras do trânsito que nem em feriado Mundial ficam sem trabalhar, eh mole?
(Neka 2008-01-01 21:48:20 motoboy)
- FOTOS ENVIADAS POR CACÁ MOTOCA - Neste cartório na Av.Rebouças , logo atrás do Shopping Eldorado por varias vezes presenciei a fiscalização da CET "**os marronzinhos**" fazendo **vistas grossas** no que se refere as multas que deveriam ser aplicadas ou melhor , orientar os motoristas de que aquele espaço após o recuo do muro não é estacionamento e sim a calçada onde pedestres passam frequentemente e que os carros estacionados ali atrapalham a passagem. Neka (2008-02-19 15:49:20 estacionamento)

Mili anos

- Marlon meu amigo de **mili anos**.
(Ronaldo 2007-06-01 05:30:36 custo)

Motoca

- Acidente onde envolveu um carro em pirituba onde por acaso o motorista do carro era do resgate tambem sorte do **motoca**
(2007-04-30 19:14:46 acidente)
- Av rebouca nao foi nada grave com o **motoca**.
(2007-06-11 11:06:02 acidente)
- Sahara com frete de tornado **motoca** do Drumas.
(2007-05-24 16:26:26 moto)
- Tadeu na reuniao dos **motoca**.
(2007-05-22 11:36:39 ccsp)
- atenção **motoca** a lei foi aprovada e motos em mau estado de conservação também vão dançar.
(2007-07-30 11:18:17 dia a dia)
- conforme foi relatado neste aviso dias atráz , os motoqueiros pediram uma reivindicação, com o **motoca** não se brinca.
(2007-07-31 17:13:31 alerta sindicato)
- **Motocas** dando uma pausa, hoje o metro em greve e o transito um inferno.
(Neka 2007-08-03 20:48:34 motoboys)

Moto-roça

- **Moto-roça**.
(Neka 2007-11-30 16:46:03 motos)

Muito louco

- esta foto foi tirada na av.dos bandeirantes ,**muito louco** né?
(Ronaldo 2007-06-01 05:30:36 panoramica)

Muvúca

- Luis só na **muvúca**.
(Neka 2008-01-18 19:07:21 manifestação)

Na boca

- **Na boca**
(Ronaldo 2008-04-05 15:40:09 final de semana)

Não é Silvio Santos, mas vive do baú

- Este é o hamilton **não é silvio santos mais vive do baú**.
(Ronaldo 2007-07-21 11:46:19 amigo)

Nóia

- esta foto é mais uma daquelas imagens que você olha e fica se perguntando, será que é fome ou nóia, hein?
(2007-05-08 21:15:40 mendingo ou esperteza)

Pega no pé

- esta é uma foto tirada na marginal de costume os caminhões além de tirar rachas, a sujeira sem cobertura é jogada , como não existe fiscalização; sómente quando a imprensa pega no pé; ai tem até entrevista de político né.
(2007-05-15 14:43:16 sujeira)

Pegando rabeira

- CiClista pegando rabeira em caminhão.
(Renato 2007-05-08 12:10:33 perigo)
- Meninos pegando rabeira em ônibus.
(Neka 2007-09-11 13:04:08 perigo imprudência)

Pendurar as chuteiras

- Aqui foi o primeiro lugar que me acolheu, depois que eu "pendurei as chuteiras"
(Neka 2007-04-23 16:00:52 fala)

Playba

- Esses são os de "playba".
(Renato 2007-05-21 00:00:49 transporte)

Protetor de cotovelo

- Ia vai ele todo bonitão com seu protetor de cotovelo e o da cabeça; já era .
(2007-05-15 15:59:14 bonitão)

Put's

- Put's a maior chuva.
(Beiço 2007-07-16 13:13:43 trabalho)

Recarregar as baterias

- Recarregar as baterias para o dia de amanhã.
(2007-05-14 05:19:04 descanso)

Roça

- Hoje foi um dia que só teve "roça".
(Renato 2007-06-12 14:55:03 trabalho)
- Que roça, longe de mais.
(Renato 2007-11-25 02:02:37 trampo)

- **Qui roça**
(Ronaldo 2008-02-12 21:16:25 trabalho)

Sente o drama

- **Sente o drama**
(Beiço 2008-02-11 14:26:00 lazer)

Tirar rachas

- esta é uma foto tirada na marginal de costume os caminhões além de **tirar rachas**, a sujeira sem cobertura é jogada , como não existe fiscalização;sómente quando a imprensa **pega no pé**; ai tem até entrevista de político né.
(2007-05-15 14:43:16 sujeira)

Tocando fundo

- Motogirl **tocando fundo** no túnel.
(Ronaldo 2007-11-15 05:23:57 transito)

Tomar um rola

- **ai galera tomei um rola**
(Adriana 2007-07-11 20:53:31)
- **Tomei um rola.**
(Beiço 2007-11-29 14:43:34 dia a dia acidente)

Trampo

- **Galera** dando um **trampo**
(Neka 2007-04-21 17:09:32 luta)
- Nossa hoje foi loucura varios **trampos**
(2007-05-10 15:35:22 servicos)
- Primeiro e segundo **trampo** do dia.
(Ronaldo 2007-05-29 20:34:33 trabalho)
- Itapecirica da serra setemo **trampo** do dia.
(Ronaldo 2007-05-30 05:48:56 dia a dia)
- Mais um **trampo** da queles na região de guarulhos.
(Ronaldo 2007-06-07 07:45:37 trabalho)
- Eu e o gadi terminando o **trampo**.
(Renato 2007-06-12 14:55:03 trabalho)
- Beiço esperando uns **trampo**.
(Neka 2007-06-26 17:37:50 trabalho)

Trampo-roça

- Mais um daqueles tranpo qui roça.
(Ronaldo 2007-06-13 05:32:37 dia a dia)

Truta

- Flavio morador de embu das artes fica com deus meu truta .Deton
(2007-05-14 10:54:53 trabalho)

Valeu

- Reunião. Nossos links estão já bastante a vontade, mandando bem, ylew galera, canal*MOTOBOY eh nósis...
(Neka 2007-05-01 00:07:21 ccsp)
- [Antes - Depois] Valew equipe de montagem, mandaram bem...
(Neka 2007-05-11 21:43:23 ccsp)
- Grande dia para a classe dos profissionais motociclistas de são paulo, vlew!
(Neka 2007-05-13 06:09:57 ccsp reunião exposição)

Veneno

- motoqueiro com pneu furado mais um veneno que só aguentar que passa.
(Ronaldo 2007-05-01 19:37:44 pneu)

Vida loca

- Mais um dia de vida loca...
(Renato 2007-05-16 19:12:13 transito)
- vida louca você faz grandes negócios e tirando todos os apetrechos vira o lazer.
(2007-04-26 11:58:21 lazer)

Zica tá solta

- Marcinho tambem caiu de moto não é por nada não mais a zica ta solta em
(2007-05-18 05:19:37 machucado)

Matéria publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*

O Estado de S. Paulo - SUPLEMENTO
Aliás

Mudando de faixa

domingo, 27 de janeiro de 2008

Nos versos de raps e funks, a adrenalina total dos motoboys em São Paulo

Mônica Manir - O Estado de S.Paulo

Cena do dia-a-dia dos motoboys

SÃO PAULO

*Acorda aí, guerreiro, que o dia já raiou
Vamos mostrar agora qual*

*que é o seu valor
Antes de começar faça
a sua oração
Faça o sinal-da-cruz para*

*fazer jus
Pensar nas ruas
pedindo a Jesus
A proteção que nos conduz
A entrada nesse túnel e
no fim achar a luz*

Depois de 20 anos na garupa de Jesus, Kuriaki quer saltar no ponto. Garupa de motoca periga acabar. E profissão de motoboy não rende mais como antes. Em 1988, quando começou no ofício escondido da mãe, era bem remunerado. Recusou contratos de R\$ 1.500, trabalho filé, cinco a seis entregas por dia, no máximo. Poucos tinham coragem de frisar o chão. Hoje tem muito moleque aventureiro e tiozinho aposentado. Aceitam ganhar R\$ 50 por dia sem cálculo de trampo, das 6h às 18h, das 20h à madrugada. Tiram no acelera, torcem o cabo, principalmente a garotada de 18. Kuriaki está soltando da rua.

*Poder voltar pra casa,
cumprir com o meu ofício
Poder entrar na goma, dar*

*um beijo,
um abraço na mulher e nos*

meus filhos

Com a grana de motoboy e a ajuda da mulher (ex-digitadora dinâmica, atual secretária do ramo da arquitetura), comprou a goma, um apartamento na Vila das Mercês, zona sul de São Paulo. Financiado, mas comprou. Tem dois meninos, Kurydan - ligação direta de Kuriaki com Daniela - e Victor Kuriaki. Os moleques curtem a profissão do pai, mas ele quer mudar de rumo. Fez a letra de Motoboys, uma das trilhas do Motoboy Festival 3ª edição, que começou na quinta e termina hoje. Tem tocado percussão com o MC Sombra, ex-S.N.J., com o Maionezi do Sp Funck, com o Oscar do grupo Broz, com o Melwin e o Anão. A única pessoa que está mesmo apoiando o filho a passar do asfalto pra música é d. Cinira. Mãe é mãe.

*Cachorro sempre louco,
tatuado no braço
A moto é extensão entre
mim e o asfalto
Coloquei o meu CR,
a luva e o capacete
No caminho, vou lembrando,*

*a moto me guiando
O mundo está girando, o
tempo está passando
Respeito é respeito, mas
ninguém está lembrando*

Kuriaki é extensão da moto. Vão juntos à padaria da esquina, ao fim do túnel, à pqp. Só se largam à beira do campo, na hora do futiba. A CG 150 e ele. Só na adrenalina, os dois. Turbinados. Impacientes. Insônes. Gostam do cheiro um do outro. Aroma de graxa, de poluição. A pele dos dois deu uma encaroçada. Filtro solar é luxo. Alimentação é luxo. Motoboy guarda o dinheiro da refeição e come um dog. Fuma para perder a fome. Kuriaki tem 35 anos, faz aniversário em agosto, mas diz que tem 36. Motoboy sempre anda um passo à frente. Na pressa.

*Olho por olho, dente por dente
Marginal Tietê,
Castelo Branco,*

*Vila Prudente
Pinheiros, Bandeirantes
Está morrendo muita gente
É acidente sobre acidente
Olha, motorista, e vê se
não vacila
Em cima dessa moto há um*

*pai de família
Que segue sua rotina como*

manda o dia-a-dia

Fique claro que Kuriaki não é cai-cai. Não vive tomando capote. Também fique claro que já arrancou muito retrovisor de carro no pé. Mas aconteceu de um dia, parado no farol, o carro vir por trás e jogá-lo longe. Ganhou um pino no joelho direito. O rasgo na perna esquerda, que alcançou o osso, veio do senhor que abriu a porta no meio do trânsito. Os 17 pontos no peito do pé esquerdo foi um pé-de-breque que provocou. Pé-de-breque é ala B, motoca inexperiente, que fica se aventurando na rua. O pé-de-breque se assustou, fez uma manobra atrasalada e acabou prensando o pé de Kuriaki entre o estribo dele e a roda dianteira do outro. Estourou a carne. Por baixo da barbicha tem outra cicatriz. Kuriaki esteve a 5 milímetros de perder o beiço com uma linha de pipa que lhe cruzou a cara. Mais tarde, ensinou o caçador de pipas a empinar moto. O moleque até virou motoboy, mas desistiu. Não agüentou.

*Temos que falar tudo na lata
Somos cachorros,
não vira-latas
Se for pelo errado, eu sumi
na fumaça
Motoboys, motoboys,
sempre junto, nunca sós
Esta é nossa verdade, moto é*

a nossa voz

125 motivos para correr

Ele já se esqueceu de quem é Rivail da Silva Menezes Junior. Encarnou Junior13, que remete ao artigo 113, de insanidade mental. Junior é louco porque faz muitas coisas ao mesmo tempo. É uma pessoa coletiva. Anda de moto, de skate, é cozinheiro, barman, garçom, cantor. Formou um grupo com outros dois motoboys, o Carlinhos e o Renato. Daí o CR13 mc'''s, cuja base é rap, mas cujo complemento de som é banda. Confessa que o nome foi uma

boa coincidência. Hoje menos, mas, na década de 80, quem não tivesse um CR, um jaco (jaqueta) California Racing, não era cachorro louco. Vai mandar e-mail pro alemão dono da grife. Quem sabe ele não patrocina 125 Motivos de Correria, carro-chefe do grupo.

*Pode crer, se liga então
Como é difícil acelerar nesse*

*trânsito fudido
Mas acelero, no corredor
Tirando fina do carro do*

*doutor
Que coisa triste, nem imagina
Vi um irmão deitado na pista
e todos param, esquecem a*

*pressa
Esperando que o irmão
saia dessa
Resgate chega, sem espanto,*

*mano tá bem
Está respirando, vou nessa*

Na terça-feira Junior13 acordou com o pé direito. Má sorte. Quando passava pelo túnel Rebouças, um carro entrou na faixa da esquerda sem dar seta. Junior13 vinha pelo meio. Não deu tempo nem de buzinar. O rapaz do carro disse que, quando Junior13 gritou, a moto já estava no ponto cego. Junior13 rebateu que cego estava o rapaz que não tinha olhado pelo retrovisor. O rapaz disse que olhou. O pé direito de Junior13 doía. Pra azar do motorista, passaram uns 20 motoboys que estavam na manifestação do dia 18 e reconheceram o 13, autor do rap que tocava nos carros de som em frente da prefeitura. Junior pediu pra não se inflamarem, estava tudo certo, o rapaz deu assistência. Motoboy faz aquele fervo todo porque é complicado. Só entende quem está no trânsito. Se o motorista dá uma seta e entra, o motoca até releva. Mas, pô, entrar sem seta é o fim. Tem que ficar atento. Uma piscada, a vida pode estar acabada. Verso bom pra outra música. Pediu pra uma amiga anotar.

*Mas o governo poderia
interagir
Não criando taxas,
não, não assim
Estou feliz, eu tenho
um emprego
Mas não tenho nem*

décimo-terceiro
Estou de boa, tô na pegada
Mas não tenho nem
carteira assinada
Plano de saúde, seguro
de vida
Segurança pra minha família
É, isso seria bom
Mas não desistam,
Quem sabe um dia vai
melhorar,
E nossas vidas, pode mudar

Faz cinco anos que Junior13 é motoboy esporádico. Quando precisa de uma fonte de renda imediata, sobe e desce da Avenida Paulista com malotes do Banco do Brasil. Mas não gosta de trabalhar com moto. Gosta de andar de moto, é pioio do asfalto, a STX 200 Sundown voa liso na pista. Ainda está no zero a zero no quesito fratura. Na sua idéia, para virar motoboy, ou o figura é acomodado, ou não é normal. O sangue do cara é gasolina. Tem que ser uma pessoa que crie um personagem próprio, uma máscara, porque o perigo é muito grande.

Os novos requisitos de segurança aumentaram o piro na cabeça do motoca: dispositivos retro-reflektivos e fluorescentes no capacete, no colete e no baú, além de uma película refletiva na placa e um possível aumento do DPVAT, fora a proposta de proibir carona. Dar de frente com os cavalos de aço da Rocam (Rotas Ostensivas com Apoio de Motocicletas) cobrando medidas arrepia a alma. Junior13 quer corredor nas artérias da cidade. O da 23 de Maio foi cancelado por motivo de lentidão na avenida. Ficou injuriado. Moto não faz trânsito, moto costura trânsito. Quem faz trânsito são os carros.

*Ei, cachorro louco,
loucos motoboys*

Todo dia eu corro um risco

Trilha feminina

O batidão Amor de Motoboy tocou ontem e tocará hoje nas eliminatórias do concurso da Musa Motoboy e do Motoboy Top Model do festival. Para ser Musa, basta ter mais de 18 anos. A vencedora será premiada com uma motocicleta 0 km e participará do ensaio de uma revista masculina. Já o candidato do sexo masculino precisa trabalhar como motociclista profissional, apresentar cópia da carteira de habilitação e fotos coloridas de rosto e corpo. Vai fatalmente passar por Paquitão. Motoboy legítimo, digno de selo do Inmetro, é do tipo cicatrizado. O pó de arroz é fuligem.

*A vantagem de ir na moto
Agora é revelada
Meu amor só usa
Gasolina aditivada
Aditivada
Aditivada
Aditiva, aditiva
Que eu fico mais facinha*

Amor de Motoboy foi feito pelas amigas Thais e Flavia, inspiradas por um amigo e pelo irmão cachorro louco de Flávia. A música ganhou um concurso de música funk do curso de teatro que freqüentam. As duas não dirigem carro, moto muito menos. Mas apreciam a categoria pela união. Junior13 diz que as motos zeradinhias e mais caras é que fazem sucesso com as meninas. Mas elas sobem na aparência. É por isso que muitas morrem. Quem sabe mesmo torcer o cabo na segurança, garante Junior13, é o motoca da periferia.



Músicas publicadas no site Canal Motoboy

Audio: Clip son

ouçam o "Rap do Motoboy" de autoria do Poeta dos Motoboys

Neka 2008-05-18 01:03:01 [Neka cultura](#)
[música](#)

Rap dos Motoboys (Marcelo Veronez)

ANDO A MILHÃO COSTURANDO O TEMPO
INTEIRO
NA 23 DE MAIO EU VOU COLANDO O PONTEIRO
REFRÃO
O ENGRAÇADINHO EU VOU BUSCAR
ELE SAI PARA DIREITA,SÓ PARA VER O ROJÃO
PASSAR

QUANDO VEJO A PLAYBOYZADA FAÇO ELES
PAGAREM UM PAU
EU QUEIMO A SEGUNDINHA E SUBO A MOTOCA
NO GRAU
AS MINAS CAEM DE QUEIXO E OS BOYS FICAM
BABANDO
AI JOGO A TERCEIRA E A PLACA EU VOU
RASPANDO
SE EU LEVO UMA FECHADA DE MULHER EU
MUDO O ESQUEMA
SE É HOMEM EU OLHO FEIO,CADA UM COM
SEUS PROBLEMAS
POIS EU SOU MOTOQUEIRO NA RUA
DESRESPEITADO
O MEU TRAMPO TEM HORÁRIO,TENHO QUE
ANDAR EMBOLADO
EU QUERIA ANDAR MANHA E TRABALHAR COM
SEGURANÇA
ENQUANTO A GENTE SE MATA É O PATRÃO
QUE ENCHE A PANÇA
SE EU TROMBO UM SANGUE RUIM ELE SACA A
PT
ME LEVA A MOTOCA E ME DEIXA COM O
CARNÊ
SE PASSA UM MOTOQUEIRO ACELERANDO UM
POUCO
JOGO UMA PARA BAIXO E VIRO UM CACHORRO
LOUCO
SENHORES MOTORISTAS OLHEM NO
RETRÓVISOR
PODE VIR UM MOTOBOM A 110 NO CORREDOR
SE AGORA VALE PONTO EU NÃO QUERO NEM
SABER
VÂO TOMAR A MINHA CARTA MEU CIC E MEU
RG

REFRÃO

VOCÊ DIZ QUE ACELERA EU TE CHAMO DE
BRAÇÃO
VAMOS AGORA PARA A PAULISTA ABRIR O GÁS
NA CONTRA MÃO
MOTOQUEIRO SANGUE BOM, ANDA,ANDA E
NUNCA BATE
ANDA ATÉ DE VIATURA .MAS NÃO ANDA DE

RESGATE
UMA VEZ NA RADIAL UM VACILÃO ABRIU A
PORTA
ME SOBROU UM BRAÇO QUEBRADO E UMA
PAR DE BENGALA
TORTA
FUI FALAR COM O CRETINO ELE ACHOU QUE
TINHA RAZÃO
MAS DESCONVERSOU A HISTÓRIA NO DP DA
ACLIMAÇÃO
QUANDO É VERÃO NA 23 EU VENHO ALERTA
PESCOÇANDO AS CARANGAS SÓ PARA VER
PERNINHA ABERTA
MOTOQUEIRO VEM ATRÁS E VAI SACANDO A
MINHA
NÃO SOU O FAUSTO FAWCET, MAS SOU A REI
DA CALCINHA
PARA TIRAR UM BARATO O VERMELHO VOU
AVANÇANDO
GUARDINHA VAI MULTAR E ARANHA TÁ
TAMPANDO
AI FAÇO UMA GRAÇA PARA AUMENTAR A
BRINCADEIRA
VIRO A ESQUINA BABANDO RASPANDO A
PEDALEIRA

REFRÃO

DE MANHÃ NA MARGINAL EU COSTURO A
MILHÃO
DOMINGUEIRO JOGA EM CIMA,EU ESCAPO NO
QUEBRÃO
MAS SE ESTÁ CHOVENDO EU NÃO FICO
APAVORADO
PISO NO FREIO TRASEIRO E TIRO A MOTOCA
DE LADO
SE VOCÊ É INCONSEQUENTE,SUA SORTE JÁ
FOI LIDA
SEJE CAUTELOSO DUAS RODAS UMA VIDA
EU QUERIA APROVEITAR PARA TOCAR NO
CORAÇÃO
POR FAVOR NÃO SE EMOCIONE, ME AJUDE NO
REFRÃO
PÁSSARO DE FERRO VOANDO PELA CIDADE
ALGUNS FAZEM POR QUE GOSTAM,OUTROS
POR NECESSIDADE
AINDA VIVE LIVRE MAS NÃO SE ARRISCA MAIS
JESUS CRISTO LHE DEU ASAS, MEU IRMÃO
DESCANSE EM PAZ
SE ESTIVESSE AQUI COM CERTEZA PEDIRIA
PROTEÇÃO À APARECIDA EM MAIS UMA
ROMARIA
REFRÃO

A poesia dos motoboys

AUTOR: MARCELO VERONEZ

EU RODO POR AI PARA LÁ E PARA CÁ
DE MANHÃ NO SOL NA CHUVA EU SAIO
PARA TRAMPAR
EU NÃO NASCI EM BERÇO DE OURO, SE
LIGA BACANA
EU ATUO NA PROFISSÃO QUE TRITURA
CARNE HUMANA
MOTOBOM DE RESPONSA CORRERIA O
DIA INTEIRO
NÃO ARRISCO MINHA VIDA PARA
CHEGAR PRIMEIRO
PARA GANHAR O PÃO EU CONTO COM A
SORTE
SOU UM SOBREVIVENTE QUE DESLIZA
PELO CORREDOR DA MORTE
HEI JHOU PRESTE ATENÇÃO, VOCÊ
QUE DISCRIMINA E ME TIRA DE LADRÃO
EU REZO TODO DIA PEDINDO
PROTEÇÃO
CAPOTE VIOLENTO, HOMEM E MÁQUINA
NO CHÃO
É CENA NORMAL VER UM MANO EM
COMA NA UTI DE UM HOSPITAL
MAS EU NÃO QUERO VER ESTA CENA
NUNCA MAIS, VOCÊS E O
POETA DOS MOTOBOMS NESTA LUTA
PELA PAZ, CHEGUE MAIS DE A MÃO,
SÃO 200.000
PARA FORMAR ESTE CORDÃO, EU LUTO
PELA VIDA E VAI TER QUE SER ASSIM
VOU DEIXANDO UM RECAZO PARA OS
MULEQUES DAS DREAM
FIQUEM ATENTOS, LIGEIROS
APRENDAM UM VELHO MACETE
AO INVÉS DE DROGAS NA CABEÇA
USEM SEMPRE O CAPACETE
PORQUE O PERIGO NÃO DA TRÉGUA,
NEM SEQUER UM MOMENTO
E PODE TE ENCONTRAR EM QUALQUER
CRUZAMENTO
VARIANTE DE FEIRANTE QUASE ME
MATOU DEU PANE NO SISTEMA E O
CARA NÃO FREIOU, SAI VOANDO, VOCÊ
TINHA QUE
VER, PARA STEVEN SPIELBERG EU
SERIA O DUBLÊ, LEVANTEI

RAPIDINHO NENHUM ARRANHÃO, tá
PENSANDO QUE É MILAGRE
MAS TEM EXPLICAÇÃO, TÔ COM Deus
SOU HERÓI, SEM CARTEIRA
ASSINADA PROFISSÃO MOTOBOM,
TUDO DE RUIM já SUMIU
DA MINHA LISTA, CHAMO NO GRAU
DETONO NA PISTA, TAMBÉM SOU
ARTISTA, VERSÃO BRASILEIRA DO
MOTOBOM PAULISTA, QUANDO
VEJO UM COMANDO ME MANDO, VOLTO
AMANHÃ, CANSEI DE DEIXAR
MOTO LÁ NO PÁTIO DO DETRAN,
DAELIM, RDZ, E ATÉ UMA TITAN
TERÇA FEIRA PASSADA UM TREMENDO
SUFOCO, CARROCINHA
AMARELA PARA PEGAR CACHORRO
LOUCO. O GUARDA OLHOU PARA
MINHA MOTOCA E COMEÇOU A DAR
RISADA, ELE ACHOU A
MAGRELA UM TANTO ENCORPADA
- EU NUNCA VI TURUNA 80 COM MOTOR
DE STRADA
-ENTÃO VOCÊ NÃO VIU NADA, tá TUDO
NORMAL, COMPREI LÁ
NAS BOCAS TENHO NOTA FISCAL, NA
GENERAL
-VOCÊ É CARA DE PAU, OLHA ESSE
PAINEL, OLHA O
ESCAPAMENTO, OLHA O PNEU CARECA,
E O LICENCIAMENTO, A
CASA CAIU VOU PRENDER SEU
DOCUMENTO
-PODE PRENDER QUE EU TIRO DEPOIS,
ENQUANTO ISSO VOU
RODANDO PORQUE
TENHO 2,0 MEU CABRITO NÃO
BERRA, EU QUERO A PAZ NÃO A
GUERRA
EU LEVO SUA PIZZA, ENTREGO SUA
MENSAGEM, PERCORRO EM UM
SEGUNDO OS QUATRO CANTOS DA
CIDADE, OBSERVE COM ATENÇÃO
QUE VOCÊ VAI PERCEBER SOU
CENÁRIO DA CIDADE QUE NÃO
PARA DE CRESCER

Transcrições

Dados da entrevista 1

Documentador: emissor Tadeu

Data: 05/05/2007

Horário: 14h20



Ilustração 1 - Entrevistado

Doc: agora eu vou entrevistar o Rafael...conhecido como Monicão...e aí Monicão...quanto tempo você trabalha na rua?

L1: ...dois e meio...

Doc: qual as dificuldades que ce...que ce... vê na rua...assim no dia-a-dia?

5 **L1:** todas possível...(pausa)...poluição na cara...além de agüentar muito desaforo dos outros...carro fechando nós todo o dia...toda hora...

Doc: e os problemas éh::::...São Paulo é uma cidade muito esburacada?

L1: demais....demais....aqui mesmo tem um....isso acaba com as rodas do pessoal....das motos...

10 **Doc:** éh::::...esse prefeito....ce viu agora que ele tá querendo proibir os motoqueiros de andar no corredor....que que ce acha que ele quer com isso aí?

L1: primeiro lugar tem que proibir ele de falar mano....oh::::...proibir nada...ele só quer complicar motoqueiro...tem que complicar eles que rouba pra caramba....

Doc: em vez de...de... ajudar eles só querem complicar....

15 **L1:** só complicar....motoqueiro é uma raça (desgraçada)...só quer complicar nós...

Doc: isso aí valeu Rafael....obrigado....

L1:....(pausa)....de nada...

Dados da entrevista 2

Documentador: emissor Tadeu

Data: 05/05/2007

Horário: 14h19



Ilustração 2 - Entrevistado

Doc: hoje eu to entrevistando aqui o Murilo...ele também trabalha de moto na rua...

Murilo quanto tempo ce trabalha de moto na rua?

L1: dois anos...

Doc: que que ce acha do trânsito de São Paulo?

5 **L1:** ((barulho))...péssimo... uma merda

Doc: ce acha que agora esse prefeito tá querendo proibir os motoqueiros de andar no corredor....tal quer.... que que ce acha que ele quer com essa lei aí?

10 **L1:** vai matar uma par de motoqueiro....de moto....pode ser::: a melhor moto do mundo... o carro brecou....moto não breca pá.... não tem freio pra parar... não é tão rápido que nem carro né...

Doc: ce acha que essa profissão de motociclista tá meia::: os caras tão querendo excluir ela do de São Paulo?

L1: éh lógico... o cara tem o motoqueiro como maloqueiro e ladrão...

Doc: ()....valeu Murilo....obrigado

15 **L1:**...falou

Dados da entrevista 3

Documentador: emissor Tadeu

Data: 04/05/2007

Horário: 23h22



Ilustração 3 – Entrevistado

Doc: tamu aqui::: entrevistando mais um motoqueiro de São Paulo....o Anderson...conhecido como Deton... Deton que que você acha do corredor da Sumaré?

L1: Ah maluco... ficou a pampa né::: aí ficou melhor pra nós já andar....né mano....

5 porque as outras avenidas não dá pra correr não mano....porque o corredor....não existe corredor....não existe... tem que andar atrás do carro....

Doc: ce acha que invés do prefeito proibir o motoqueiro de andar no corredor... ce acha que ele fazendo um um corredor igual da Sumaré em outras avenidas ia resolver o problema?

10 **L1:** lógico...aí já ia ficar bem melhor () ... mais rápido pros motoqueiros...

Doc: se você pudesse mandar um recado pro Kassab.... o que você falaria pra ele?

L1: ((risos))... o que eu falaria pra ele doidão?... ah::: mano... arruma as ruas aí pra nós mano... dá uma melhorada aí né mano () no corredor....

Doc: é isso aí... obrigado Anderson....()

Dados da entrevista 4

Documentador: emissor Tadeu

Data: 04/05/2007

Horário: 23h21



Ilustração 4 - Entrevistado

Doc: hoje eu vou entrevistar um::: outro motoqueiro...Daniel... Daniel...quanto tempo você já trabalha na rua?

L1: dez anos...

Doc: éh::: Daniel que que você acha com essa nova lei que o prefeito tá querendo colocar 5 em São Paulo... que é proibir os motoqueiros de andar no corredor?

L1: éh...o intuito do Kassab primeiramente é arrecadar multa... porque se fosse pra ele priorizar a segurança do motoboy... com certeza ele faria mais vias de corredor como o que tem na Sumaré... mas não vai prejudicar só a gente motoboy... vai prejudicar a indústria né... na venda de moto... porque São Paulo vende muita moto... as concessionárias.... as 10 lojas que vendem peças... e o trânsito vai piorar... porque a moto ocupa o espaço de um carro... então não vai resolver nada... vai piorar pra todo mundo... então isso é ridículo... essa lei... tem que pensar num conjunto... que vai estar atrapalhando todo mundo na sociedade...

Doc: éh isso aí... obrigado Daniel...

Dados da entrevista 5

Documentador: emissor Ronaldo

Data: 09/05/2007

Horário: 13h49



Ilustração 5 - Entrevistado

Doc: Como você chama e quanto tempo você trabalha na rua?

L1: aê....meu nome é Fábio...trabalho há quatro anos na rua e já tive minha moto roubada... porque é muita negligência do pe... do próprio pessoal da polícia aí... às vezes tá perto... não tá olhando direito... a gente não tem um lugar legal pra parar nas empresas... as

5 empresas deixam de criar um espaço pra gente poder por a moto... que ... meu é muito complicado... e acontece de a gente acabar sendo roubado... trabalhando... às vezes pagando moto... várias coisas... e o pessoal não tem:: um respeito pela gente que é um profissional... [atrás da moto... tem um profissional ali... querendo ou não...]

Doc: ...que tem família...

10 **L1:** ...tem família tem tudo... e o pessoal trabalha no dia-a-dia aí... sol... chuva... o pessoal tem que... o pessoal tem que vê que a gente precisa de um lugar legal nas empresas pra parar... muitas empresas usam... quase cem por cento das empresas usam motoboy dia-a-dia... querendo ou não... e não tem espaço pra parar... é o que acontece...

Dados da entrevista 6

Documentador: emissor Ronaldo

Data: 04/05/2007

Horário: 18h04



Ilustração 6 - Entrevistado

Doc: quanto tempo ce trabalha na rua?

L1: seis anos

Doc: que que ce acha que::: deveriam fazer pra melhorar a categoria?

L1: ah::: pra melhor a categoria... tinha que ter mais... ((pausa)) colocar mais corredor de

5 moto... igual da avenida Sumaré... facilitar::: onde estaciona moto... às vezes a gente
estaciona de um lado e vai lá pro outro lado... ((pausa))

Doc: ...financiamento de moto...

10 **L1:** financiamento também... melhorar a nossa parte de salário que
caiu pra caramba de cinco anos pra cá... tá defasado pra caramba... deixa eu ver o que
mais... ((pausa))

Doc: ... éh tanta coisa que fica difícil falar...

L1: fica e sem contar a guerra que é no trânsito...

Doc: até com os próprios motoqueiros...

L1: até com os próprios motoqueiros...

15 **Doc:** muita gente muita gente não respeita nem os próprio motoqueiros e muita gente
atravessando fora de faixa...

L1: Vixi... ali na avenida santo amaro... no no na Sumaré... os carros mesmo ficam
atrapalhando os próprios carros e os motocas... agora que eu vim pra cá tava acontecendo
isso...

Dados da entrevista 7

Documentador: emissor Ronaldo

Data: 03/05/2007

Horário: 21h04



Ilustração 7 - Entrevistado

Doc: quanto tempo ce trabalha na rua?

L1: ah... eu... vinte anos...

Doc: que que ce acha da proibição do::: motoqueiro andar no corredor?

L1: isso é ridículo... é melhor e tirar as motos da rua então...

5 **Doc:** a::: faixa da avenida Sumaré... ce acha que tá perfeita ou falta alguma coisa?

L1: falta os alambrados pelo canteiro ali... do do lado da área de dentro (ali) ... eu tive um acidente... um pedestre atravessou entre a rua Caiubi... ele pensou que o sinal estivesse vermelho... e eu estava com pressa mesmo... adentrou o vermelho e eu colidi... atropelando o mesmo... sou uma prova de que isso daí está super errado ... prova viva... graças a Deus

10 nê...

Doc: quanto tempo ce ficou afastado das ruas?

L1: eu fiquei afastado... graças a Deus... dois finais de semana...(nove dias)

Doc: já pôde voltar a trabalhar?

L1: já pude voltar a trabalhar...

Dados da entrevista 8

Documentador: emissor Ronaldo

Data: 29/04/2007

Horário: 04h04



Ilustração 8 - Entrevistado

Doc: oba... quanto tempo ce trabalha na rua?

L1: bom... há mais ou menos uns dez anos... mais ou menos...

Doc: que que você acha que mudou desse tempo pra cá?

L1: o que mudou?... eu vou te falar bem o que mudou... éh::: de de coisas boas... fizeram a
5 faixa ali na avenida Sumaré... de resto aumentou meu IPVA... aumentou o seguro
obrigatório... IPVA da minha moto eu pago cento e dez reais por ano... seguro obrigatório é
quase duzentos reais... e hoje de manhã eu vi uma reportagem na televisão... o que é gasto
por ano com motoboys... dez milhões de reais...

Doc: fo fora que eles querem cobrar o pedágio agora...

L1: já tão... começaram a cobrar...e o que acontece... acho que só quem ganha... é as
10 empresas que tá ganhando... através disso...entendeu?... e::: a discriminação que a gente
tem... eu acho que.... falou que a criminalidade a maioria é feito por motoqueiro... o pessoal
confunde muito... qualquer um pode ter uma moto... entendeu?... eu tenho família... é desse
serviço que eu crio... tenho dois filhos que eu crio... eles estudam... eu pago meus
15 ((gravação interrompida))

Dados da entrevista 9

Documentador: emissor Renato

Data: 04/05/2007

Horário: 10h27



Ilustração 9 - Entrevistado

Doc: Como ce chama e...quanto tempo ce tem de rua?

L1: éh:::Diego...e eu tenho mais ou menos uns sete, oito anos de rua...

Doc: que você acha da falta...da proibição dos dos motoqueiros andar na na no corredor...e:::essa faixa nova...o que você acha? delas também... se vão ficar boa...

5 **L1:** eu acho inviável porque...já tentaram fazer corredor exclusivo de motos na Rebouças...
e não foi bem sucedido...porque você vê motorista de carro andando na faixa de motoris/ de
motoboy...motoboy andando na faixa de motorista...então...pra mim é mais uma invenção da
prefeitura porque isso aí...éh pra mim não vai dar certo não...(pausa)...proibição pra mim
não vai dar certo por quê?...porque::: jamais motoqueiro vai querer andar atrás de
10 caminhão....de carro e etc. ...entende?...então pra mim é uma coisa que não vai dar certo...

Dados da entrevista 10

Documentador: emissor Neka

Data: 04/05/2007

Horário: 18h14



Ilustração 10 - Entrevistado

Doc: qual o seu nome?

L1: Edgar Santos...

Doc: Quanto tempo ce trabalha na rua?

L1: o oito anos...

5 **Doc:** qual sua opinião em relação a esse problema?

L1: acho que realmente o cara tinha que ver mais...o cara que fez isso aí não é motoqueiro...e::: ele devia ter um plano melhor pra gente trabalhar na rua... porque assim evitaria mais acidentes... melhorar as condições do motoqueiro na rua...

Doc: trabalha com registro?

10 **L1:** trabalho...

Doc: que ce acha que tem que melhorar....pra melhora a categoria?

L1: acho que::: mais segurança... e também e conscientizar os os motoristas que o o (risco) que gente corre também...pra eles não ficar... xingando também... acho que é isso ...

Doc: educação...

15 **L1:** educação éh::: conscientizar mais a... a população sobre o motoqueiro também... só isso só...

L1: falou...obrigado...lohh... Canal Motoboy...

Dados da entrevista 11

Documentador: emissor Neka

Data: 30/04/2007

Horário: 15h51



Ilustração 11 - Entrevistado

Doc: iohh...Canal Motoboy aqui na Líbero Badaró...qual o seu nome?

L1: Jéferson...

Doc: Quanto tempo você trabalha na rua?

L1: quatro anos...

5 **Doc:** já ficou sabendo aí da lei nova aí que a prefeitura quer proibir tal...qual sua opinião?

L1: na minha opinião....eu acho que::: se caso eles proibirem...muitos motoboys vai ficar desempregados...e outra... éh::: muitos pagam o motoboy porque ele é mais rápido e é mais prático...agora se impedir o motoboy de pegar o corredor... mais vantagem a pessoa ir de carro... entendeu?.... é onde praticamente o Brasil para...porque pra o o o motoboy que que

10 **L1:** movimenta São Paulo... essa é a minha opinião...

Doc: éh::: que que ce acha pra melhorar a categoria que é preciso fazer?

L1: pra melhorar?...

Doc: ...a categoria

15 **L1:** bom...na minha opinião teria que ter mais empresas responsáveis...certo?...éh::: porque muitos motoboys ((gravação interrompida))

Dados da entrevista 12

Documentador: emissor Edison

Data: 04/05/2007

Horário: 18h10



Ilustração 12 - Entrevistado

Doc: qual seu nome e quanto tempo ce tá na rua?

L1: Vinícius... quatro anos....

Doc: éh::: que ce acha dessa nova lei aí do::: motoqueiro não entrar no corredor....dos carros?

5 **L1:** palhaçada total irmão...que pô comé/ que a gente vai andar... se a gente tem que parar atrás do carro?... então o serviço de motoqueiro vai ser em vão... as firmas não vai pedir mais porque o::: serviço de motoboy é o mais rápido que tem meu...e::: (pausa)

Doc: () pra melhoria da da nossa classe de motoboy?...

L1: um salário melhor né irmão... os caras respeitar mais e tal... um convênio médico...

10 TDas as firmas deveriam ter isso aí...()

Dados da entrevista 13

Documentador: emissor Edison

Data: 03/05/2007

Horário: 14h32



Ilustração 13 - Entrevistado

Doc: quanto tempo ce tá na rua e qual seu nome?

L1: meu nome é Ricardo e faz quatro anos que eu to nessa vida louca...

Doc: ((barulho))... que ce acha dessa nova lei que nós não podemos mais de andar no corredor?

5 **L1:** ((barulho))...isso pra mim não existe...() de as motos (são feita pra) andar no corredor....certo? senão não adianta o nosso trampo...

Doc: éh::: o que você acha que deveria para melhorar a nossa classe?... de motoboys o que precisaria de ()...

10 **L1:** ah mano... pra nós tem que ter um convênio certo?...um::: seguro de vida... um:::
sindicato pra nós pra nós correr junto... com junto.... a gente... que a gente corre sempre
sozinho... (pausa)... ((barulho))... aí minha opinião é essa e () em duas rodas aí... fique
com Deus aí e um bom trabalho pra todo mundo...

Dados da entrevista 14

Documentador: emissor Edison

Data: 02/05/2007

Horário: 17h39



Ilustração 14 - Entrevistado

Doc: qual é o seu nome e quanto temo ce tá na rua?

L1: éh... Marcelo Ribeiro... faz... três anos que eu tô na rua... (pausa)... então eu acho que o corredor é o seguinte... é feito pros motoboys mesmo... não tem como ficar atrás dos carros e ficar parando toda hora... não vai dar para gente fazer o serviço rápido... e a gente ganha por tempo né... e se diminuir o tempo... a gente não vai ganhar nada... então éh... eu sou contra esse negócio de de (vedar) o corredor... acho que tem que deixar o corredor pro motoboy sim... (pausa) ... então eu acho que é o seguinte essa::: é que tem lá na Sumaré o corredor dos motoboys... acho que deveria ter também na avenida Paulista... em outros lugares entendeu? E ter a via rápida... vinte e três de maio... e que a gente tem que ter éh éh... ... registro na carteira pô nosso trabalho éh éh igual igual o dos outros... tudo bem que éh que éh mais arriscado né... tem que ter insalu/ insalubridade também... puxa (acho que) a gente tem que ter mais valor e ser registrado na carteira e ter melhores salários... não precisa ser um salário também DEMAIS... tá entendendo? só o só pra gente se manter legal... que éh consertar a moto... pagar o IPVA... e::: sabe como éh que éh... é isso daí....

pra gente ganhar o o o o básico...

Doc: (isso aí)...

L1: ok...

Dados da entrevista 15

Documentador: emissor Edison

Data: 30/04/2007

Horário: 23h01



Ilustração 15 - Entrevistado

L1: éh::: meu nome é José Carlos e tenho 30 anos...

Doc: quanto tempo tá que você trabalha na rua?

L1: aproximadamente oito anos....

Doc: ...oito anos?

5 **L1:** éh::::ah::::essa nova lei vai dificulta/ né... o as entregas no dia-a-dia... e::: a gente vai acabar andando como um carro né.... então moto vai praticamente se um::: automóvel né... então não tem fundamento né... em relação sobre os corredor aí das ruas (de São Paulo)...

Doc: () acharia para melhorar.... o dia-a-dia as condições.... a classe dos motoboys?...

10 **L1:** ah eu::: a princípio assim... a minha ideia de início éh::: ter um sindicato...só né... sindicalizar toda a categoria né... montar um sindicato só... um base forte né... e::: unificar né... e a categoria ser reconhecida como uma profissão qualquer né..éh::: porque é uma profissão como qualquer outra... como professor... policial e::: tem que unificar a categoria aí e montar um sindicato só... éh isso aí que eu acho da categoria...

Doc: falou... obrigado ()...

Dados da entrevista 16

Documentador: emissor Deton

Data: 10/05/2007

Horário: 16h25



Ilustração 16 - Entrevistado

Doc: estou aqui em São Paulo entrevistando mais um motoqueiro chamado Francisco que é morador lá do Jardim Luz....e aí Francisco qual que éh a dificuldade hoje em dia pro motoboy?

L1: a dificuldade é o seguinte mano...os os polícia fica embaçando tá ligado?... os carros
5 não respeita nós... não tem faixa de motoboy pra nós parar mano... de pra guardar a moto... () tem que tirar a moto correndo senão ce já leva uma multa...e::: muitas coisas mais... entendeu?...é porque agora não vem no momento na cabeça... entendeu?...mais... no decorrer eu vou falando... eu vou entrar no site e vou publicar...

Doc: muito obrigado Francisco.... vamo ficando por aí...

Dados da entrevista 17

Documentador: emissor Deton

Data: 10/05/2007

Horário: 10h41



Ilustração 17 - Entrevistado

Doc: estou aqui na zona norte entrevistando mais um motoqueiro chamado Alex... conhecido como Pantera... e aí::: Pantera qual a dificuldade hoje em dia pra você andar na rua meu?

L1: Bom... a dificuldade é aquela mesma de sempre né... parece que é crônica né... ce tá na
5 rua os carros tá te fechando... eles não dão seta... não olham... depois que eles mudam de faixa aí eles vão ver o que eles fizeram... dão seta e olham pra trás... aí já não tem jeito né... aí não tem como brecar e ce pega bate... aí o errado é quem? sempre os motoqueiros né... aí desse jeito tá embaçado né... fora as multas que você toma à toa né...

Doc: e::: sobre a faixa de motoqueiro... ce acha que ia ficar melhor com aquela faixa igual
10 da Sumaré?

L1: Com certeza (meu) fica melhor... mas tem carro também que pega aquela faixa... aí também não tem como... tem que ficar esperto pra::: nenhum carro pegar::: aquela faixa... de motoqueiro... então se o carro pegar tem que tomar multa...

Doc: muito obrigado Alex.... vamo ficando por aí hein mano...

Dados da entrevista 18

Documentador: emissor Beiço

Data: 07/05/2007

Horário: 17h41



Ilustração 18 - Entrevistado

Doc: ((barulho)) ((vozes)) qual o seu nome e quanto tempo ce trabalha de motoboy?

L1: meu nome é Reginaldo Pereira da Silva... trabalho de motoboy já há uns oito anos...

Doc: e::: o que você acha da proibição que a prefeitura está querendo impor... pros motoqueiros não trafegarem no corredor?

5 **L1:** isso é um absurdo... se o motoqueiro não traba/ não trafegar no corredor... como que ele vai trabalhar na rua pra ganhar dinheiro... se o único meio da gente de ganhar dinheiro seria trafegando no meio... no corredor... e::: usando... entendeu? ... então se proibir isso aí a gente vai ser como se fosse um carro... não tem como ganhar dinheiro desse jeito... já ganha pouco na rua... se proibir ganhando/ pra andar atrás de veículo... não vamos ganhar
10 mais nada... vai todo mundo morrer de fome...

Doc: e::: você tem alguma dica pra melhoria da categoria?

15 **L1:** ah::: acho que o governo deveria éh::: oh... tanto os motoristas como o governo respeitar mais ao a profissão do motoqueiro que é uma profissão que a maioria dos dos pais de família usam pra poder sustentar sua família... e::: é um absurdo que desde... mil novecentos e noventa e cinco... o salário do motoqueiro na rua do esporádico éh cinco e cinquenta ... cinco reais.... a gasolina só aumenta aumenta aumenta... não dá pra nós fazer nada com isso...

Doc: falou aí Reginaldo... obrigado ... ((vozes))

L1: de nada....

Dados da entrevista 19

Documentador: emissor Alexandre

Data: 05/10/2007

Horário: 18h25



Ilustração 19 - Entrevistado

L1: meu nome é Diego... trabalho cinco an/ na cinco anos na rua... e éh o seguinte... além de uma uma remuneração melhor... uma atualização de salário... a gente tem que ser mais respeitado nas nas ruas... porque além de de imprudente... nós somos tachados como marginais... entre aspas... (pausa)... ((vozes))... e essa lei do do... ih::: caralho... volta volta...
5 essa nova lei que eles tão querendo implantar... sobre o motoqueiro não poder andar no corredor não tem como... porque se você for contar quantos milhões de motoqueiros têm na cidade de São Paulo... se for fazer uma fila deles... no trânsito... vai piorar mui/... vai triplicar o trânsito de São Paulo...

Dados da entrevista 20

Documentador: emissor Alexandre

Data: 30/04/2007

Horário: 11h05



Ilustração 20 - Entrevistado

L1: meu nome é Renan... tenho dois anos de rua aí... éh::: acho que o que devia melhorar aí pra nossa vida... nosso trabalho... seria acabar com essas firmas terceirizadas né... a famosa boca de porco... que::: aí a gente já podia já tá trabalhando direto pro cliente.... que::: aumentaria nossa remuneração... e::: sobre (isso) essa lei que eles tão tentando 5 aprovar aí... de motoqueiro não andar mais no corredor... isso aí acho que é mais uma maneira que o governo tá tentando aí pra::: arrancar mais ainda o nosso dinheiro... dificultar o nosso trabalho aí... cada vez mais.... éh isso aí...